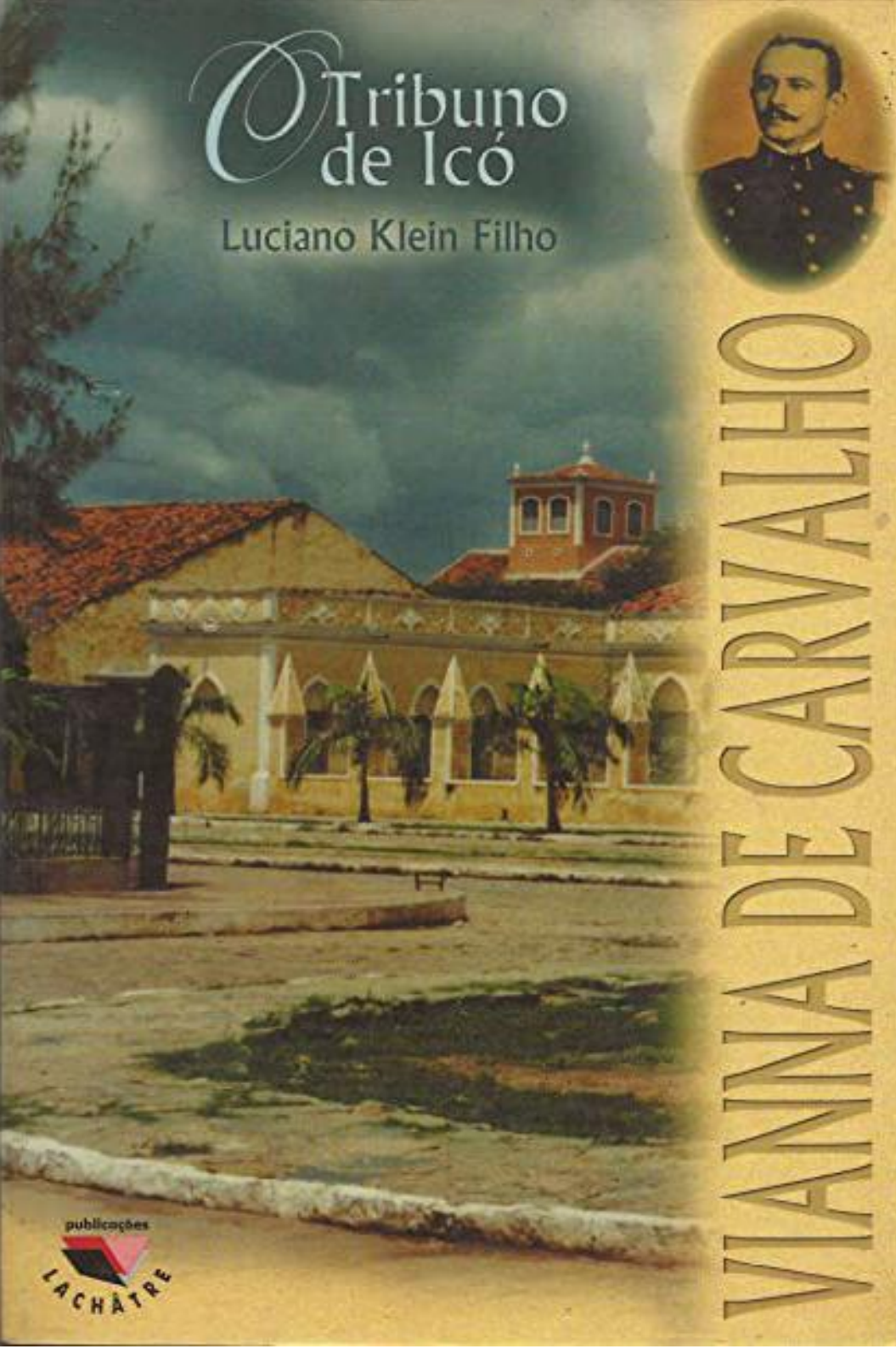


O Tribuno de Icó

Luciano Klein Filho



VIANNA DE CARVALHO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do [ebook espírita](http://www.ebookespírita.org) com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [ebook espírita](http://www.ebookespírita.org) disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



VIANNA DE CARVALHO Tribuno de Icó

AGRADECIMENTOS

Alamar Régis Carvalho (PA), Antônio de Souza Lucena (RJ), Antônio Veríssimo Sobrinho (PE), Aparecido Belvedere (SP), Ary Bezerra Leite (CE), Benvido da Costa Melo (CE), Berenice de Castro Neves (CE), Célio Alan Menezes (CE), Centro de Documentação- USE (SP), Círculo de Pesquisa Espírita (ES), Cléa Vasconcelos (CE), Cruzada dos Militares Espíritas (RJ), Divaldo Pereira Franco (BA), Federação Espírita do Estado do Ceará, Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, Federação Espírita do Estado de Sergipe, Francisco de Assis Almeida Barros (RJ), Francisco Rolim de Freitas (CE), Gertrudes Costa Sales (CE), Gilberto Cardoso (CE), Humberto Vasconcelos (PE), Jany Júnior (MT), João Batista Cabral (SE), João Carlos Neto (CE), João Elmadan Machado Maia (CE), João Vianney Campos (CE), Jorge Brito (DF), Jorge Hessen (DF), José Varella Neto (RJ), Lacordaire Abraão Faiad (MT), Leilah, Leonardo e Leônidas de Carvalho (CE), Madalena Figueiredo (CE), Maria Augusta Guimarães dos Reis (CE), Mário Caúla Bandeira (CE), Miguel Porfírio de Lima (CE), Milton Borges dos Santos (CE), Nícia Cunha (MT), Nilton Sousa (CE), Paulo Eduardo Mendes (CE), Renato de Carvalho (CE), Ruy Kremer (RJ), Sílvia Lomberti Melho- rança (MT), Sylvia Schoch Santana (RJ), Ubiratan Machado (RJ), Venicius Wagner Nogueira de Moura (CE), Walda Mota Weyne (CE), Zelito Nunes Magalhães (CE) e Zêus Wantuil (RJ).

APRESENTAÇÃO

Temos acompanhado a trajetória dos esforços empregados por nosso caríssimo Luciano na pesquisa sobre a vida e obra do grande tribuno espírita Manoel Vianna de Carvalho. Figura ímpar no nosso movimento espírita brasileiro, que, sabendo usar os recursos possibilitados pela vida nômade dos militares, levou a palavra consoladora do espiritismo para todos os rincões brasileiros por onde esteve.

Luciano vem a tempo registrar, historicamente, a obra espírita de Vianna, valorizando a presença desse baluarte da palavra evangelizadora dos tempos novos em nossa terra. Esse exemplo de vida espírita que foi Vianna de Carvalho deve falar alto aos corações de todos os que militam nas fileiras da doutrina consoladora, pois que ele levantou a bandeira de sua fé, enfrentando a sociedade de sua época, falando desassom- bradamente sobre a causa dos espíritos, fundando instituições espíritas de grande significado para a doutrinação e para a caridade.

Como ninguém, usou conhecimentos para a desobses- são dos obsediados, doutrinação dos espíritos inferiores, maus e doentes, orientando médiuns iniciantes e perturbados, alertando as almas dos homens mais renitentes a procurarem os caminhos de Deus através da fé raciocinada. E justo, pois, que sua biografia venha a lume, como uma fagulha que acende a esperança nos corações necessitados de diretrizes para o bem.

Com essa tarefa da qual o Luciano nos incumbe, a de apresentar esta revisão histórica, sentimo-nos honrado, por ter tido a chance de participar com algumas singelas contribuições e de poder estar aqui, de próprio punho, exaltando o valor, talvez nem sempre compreendido, de um trabalho que vem avivar a memória de um dos mais dedicados heróis da novel revelação de Deus aos homens, que é a doutrina espírita.

Caro leitor, receba este trabalho em seu acervo intelectual, certo de que está de posse de um verdadeiro resgate histórico que vem, novamente, levantar a bandeira da esperança através do exemplo vivo do verdadeiro cristão que foi Vianna de Carvalho.

Para ele, Vianna, a nossa mais sincera gratidão, pelo seu legado de lutas na seara redentora, ao encetar o bom combate, ao cumprir a sua missão e encerrar a sua

carreira de luz e realizações profícuas junto ao coração humano.

Ao Luciano, nossos votos de muito progresso espiritual, e de que possa utilizar-se sempre mais de seus talentos de pesquisador para trazer às nossas lembranças mais dados das realizações cristãs nos campos fecundos da paz, da esperança e da caridade, à luz da nossa sã doutrina.

L. Palhano Jr.

PREFÁCIO

"Eu não sabia", diz um infante ao escultor, "que dentro daquele bloco de pedra estava esse cavalo bonito que você tirou". Talvez dessa alegoria possamos extrair a essência do trabalho do memorialista. A pedra bruta é a ação da natureza que faz o caminho inverso da jóia que está inserida em si mesma na figura do "cavalo bonito". O tempo que esquece aquele que lhe deu a vida petrifica a memória que o artífice-historiador luta para extrair de seu estado condensado. Derrubar a barreira que separa o presente do passado, garimpar segredos que a memória teima em esquecer é mais que o simples evocar de curiosidades, mas a reconstrução da fisionomia dos acontecimentos que nos permitirão compreender os homens de outrora, as filigranas dos acontecimentos históricos e projetar nossas ações do futuro. Se nos posicionarmos mais despreziosamente, ao menos nos servirá de deleite.

Árdua, mas gratificante, é a tarefa do memorialista. Seu combustível são as pérolas que ele vai buscar no fundo do oceano. Ao mergulhar nas águas do esquecimento, ele não sabe exatamente o que vai encontrar, mas a obstinação transforma as adversidades no incentivo que o fará ligar o que foi e o que está por vir. Restabelecendo os caminhos da lembrança, o recordador reconstrói os fios do destino, reergue as marcas do tempo e engendra a compreensão da substância social da história.

Tornou-se lugar-comum afirmar-se que o "brasileiro não tem memória", talvez por isso ainda surpreenda quando um livro biográfico venha a lume mostrar o retrato de uma personalidade e sua época. No caso presente, a surpresa maior é verificar que o major Manoel Vianna de Carvalho, protagonista de carreira militar brilhante, teve esta ofuscada diante da profícuo atividade de divulgador espiritista, que poderia ser apagada pela esteira do tempo não fosse a oportuna iniciativa de Luciano Klein Filho em biografá-lo.

Alinhado aos grandes pioneiros do espiritismo na Pátria do Cruzeiro, só agora, com este exaustivo trabalho do historiador Luciano, podemos ter a real dimensão de sua importância para a implantação da consoladora doutrina dos espíritos em nossa terra, visto que, até então, de muito poucas e pálidas passagens tínhamos conhecimento de Vianna.

Encontramo-nos na era da reprodutibilidade técnica, quando meios como o vídeo, o CD-ROM, a fotografia, o gravador, o computador e outros permitem armazenar quantidades incomensuráveis de dados e informações em pequenos espaços e por um número incalculável de pessoas. Esses recursos são recentes e seus efeitos comparáveis, na história da humanidade, à invenção da imprensa por Guttemberg. No futuro, a tarefa do historiador será, sem dúvida, facilitada, mas não extinta. Os registros estarão mais facilitados, o material à disposição mais farto, a internet permitirá que ele economize as solas de seus sapatos. Mas lanço aqui uma reflexão: essa tecnologia toda não tornará a tarefa do memorialista muito fria, distante da análise e da compreensão do passado? O conforto do gabinete permitirá,

no futuro, o envolvimento do recordador com o objetivo de sua pesquisa? Estará ele exposto a essa vulnerabilidade gostosa, a essa cumplicidade sadia entre o preservador da memória e seu biografado?

Foram reflexões como estas que nos surgiram durante a leitura deste *Tribuno de Icó*. E não estamos nos referindo aos méritos das pesquisas e das minúcias a que desceu seu autor. Elas, naturalmente, valorizam o trabalho. O que estamos a nos referir é à simbiose agradável que sentimos como leitor entre biógrafo e biografado, ao entrosamento e à afinidade que surge entre um e outro a cada página que o livro avança. Luciano apodera-se de lembranças da vida edificante de Vianna de Carvalho e transporta-as com emoção e leveza para o papel, sem que estas se transformem em meros registros de armazenamento do passado. E assim a viagem ao passado deste pioneiro do espiritismo no Brasil se torna uma reconstituição afetiva e, ao mesmo tempo, utilíssima para quem sabe dar valor à preservação de sua memória.

Conforme nossa citação inicial, auguramos que “o cavalo bonito que o Luciano tirou do bloco de pedra” não seja o último, porque o movimento espírita carece de historiadores, e o acesso à essência do passado, à experiência de nossos precursores, não deve ser visto como adoração aos mesmos, mas um recurso a mais na divulgação da doutrina espírita.

Prossiga, Luciano, prossiga.

Eduardo Carvalho Monteiro

SOB AS LUZES DO ESPIRITISMO

Quando um arauto do bem, que se propôs a encarnar no mundo dos homens para assumir as acerbadas tarefas da divulgação das verdades eternas contidas no Evangelho do Cristo, adotando as luzes do espiritismo como roteiro certo e seguro, transpondo todos os obstáculos, vencendo as etapas de cada serviço delineado e programado, cumprindo integralmente toda a missão que lhe foi confiada, volta ao mundo espiritual, as potestades celestes se movimentam, acima da compreensão humana, para receber, em júbilos, aquele que ganhou o seu galardão imortal, que acumulou o tesouro do céu, que os ratos não roem, a ferrugem não consome e os ladrões não roubam. Oh, felicidade das felicidades, que existe muito além do pensamento corriqueiro dos homens, que se esquecem dos seus heróis e de seus homenageados.

Por isso é que, quando o homem de bem, pregador do cristianismo redivivo, exemplificador e testificador do Cristo, é, de alguma forma, lembrado no meio da sociedade humana, nós, os espíritos seus amigos, que testemunhamos os seus esforços e também sofremos os mesmos trabalhos, nos reunimos para agilizar na mente do pesquisador todas as nuances possíveis a serem lembradas, os bons exemplos que induzem à paz e à verdade. Falamos aos ouvidos de muitos que parecem tirar das reminiscências mentais imagens e conversas úteis que fazem referência aos feitos heróicos do vencedor; outros, ouvindo nossas vozes, abrem velhos baús e, sem saber porquê, catam documentos esclarecedores envelhecidos pelo tempo e que, como por uma espécie de ‘milagre’, acabam nas mãos do pesquisador atento. Assim fazemos, não para acicatar vaidades, mas para que a presença da personificação do bem, do exemplo da caridade reviva novamente entre os homens, apontando rumos novos aos corações necessitados de ânimo e coragem moral.

Partem de nossos espíritos para a alma do pesquisador o alinhamento preciso, a palavra correta, o acerto doutrinário, numa tarefa que lhe é cansativa, mas que

se toma prazerosa pelas presenças amigas que o envolvem a cada passo, dando-lhe a fortaleza necessária para prosseguir sem esmorecimento. Eis agora, para a nossa alegria renovada, a mesma felicidade de que todos nós, amigos, fomos acometidos, quando da volta à dimensão espiritual do lidador espírita, vencedor, pacificador de corações, doutrinador e orador por excelência. Pois é a figura dele que volta às lembranças dos homens, revivendo todos os seus esforços de exemplo de cristão verdadeiro.

E com essa felicidade que acompanhamos, desde o início, esse resgate histórico sobre o baluarte espírita de Icó, um dos que nos apoiaram em nossas tarefas, quando também, alguns de nós, estávamos no mundo, vencendo a nós mesmos, procurando avançar no cipoal das contradições humanas. O dedicado seareiro ofereceu, muitas vezes, o próprio campo de trabalho para outros companheiros que se viram alijados e discriminados de suas searas pela cupidez humana, algumas vezes pelos próprios companheiros de tarefas, que se diziam irmãos e que não conseguiam compreender a amplitude da tarefa pioneira e missionária. De outras vezes, alguns de nós fomos orientados e evangelizados por suas palavras seguras que apontavam rumos novos para obtermos a dignidade de sermos considerados filhos de Deus.

18

Saibam todos que a gratidão dos que recebem o apoio e a luz do esclarecimento, que nasce dos corações sinceros, aqui de nossas dimensões espirituais, é como fonte de amor que refulge para o coração heróico que proporcionou todo o bem possível. Enquanto, na Terra, os baluartes da Boa Nova, os apóstolos sinceros, recebem a ingratidão, a incompreensão, a desonra enganosa, aqui recebem todas as esperanças, contidas nos espíritos agradecidos que suplicam a Deus as bênçãos mais divinas para o trabalhador que bem serviu na seara cristã.

Nesta oportunidade em que foi materializada em palavras a vida e obra do lavrador espírita, do soldado do Cristo, do atleta do espiritismo nas terras brasileiras, expandem de nós a gratidão e o reconhecimento, que pedem as luzes de Deus, e que as mãos do Espírito Verdade se coloquem sobre este testemunho do escriba moderno, que, cristianizado, conta a história de um homem de bem, voltado para o serviço de semear nas terras férteis dos corações brasileiros o cristianismo redivivo. Estas são as nossas palavras, nesta oportunidade, de grande significado, da lembrança de um exemplo cristão que trabalhou sob as luzes do espiritismo.

Amigos e companheiros de Vianna (entre eles: Ignácio Bittencourt, Jerônimo Ribeiro, Leopoldo Cirne, Pedro Richard, Bezerra de Menezes, Francisco Peixoto Lins, Militão Pacheco, Anália Franco, Cairbar Schutel, Pedro Lameira de Andrade, Batuira, Juvenal Galeno e Ramiro Gama).¹

INTRODUÇÃO

Há quase cinco anos encontramos, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, em Fortaleza, uma série de artigos da autoria de Vianna de Carvalho, publicados em folhas locais, nos idos de **1910** e **1911**.

Lendo-os, tocaram-nos profundamente a coragem e o imenso amor do articulista pelo espiritismo, declarado de público em jornais laicos, num contexto

¹ **1** Mensagem psicografada durante a reunião mediúnica do Círculo de Pesquisa Espírita, em Vitória, no dia **13** de abril de **1999**, e dirigida ao autor após o envio dos manuscritos do livro *Vianna de Carvalho, o tribuno de Icó* ao seu amigo Lamartine Palhano Jr

caracterizado por preconceito e intolerância clericais.

Ficamos vivamente impressionado pela vida do ilustre conterrâneo. Decidimos, então, conhecer sua biografia e tristemente observamos que pouca coisa havia. E mais ainda, Vianna de Carvalho era para muitos espíritas, hoje, em particular do Ceará, um nome pouco conhecido, apesar das múltiplas mensagens recebidas mediunicamente por Divaldo Pereira Franco.

Aliás, o que Divaldo atualmente faz, Vianna o fez, no seu tempo, com maiores dificuldades. Foi um mágico da palavra, capaz de concretizar, pelo verbo eloqüente, os mais delicados matizes do pensamento. Percorreu quase todo o país, num intenso serviço de propagação doutrinária. Sua oratória foi considerada incomparável, sendo, ao final das preleções, aplaudido de pé e alvejado por flores que a platéia lhe atirava.

Achamos inadmissível a inexistência de um livro de cunho biográfico sobre tão importante personagem da história do espiritismo e decidimos aprofundar os estudos e aceitar essa empreitada. As dificuldades foram muitas. Não havia, praticamente, contemporâneos seus, visto que desencarnara em **1926**. Também, sem condições, não poderíamos sair do Ceará a fim de garimpar dados noutros estados. Diante disto, passamos a manter contatos epistolares e telefônicos com amigos espíritas do Brasil, possibilitando-nos a coleta de rico material de pesquisa.

Durante a consecução deste trabalho, não deixamos de pensar em Vianna de Carvalho um dia sequer. Curiosas e estranhas circunstâncias não permitiam esquecê-lo. Atualmente lecionamos no Colégio Militar de Fortaleza, sucessor da Escola Militar do Ceará, onde ele estudou e conheceu o espiritismo. Residindo no centro da cidade, no trajeto de volta do Colégio Militar, passamos pelo forte onde está situada a **10^a** Região Militar e que, na década de **20**, aquartelou o **23^o** Batalhão de Caçadores, do qual foi comandante. Ainda nesse percurso, seguindo pela rua **24** de Maio, deparamos com a casa onde morou. Nossa residência situa-se na ma Teresa Cristina, entre as atuais mas Senador Alencar e São Paulo, exatamente no mesmo quarteirão em que, na rua paralela, Princesa Isabel, encontra-se a sede da Federação Espírita do Estado do Ceará, no mesmo local onde funcionou o Centro Espírita Cearense, fundado por Vianninha, em **1910**. E, como se não bastasse, para ir à casa de meu sogro, no bairro Monte Castelo, atravessamos a ma Vianna de Carvalho... Portanto não havia como esquecê-lo.

Nesta biografia, organizada de forma didática, o leitor encontrará, em cada capítulo, farta documentação utilizada no desenvolvimento dos assuntos. Esses documentos (cartas, atas, registros, livros, artigos em jornais, depoimentos, fotos etc.) permitirão ao leitor a oportunidade de manter um contato mais direto e vibrante com os acontecimentos da época e sentir, como se voltasse no tempo, o ambiente no qual o Tri- **22** buno de Icó viveu e cantou as excelências da mensagem dos espíritos reveladores.

A conclusão desta obra só foi possível mercê da cooperação de companheiros de todo o Brasil, cujos nomes declinamos no início desta obra. No entanto, quatro pessoas distinguiram-se e merecem a nossa eterna gratidão: meu pai, melhor amigo e incentivador; Marcus Venicius Monteiro, irmão valoroso do Centro de Documentação Espírita do Ceará, que pacientemente 'perdeu' feriados e finais de semana, fazendo a crítica e a digitação dos escritos; e dois queridos confrades – grandes pesquisadores do movimento espírita — Eduardo Carvalho Monteiro, de São Paulo, e Lamartine Palhano Jr., de Vitória, que, além do estímulo, forneceram documentação de inestimável valor.

Fortaleza, **18** de abril de **1999**.

Luciano Klein Filho

CAPITULO I NASCIMENTO

1. *O cenário da chegada*

Nas últimas décadas do século XIX, o mundo viveu um desses momentos em que os ponteiros do relógio da história parecem andar mais depressa, porque novas invenções surgiram, novas situações desafiaram a imaginação, novas idéias fervilharam, novas personagens despontaram nas lutas políticas, novos problemas exigiram soluções também novas...

Nesse contexto, o Brasil foi marcado por importantes acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais. O país experimentou, mercê da ação empreendedora do visconde de Mauá, seu primeiro grande surto industrial; os movimentos abolicionista e republicano tomaram novo ímpeto; a questão religiosa abalou os alicerces da relação igreja e Estado; o espiritismo principiou na Bahia, através do labor heróico de Luís Olympio Teles de Menezes que, já em **1869**, publicava *O Eco d'Além-Túmulo*, o nosso primeiro periódico espírita.

Não obstante esses múltiplos e importantes fatos, só muito lentamente a nação abandonava as velhas estruturas e hábitos coloniais.

Graciliano Ramos ("Pequena História da República". *In. Alexandre e outros heróis*, pp. **157-8**) pinta-nos, com seu inconfundível estilo literário, um quadro perfeito do país, nessa fase final do século:

(...) o Brasil se diferenciava muito do que é hoje: não possuíamos Cinelândia nem arranha-céus; os bondes eram puxados por burros e ninguém rodava em automóvel; o rádio não anunciava o encontro do Flamengo com o Vasco, porque nos faltavam rádio, Vasco e Flamengo; na Estrada de Ferro Central do Brasil morria pouca gente, pois os homens, escassos, viajavam com moderação; existia o morro do Castelo, e Rio Branco não era uma avenida – era um barão, filho de visconde. O visconde tinha sido ministro e o barão foi ministro depois. Se eles não se chamassem Rio Branco, a avenida teria outro nome.

O Amazonas, a cachoeira de Paulo Afonso e as florestas de Mato Grosso comportavam-se como hoje. Mas as estradas de ferro eram curtas, e quase se desconheciam estradas de rodagem, porque havia carência de rodas. Nos sítios percorridos atualmente pelo caminhão, deslocava-se o carro de boi, pesado e vagaroso.

Pouco luxo nas capitais, necessidades reduzidas no campo. As cidadezinhas do interior, mediocrementemente povoadas, ignoravam a iluminação elétrica e o bar.

Este seria o cenário encontrado por Vianna de Carvalho ao reencarnar.

2. *Nova cruzada*

Numa conferência proferida no Clube Militar do Rio de Janeiro, no dia **10** de dezembro de **1974**, ocasião em que se comemoravam os trinta anos da Cruzada dos Militares Espíritas e o centenário de nascimento de Vianna de Carvalho, o médium e orador Divaldo Pereira Franco, discorrendo sobre a vida do aniversariante, mencionou:

(...) **1874**, setenta anos depois de Allan Kardec, assinala a chegada à Terra de um herói das cruzadas antigas, de um nauta das terras ensangüentadas de Saladino; de um daqueles que foram defender o túmulo vazio de Jesus, mas que, agora, volta para proclamar a indestrutibilidade do Cristo, que não necessitava de um mausoléu,

porque a sua mensagem é um poema eterno de imortalidade (...) ²

Nesta narrativa, Divaldo, que priva, há anos, da amizade do espírito Vianna de Carvalho, dá uma pista do passado espiritual de seu amigo. Vianna teria integrado o movimento das cruzadas medievais, na insana luta contra os turcos seljúcidas, no afã de libertar a região onde, acreditavam, estaria o sepulcro de Jesus.

Séculos à frente, atraído novamente à liça das reencarnações, estando noutra patamar consciencial, ele regressa para empreender “nova cruzada”, uma “cruzada santa”, através da qual levaria aos mais longínquos rincões desses Brasis a mensagem da Boa Nova espírita.

3. Registro de nascimento

Manoel Vianna de Carvalho nasceu em Icó, Ceará, a **10** de dezembro de **1874**. Era filho de Thomaz Antônio de Carvalho, professor de música e língua portuguesa da Escola Normal e do Liceu do Ceará, e de d. Josepha Vianna, mulher de raras virtudes.

O livro de assentamentos (nº **41**) da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação, ³ edificação que deu origem à cidade de Icó, em **1726**, registra, na folha **124**, os seguintes dizeres sobre o batistério de Vianna:

Aos sete de janeiro de **1875**, na Matriz, batizei com os santos óleos o Manoel, nascido a dez de dezembro de **1874**, filho legítimo de Thomaz Antonio de Carvalho e Josepha Vianna.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação, em Icó, onde foi batizado o menino Manoel (cortesia de Miguel Porfirio).

² **2** A gravação desta conferência foi-nos gentilmente cedida pelo sr. José Varella Neto, do Rio de Janeiro.

³ **3** Este livro se encontra, hoje, na Cúria Diocesana de Iguatu, na rua Eduardo Lavor, **475**, Iguatu, Ceará



Cena de Icó, próspera cidade cearense dos séculos XVIII e XIX.
Na foto, cadeia e casa da Câmara, construída em 1742
(cortesia de Miguel Porfírio).

Foram padrinhos, José Joaquim Souza Ribeiro e Thereza Barboza Vianna. Para constar mandei lavrar este termo.
Vigário Manoel Francisco da Frota.

4. Icó - breve histórico

Cronologicamente, Icó foi o terceiro município criado no Ceará, depois de Aquiraz e Fortaleza. Distante trezentos e setenta e cinco quilômetros da capital cearense, o município de Icó (antigo Arraial de Nossa Senhora do O) situa-se numa planície de terras ubertosas na zona sertaneja do rio Salgado, no vale do Jaguaribe. Região de clima quente e seco no verão e amenizado no inverno, limita-se ao norte com os municípios de Orós, Jaguaribe e Pereiro; ao sul com Umari e Lavras da Mangabeira; ao leste com o Rio Grande do Norte e a Paraíba; a oeste com Iguatu e Cedro.

Icó é palavra de Origem indígena e significa água ou rio da roça, sendo também o nome de uma tribo da nação dos Cariris, que habitava a região.

Em privilegiada posição geográfica, Icó teve rápido desenvolvimento comercial no século passado, transformando-se no grande empório comercial da região. Suas relações com a cidade de Aracati (CE) tomaram-se intensas, chegando a ser utilizados mais de mil carros de bois no transporte de mercadorias entre as duas localidades. Por seu intermédio é que se faziam todos os negócios e relações entre as províncias de Pernambuco, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e as zonas do sul e centro do Ceará, merecendo, por isso, a cidade, o título de “A Princesa do Sertão”.

A prosperidade dos criadores de gado e dos homens de negócios passou a influir na paisagem citadina, com a construção de belas igrejas e de seus famosos sobrados revestidos de azulejos. Havia grande luxo, a riqueza e a cultura desenvolveram-se assim como nos grandes centros, porque muitos jovens abastados iam estudar nas melhores universidades européias.

Depois da opulência, o declínio. Após um terrível surto de cólera que assolou a cidade, dizimando a população, veio a grande seca de **1877 a 1879**, considerada uma das piores da nossa história. A estiagem liquidou totalmente os rebanhos e ceifou centenas de vidas ante a fome e doenças. Sob o grande flagelo, Icó perdeu a liderança dos destinos econômicos da região. O seu povo, porém, continuaria firme no trabalho nas décadas seguintes, extraindo, como podia, o fruto da terra e lutando pela recondução do município ao lugar que historicamente lhe pertencera.

5. Os Carvalho

A família Carvalho é uma das mais antigas e tradicionais do Icó. Um de seus membros, o professor Thomaz Antonio de Carvalho,⁴ homem de vasta cultura, mas de humildade franciscana, casou-se com d. Josepha Vianna. Desta união nasceram os filhos José, Manoel e Alice.

Em conseqüência da devastadora seca de **1877**, os Carvalho, assim como centenas de famílias retirantes, migraram para a capital da província a fim de refazerem suas vidas.

⁴ **4** O professor Carvalho tinha a patente de major da Guarda Nacional. Foi presidente da Câmara Municipal de Fortaleza, no início do século. Segundo seu filho Renato, ele foi o pioneiro da alfabetização de adultos, mantendo uma associação contra o analfabetismo

Porém, no início da década de **80**, d. Josepha desencarnou, deixando o professor Thomaz com os três filhos adolescentes. Em **1888**, ele contraiu segundas núpcias com d. Maria Ricardina de Carvalho, que passou a cuidar dos órfãos maternos como seus filhos, dando-lhes novos irmãos: Thomaz, Waldemar, Gontran, Lélia, Alda e Renato.

Da família, somente Manoel – Manu (hipocorístico de Manoel), como era tratado na intimidade do lar – abraçaria o espiritismo. Todos, entretanto, foram simpatizantes da doutrina e, repetidas vezes, participavam de encontros fraternos em instituições espiritistas de Fortaleza ou noutros estados. Alda, por exemplo, médium de largos recursos, freqüentou, por algum tempo, um centro espírita na cidade de São Paulo.

6. O menino Manu

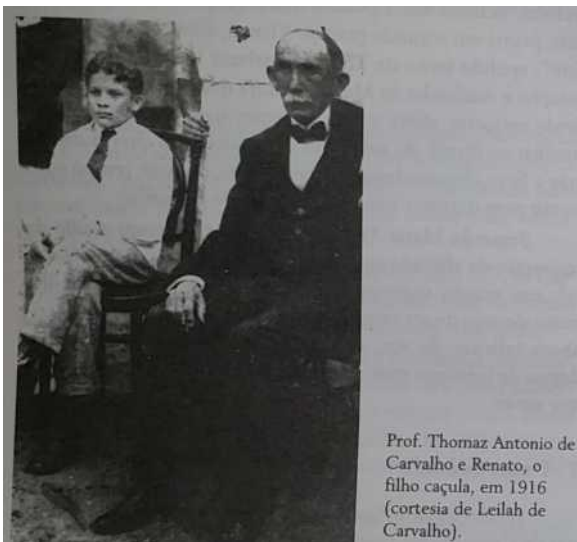
Poucas informações obtivemos da infância do nosso biografado. Relatou-nos a poetisa Maria Augusta Guimarães dos Reis, prima em segundo grau de Vianna, que sua tia-avó “Mãe Teté”, apelido terno de Thereza Barboza Vianna,⁵ irmã de d. Josepha e madrinha de Manu, contara que o seu afilhado era, desde pequeno, afeito a práticas espirituais. Tinha por hábito ajoelhar-se diante do santuário de madeira no quarto de sua mãe e ficar, demoradamente, em preces, durante tempo suficiente para derreter uma vela de cera de carnaúba.

Segundo Maria Augusta, quando d. Thereza soube da conversão do afilhado ao espiritismo, verteu, quase inconsolável, um pranto copioso. E, oportunamente, perguntou-lhe como deixara de ser cristão, ao que Manu, em firme mas carinhosa inflexão de voz, respondeu-lhe: Não! Pelo contrário; depois de tornar-se espírita, passara a ser muito mais cristão do que antes.

7. Descendência

A relação de filhos e netos do professor Thomaz Antônio de Carvalho foi assim constituída:

⁵ **5** D. Thereza Barboza Vianna, após a desencarnação de d. Josepha, tornou-se mãe de criação do menino Manu. Faleceu solteira em idade avançada, na década de **50**. Vianna, até o seu desencarne, em **1926**, mandava-lhe regularmente determinado valor em dinheiro



Prof. Thomaz Antonio de Carvalho e Renato, o filho caçula, em 1916 (cortesia de Leilah de Carvalho).

Do primeiro casamento:

1. José Vianna de Carvalho (1873-1956), casado com Juliana Perdigão Penna de Carvalho, tiveram um filho de nome Hermenegildo.
2. Manoel Vianna de Carvalho casou em 1902 com Dometília Paiva de Carvalho. Segundo relato de Renato de Carvalho, Vianna deixou um filho, que teria seguido, também, carreira militar. Entretanto, lamentavelmente, a família não dispõe de maiores informações sobre sua existência.
3. Alice Leonarda Vianna de Carvalho (? — 1953), casada com Joakim Manoel Carneiro da Cunha, tiveram os filhos Ornar, Eliomar, Wolmar, Dagmar, Iimar e Eimar.

Do segundo casamento:

4. Thomaz Antônio de Carvalho Filho (1889-1955), casado com Luíza de Carvalho, tiveram os filhos Leilah, Luciano, Leonardo e Leônidas.
5. Gontran de Carvalho (1893-1937), casado com Ernestina de Carvalho, tiveram os filhos Edith, Thomaz, Irany e Tereza.
6. Waldemar de Carvalho (1895-1962), casado com Diva Amazonina de Carvalho, geraram os filhos Maria de Lourdes, Maria Célia e Alberto. Falecida a esposa, casou-se com Maria de Lourdes Barbosa, nascendo desta união os filhos Ana Diva, Haydée Maria e Waldemar.
7. Lélia de Carvalho (1898 —1976), casada com Sebastião de Abreu (1880-1964) — irmão do historiador Capistrano de Abreu —, tiveram uma filha de nome Margarida.
8. Alda de Carvalho (1900 - 1991), casada com seu sobrinho Ornar Carneiro da Cunha, geraram os filhos

33

Joaquim Manoel, Lélia, Thomaz Antonio, Dagmar e Maria.

9. Renato de Carvalho (1904-1996), casado com Margarida de Carvalho, tiveram os filhos Renato Lucius e Sílvio.

CAPÍTULO II O LITERATO

1. *Efervescência cultural*

A transição do século XIX para o XX foi um dos períodos de produção intelectual mais fértil e diversificado da história do Brasil. Nessa época, floresceram diversos gêneros literários e multiplicaram-se os instrumentos e as instituições da vida cultural, como jornais, revistas, clubes, grêmios etc.

Foi o período em que o romantismo cedeu lugar ao realismo, ao parnasianismo e ao simbolismo, embora muitos aspectos do romantismo tenham sido conservados nas novas correntes literárias.

– Reforçando essa diversidade cultural, houve, ainda, os estudos históricos, os ensaios de crítica filosófica e literária, e as descrições e análises de estudiosos estrangeiros sobre o Brasil.

O Ceará, nesse tempo viveu, igualmente, o seu momento de efervescência cultural, projetando no mundo das letras alguns nomes que se tomaram expoentes da literatura brasileira.

A evolução das letras na “terra de Iracema” se fez, quase sempre e preponderantemente, em tomo de associações, academias e grêmios, merecendo destaque a “Academia Francesa”, o “Clube Literário”, a “Padaria Espiritual”, a “Academia Cearense” e o “Centro Literário”.

Vianna de Carvalho participou desse movimento, dando seu contributo à história das letras no Ceará. Foi poeta e prosador, atuando junto à Escola Militar do Ceará e ao Centro Literário.

2. *A escola militar*

O labor intelectual de Vianna principiou, em **1891**, na Escola Militar do Ceará, histórica instituição que marcou profundamente a sociedade fortalezense.

A Escola Militar trouxe ao Ceará um intenso movimento às atividades no campo cultural. A convivência de rapazes talentosos foi um grande estímulo à mocidade cearense, tradicionalmente propensa a fundar jornais, ao cultivo da poesia e atividades afins.

Distinguiram-se do seu corpo discente: Ulisses Sarmiento, Aníbal Theófilo, Alípio Bandeira, Marcolino Fagundes, João Barretto, Graco Cardoso, Solfieri Albuquerque, Álvaro Bomilcar, Antônio Ivo, Carvalho Lima, Francisco Barretto, Alfredo Severo, Luiz Agassiz, Manoel Poggi, Flávio Belleza, José da Penha e Vianna de Carvalho.

Ressaltemos, dentre os jornais e revistas redigidos pelos cadetes, o periódico *Silva Jardim*, científico, literário e crítico, surgido a **10** de novembro de **1891**, e a revista *Evolução*, também crítica, literária e científica, aparecida a **20** de julho de **1893**, sob a redação dos alunos Vianna de Carvalho, Leite Barredo, Luiz Agassiz, Flávio Belleza, Cortês Guimarães, Francisco Barretto, Eutychio Galvão e José da Penha, que tinha por divisa as palavras de Joseph de Maistre: “Nada do que é grande começou grande”.

Data desta fase, quando esses intelectuais de farda, ávidos por novos conhecimentos, importavam da Europa as mais recentes revelações culturais, a iniciação de Vianna de Carvalho no espiritismo. Jovem, dezessete anos apenas, ficou deslumbrado com os pressupostos filosóficos da doutrina sistematizada por Allan Kardec e, juntamente com outros companheiros, estabeleceu, em **1891**, na própria escola, um

25 DE AGOSTO DE 1893

Evolução

Revista litteraria, scientifica e critica.

REDACTORES:

*Luiz Agassiz, Flavio Belleza,
Vianna de Carvalho,
Leite de Berredo, Francisco Barretto,
Côrtes Guimarães,
Eutychio Galvão e José da Penha.*

Nada do que é grande começou grande.

João de Moraes

Escutar sempre, pensar sempre, aprender sempre:
- eis o que é viver.

Quem não aspira a mais nada, quem não aprende
mais coisa alguma - não é digno de continuar a exis-
tir.

EUCLYDARDES

FORTALEZA

TYP. UNIVERSAL - RUA FORMOSA, 33
CUNHA, FERRO & C.^ª

1893

núcleo de estudos espíritas, tornando-se o seu mais entusiasmado propagandista.

3. *O centro literário*

A projeção do nome de Vianna de Carvalho nas letras cearenses deu-se, efetivamente, através do Centro Literário. Fundado a **27** de setembro de **1894**, em Fortaleza, este importante grêmio caracterizou-se por quebrar a transitoriedade da maioria das associações culturais daquele período, porque conseguiu manter uma revista, *Iracema*, criada em **1895**, e a publicação de vários livros.

Segundo o historiador Dolor Barreira | *História da literatura cearense*, Iº Tomo, pp.**226-7**)...

(..•**1** foram seus sócios fundadores: Juvenal Galeno, Vianna de Carvalho, Temístocles Machado, Pápi Junior, Álvaro Martins, Luiz Agassiz, Pedro Moniz, Alves Lima, Otacílio de Oliveira, Ulisses Sarmiento, Bonfim Sobrinho, Alfredo Severo, Jovino Guedes, Quintino Cunha, Frota Pessoa, Alcides Mendes, Farias Brito, Rodolfo Teófilo, José Olympio, Francisco Barretto, João Barretto, Tancredo de Melo, Eduardo Saboia, Bruno Saboia, Almeida Braga e Belfort Teixeira.

Posteriormente fizeram parte do Centro: Justiniano de Serpá, Antônio Bezerra (sobrinho de Adolfo Bezerra de Menezes), Rodrigues de Carvalho, Francisco Carneiro, Fernando Weyne, Guilherme Studart (o barão de Studart), Fiúza de Pontes e outros.

Aos dezenove anos, o nome Vianna de Carvalho evidenciou-se em meio a nomes legendários da cultura alencarina. Sua excepcional inteligência, aliada a uma acurada sensibilidade, fizeram-no admirado e respeitado pelos companheiros.

O jornal *A República*, na edição de **19** de novembro de **1894**, quando noticiava as atividades nascentes do Centro Literário, ressaltou os trabalhos do jovem poeta. Reuniu-se ontem nos salões do Clube Euterpe esta simpática agremiação de rapazes de letras. A sessão esteve animadíssima, lendo-se diversos trabalhos: trechos de romances, de poematos, versos, estudos críticos etc. (...) Entre as produções lidas lembramo-nos das seguintes: Presente (versos), de Frota Pessoa; Carteiro de Fogo e Paisagem Pitoresca, de Quintino Cunha; (...) A Lição de Italiano (fragmento de um livro íntimo), Nevroses e Olheiras, de Vianna de Carvalho. A Lição de Italiano, de Vianna de Carvalho, dos trabalhos lidos foi o que nos causou melhor impressão pelo profundo sentimento que conta em cada estrofe, sim, em cada estrofe, porque A Lição de Italiano é uma esplêndida balada magoada e dolente. Nossos aplausos.⁶

Numa análise crítica do estilo literário de Vianna, o criterioso escritor José Rodrigues de Carvalho (*Revista da Academia Cearense de Letras*, tomo IV **1899**) opinou: (...) Escreve com verdadeira profusão de estilo, dando contornos à frase como os dnzeladores gregos ao mármore.

A palavra, a serviço de sua esquisita imaginação de artista, tem vibrações sonoras e ao mesmo tempo ásperas, como o som de vasos de cristal que se chocam.

Idealista, as suas produções literárias são fantasias sonhadas numa planura intangível de poeta que ambiciona habitar um mundo ignoto (...).

Vianna participou ativamente do Centro Literário até **1895**, quando se transferiu para a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Manteria, porém, seus vínculos com a associação e, mesmo a distância, teve seus trabalhos publicados nas revistas do Centro.

Voltando a Fortaleza, em **1910**, participou novamente do movimento literário local, fazendo parte do Centro Caliope, fundado em **1908**, quando, ao lado de

⁶ **6** Veja “A Lição de Italiano” no Capítulo XIV

Antônio Teodoro e Leonardo Mota, integrou o corpo redatorial da *Jangada*, revista da instituição, criada em 1909.

4. Facetas

Seu primeiro trabalho literário, publicado em Porto Alegre no ano de 1898, foi *Facetas*, obra que, segundo o barão de Studart (*Dicionário Bió-bibliográfico Cearense*, Vol.2, pp. 364-5), foi “bem acolhida pelos homens de letras e pela imprensa, tendo saído da tipografia da Agência Literária, 261, rua dos Andradas, Porto Alegre.”

Sobre o livro, *A República*, de 30 de abril de 1898, publicou a seguinte resenha:

O nosso talentoso patricio Vianna de Carvalho, aluno da Escola Militar de Porto Alegre, acaba de enfeixar num belo volume de cem páginas os seus contos – fantasias, sob o título gracioso de FACETAS..

Escritos num estilo vigoroso e nobre (...), os contos de Vianna de Carvalho atraem pelo bizarro da narração, novidade de concepção e, em parte também, pela ligeireza do assunto tratado, formando assim um delicado escrínio de formosas produções literárias, amenas e recreativas. Não obedecem precisamente nem a um método rigoroso na fatura, nem a uma escola de Arte definida. (...) Felicitamos o Sr. Vianna de Carvalho pela sua promissora estréia, digna realmente de merecidos aplausos e encômios da parte dos que se interessam pela sorte das letras no nosso País.

Esta nota provocou uma surpreendente manifestação da diretoria do Centro Literário que, em carta ao redator do jornal, reivindicou se destacasse *Facetas* como uma publicação de sua biblioteca. A carta, datada de 5 de maio de 1898, foi publicada, na íntegra, na edição do *A República* do dia seguinte.

Ilustre Redator do 'A República'.

Na bellissima noticia bibliográfica, que tivestes a gentileza de fazer ao livrinho FACETAS, de Vianna de Carvalho, esqueceu-vos dizer que esse trabalho é subsidiário da modesta Biblioteca do Centro Literário do Ceará.

O reparo, certo, vos parecerá pueril, mas, não nos envergonhamos de confessar, a divulgação de tal circunstância satisfaria a nossa vaidade de sermos cearenses, e de vermos que este nosso conterrâneo, como tantos outros, longe mesmo da gleba, não a olvida, nem rompe nenhum dos laços que a ela o prendem pelo sangue, pela alma e pelo espirito.



BRASIL
1910

Capa da segunda edição de *Facetas*
(cortesia de Ubiratan Machado e Jorge Brito).

Se outro não fosse o mérito do refulgente escrínio das FACETAS, seria este suficiente para nobilitar o trabalho, leve é certo, mas delicadíssimo, do moço cearense, que, longe de nós, prende-nos sempre a ele a recordação do seu vivido e promissório talento.

Em **1910**, *Facetas* teve uma segunda edição, publicada no Rio de Janeiro. A obra, acrescida de ilustrações análogas às crônicas, recebeu o prefácio de Carmem Dolores, pseudônimo da escritora e poetisa Emília Bandeira de Melo. O autor dedicou o livro à memória de sua mãe, d. Josepha Vianna, e ao seu pai, Thomaz Antônio de Carvalho, “em sinal de eterna veneração, respeito e amizade”.

Facetas continuaria recebendo elogios da crítica, conforme atestamos em resenha veiculada no *A República*, de **20** de julho de **1910**.

(...) O trabalho do nosso inteligente contrerrâneo dispensa calculadas lisonjas, conhecido, como é, no nosso meio literário, o nome do autor. De fato, Vianna de Carvalho vem de uma época fecunda das letras cearenses, e as suas estréias datam do tempo do Centro Literário, de que foi, sem dúvida, uma figura conspícua. Dos jornais coevos a esse movimento intelectual, foi o talentoso moço assíduo colaborador, escrevendo as suas interessantes fantasias à Catule ou ao gênero das Rapsódias, muitas das quais, a par de outras inéditas, se encontram nas FACETAS. E um gênero delicado esse que o nosso patricio preferiu, leitura leve e agradável como um perfume sutil...

São, de certo, bem poucos os que, aventurados nesse gênero de literatura, tenham levado por diante a tarefa, que não é tão fácl como parece, de sintetizar o sentimento nessas miniaturas de contos, espécie de poemeto em prosa que, como as flores mais deliciosas, às quais o aroma é tanto mais apreciável quanto se esvai, apenas emurhecem, deleitam pelo resumido encanto, que, passada a leitura, nos fica impregnado...

As FACETAS são, de resto, um mimoso volume, bem impresso, com esplêndidas ilustrações análogas ao enredo; e, como quase todo o livro é, delicadamente, cheio das graças amo- ráveis de um apaixonamento etéreo, parece que a sua leitura deve enleiar àqueles que se acham nessa quadra risonha da mocidade e das esperanças...

5. Coloridos e modulações

Outro livro de sua autoria foi *Coloridos e modulações*, trazido a lume no início da década de **20**.

Volume de cento e dezenove páginas, reunia breves trechos de prosa, compostos e publicados esparsamente, em diversas épocas.

A revista *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira, na edição de **18** de maio de **1923**/ sobre a obra comentou.

Foi uma lembrança feliz do prezado companheiro que, assim, do mesmo passo que enriqueceu a nossa bibliografia digna de apreço, facultou aos amantes da boa leitura o gozo de uma hora, que tanto basta para o volumezinho em questão, de repouso espiritual, acompanhado de saudáveis meditações.

Porque, pensador de atenção sempre voltada para os grandes problemas da origem, da vida e do destino do homem, problemas a que o Espiritismo veio dar solução cabal, ao levantar grande parte do véu que nos vedava o conhecimento dos mistérios do reino de Deus, meditando foi de certo que Vianna de Carvalho traçou as páginas agora enfeixadas em livro. Quem as perlustra, mormente se conhecer a doutrina que ele professa e espalha, logo sente que elas representam os traços fortes que lhe deixaram no íntimo meditações profundas (...)

Extasiado aqui ante o colorido de um cenário da natureza; atraído ah pelas modulações do cântico mavioso que essa mesma natureza entoa de contínuo em honra do Criador é escu- tando-as com os ouvidos da alma, sempre seduzida pelas harmonias do bem e do belo; ferido, um pouco além, pelas dissonâncias com que tão

amiúde o coração perturba esse concerto prodigioso em que vive o universo inteiro; mais adiante, contemplando cenas e coisas que lhe recordavam dias de outros tempos de sua própria vida (...) de tudo foi Vianna extraindo um ensinamento que o edificava, que lhe afervorava a crença, com o mostrá-la, de instante a instante, mais sólida sobre suas bases (...)

E eis aí, afigura-se-nos, como se viu ele induzido a produzir esses fulgurantes lampejos, que são os ‘Coloridos e Modulações’, onde, se nada encontrarem, que lhes agrade, os que só se deleitam com os escritos ricos de palavras escolhidas e de inexcedível apuro literário, mas vazias de substância, muito encontrarão os que, não se contentando com as mesquinhas idealizações mundanas, acariciam um alto ideal, como razão de ser de suas existências, e nada desprezam do que possa concorrer para a realização desse ideal.

Pela nossa parte, por isso que nos sentimos mais próximos destes últimos do que dos primeiros, deliciamo-nos com a leitura de ‘Coloridos e Modulações’(...)

6. Um grande amigo

Na relação com os companheiros do Centro Literário, teve sempre o respeito e a admiração de todos, face aos nobres sentimentos de que era possuidor, mormente a fraternidade, marca registrada de seu caráter.

Dentre os amigos que granjeou, um mereceu especial lugar no seu coração **1** o poeta Pedro Moniz⁷ – secretário do Centro Literário, redator e gerente da revista *Ceará Ilustrado*, na qual Vianna também colaborou.

Confessor e conselheiro de Pedro Moniz, foi ele o responsável por sua conversão ao espiritismo.

No ano da transferência de Vianna para o Rio de Janeiro, Pedro Moniz o homenageou com um soneto publicado na revista *Iracema*, de fevereiro de **1895**. Neste, podemos perceber a importância espiritual do homenageado na vida do amigo e daqueles que nele buscavam o alívio para suas dores.

CARVALHO

A Vianna de Carvalho Eu conheci, quando pequeno, outrora, um Carvalho frondente, um roble antigo, a cuja sombra iam pedir abrigo o cérebro que pensa e a dor que chora. Quando tingia-lhe a fronde a luz doirada da aurora, como um diadema de ouro, os espíritos de luz iam em coro cantar por sobre a copa iluminada.

E a dor ia, mendiga de alegria, ali buscar alívio ao sofrimento, e o cérebro à luz do pensamento ia.

Nós hoje a ti, Carvalho, ao pensamento vimos pedir-te a luz que se irradia da luz auroreal do teu talento.

⁷ Pedro Moniz faleceu prematuramente, em **1898**, aos **32** anos, em decorrência de enfermidade contraída durante uma viagem ao Norte do Brasil



Pedro Moniz.

Pedro Moniz jamais o esqueceu e o homenagearia uma segunda vez, quando publicou, em **1896**, seu livro *Versos de Ontem*, dedicando três sonetos a ele. E, para surpresa do futuro Tribuno de Icó, transformaria uma carta deste, alusiva à obra, em prefácio da mesma.

Encontramos um exemplar deste livro, que acreditamos seja o único, na biblioteca particular do bibliófilo cearense, João Carlos Neto, o qual, gentilmente, nos permitiu fazer a reprodução. Pela raridade documental, transcrevemos na íntegra o referido prefácio.

CEARÁ ILUSTRADO
REVISTA
Artística, Literaria e Científica
PUBLIÇÃO
QUINZENAL

ASSIGNATURAS PARA O ESTADO:
Série de Grêmios 14000
Série de Indivíduos 5000
NÚMERO A VILBO 14000

DIRECTOR GERAL
PAPI JUNIOR
Director Economico
JOSÉ OLYMPIO | Director Secretario
PEDRO MONIZ

Anno 1º | FORTALEZA, 20 de Janeiro de 1894 | Nº 1



O Senador THOMAZ POMPEU
Falleceu em 28 de Setembro de 1812 + ... - 6 de Junho de 1877.

Número 1 da revista *Ceará Ilustrado*,
que recebeu a colaboração de Vianna.

Meu caro amigo Pedro Moniz.

Ao volver a última página do teu livro imaculado, fiquei contemplativo, absorto numa saudade azul, a casta saudade, cheia de meiguice, embalando-me o espírito em redes oürejan-tes de sonho e de luar.

Fez-me bem, muito bem, a leitura dos teus 'Versos de Ontem'. Serena e cândida foi a impressão que eles me deixaram.

Tal é o efeito de um sonoro trecho dito em violinos macios, liricamente sentimentalizados na doçura ideal das sonatas de Mendelsshon.

Feriu-me a singeleza sincera, o tom ingênuo e verdadeiro dessa poesia espontânea, derivando do coração, como as claras linfas trêmulas das colinas verdes.

Um doce frêmito abalou-me temamente, porque as asas brancas de antigas evocações cruzaram-se em minha alma enevoadada de nostalgia, como um bando de rolas bravas num céu de inverno melancólico e tisonado.

E, com tanto amor encarnaste no verso as tuas emoções, que um sugestivo trabalho mental veio-me acordando afetos já murchos e murchas esperanças descoradas, sensações brandas, espiritualizadas, cheias de misticismo e de amor.

Um sopro de sentimentalidade idealista percorreu-me em frêmitos, como se eu tivesse, ante a minha visão extasiada, a mudez casta de uma alma torturada na sua beatífica pureza, pelo escuro tremedal da vida.

Dentro da minha fantasia passou todo o lúcido cortejo de febris aspirações agora sufocadas pela aspereza da vida... sufocadas...

Reminiscências olorantes da infância, impregnadas de nostalgias azuis, ânsias compassivas de incompreendidos afetos murchando no exílio rebelde do Impossível, preces cheias de recolhimento e de ternura, dolências meigas... um rosário claro de inspiração humanamente viva, eis o que são os teus versos. Desfolhaste ali todos os lírios do sentimento. Um luar de ilusão unctuosos e sereno desliza esmaecido, como final de uma noite pacífica do Egito.

Sim, a tua poesia simples entenece ao extremo.

Há ali, nesse ansiar compassivo para as luminosas planícies do Belo e da Verdade, um suavíssimo encanto espiritualizado que lembra o 'smorzando' de um coro de bandolins num prelúdio de Bach.

Enveredaste pela estrada do Sentimento Imortal, reproduzindo com fina e rara fidelidade todas savibratilidades nos cordões nervosos que constituem, em última análise, a personalidade do artista.

E tudo isto enfeixado numa paisagem auroreal, sadiamente campesina, impregnada de aromas penetrantes, cheia de luz e de pássaros trinando no ar muito puro e muito alegre.

Há de alguém talvez não te perdoar um certo abandono louvável pela métrica. Esta filiação à altiva independência da escola de Verlaine e Móreas, ao contrário, ainda mais me prende ao teu livro.

O sacrifício de acentos e sílabas à virgindade da idéia é um dos formosos processos da Arte Contemporânea.

Neste ocaso de século acentua-se profundamente a tendência para o misticismo, quer nas especulações filosóficas, quer nas questões de puro alcance artístico.

Daí, a necessidade valente de transpor as raias das concepções materiais, e ir além buscar novas fontes de inspiração no doce subjetivismo consolador.

Daí, se origina também a forma simbólica que dá à poesia um tom mais elevado e humano.

A alma não se esconde já agora em refulgências fúlgidas de imagens torcidas que a frieza parnasiana consegue polir. Antes, palpita nua aos nossos olhos, iluminada no Riso, sombria na Lágrima, tranqüila ou febril como os trenós de Ossian...

E assim, Pedro. O teu livro achará eco por toda a parte onde houver quem compreenda a verdadeira poesia imortal – a poesia do coração.

Vianna de Carvalho Rio i setembro - **1895**

CAPÍTULO III O MILITAR

1. *Carreira militar*


Ao terminar a Guerra do Paraguai; o exército brasileiro transformou-se numa das mais importantes e respeitáveis instituições nacionais; tomando-se escopo da concorrência de jovens dos vários segmentos sociais.

Concluindo o curso secundário no Liceu do Ceará, Vianna de Carvalho matriculou-se, em **1891**, na Escola Militar do Ceará, obtendo, ao final desse ano, classificação em primeiro lugar na ordem de comportamento e merecimento intelectual. A partir daí, iniciou próspera e brilhante carreira, que duraria trinta e cinco anos.

Em **1894**, foi promovido ao posto de alferes (atual **2º** tenente). No ano seguinte, embarcou para a capital federal, matriculando-se no curso superior da Escola Militar da Praia Vermelha. Em **1896**, seguiu para o Rio Grande do Sul, onde fez o **1º** e o **2º** anos do curso superior da Escola Militar, concluindo em **1898** o curso de Estado Maior e Engenharia. No Rio de Janeiro, em **1907**, matriculou-se na Escola de Artilharia e Engenharia. A **8** de outubro de **1908**, foi promovido a **1º** tenente. No mês de abril de **1910**, recebeu o grau de bacharel em ciências físicas e matemáticas. Em março de **1913**, assumiu a patente de capitão, passando a exercer cargos de assistente e auxiliar do Estado Maior de vários comandos superio



Fotografia raríssima de Vianna de Carvalho (seta) em meio a companheiros do Colégio Militar do Rio de Janeiro, em 1904.

CLASSIFICAÇÃO		NOMES
	1.º Sr. Manoel Vianna de Carvalho	

Em 1.º de Abril. Por favor de Ministério de Fazenda, a
 verso presentede e verso de pimenta, obtém licença
 para proseguir seus estudos dentro dasca, pelo
 pagamento de depósito de fidejussão de mil e quatrocentos
 e oitenta e oito, tendo se apresentado ao director do
 curso addido já acompanhado de abonos, no
 mesmo dia publico e estivo de dia sacou no
 curso de pimenta e presentede e tres, de respeito de
 visto effectuando na mesma data o mesmo
 visto de pimenta e suas condicoes e ante de po
 uerem proseguir os seus estudos, pelo pagamento
 de uma taxa de matricula. Por serato de acto, foi
 inscripto ao posto de primeiro tenente para o
 curso de pimenta, pontando a antiguidade
 ante pelo de agosto e lleram, conforme faz po
 a ordem de dia excoac numero e quatro
 de e quarenta e oito, de dez. Segundo em vista
 de dia sacou numero quatorze e presentede e
 de pimenta, foi mandado providenciar de ante
 quatro, e em vista de numero quatorze
 de e duas, de dez, foi publico ter se apade

Relação das alterações de Vianna, durante sua permanência na Escola de Artilharia e Engenharia, em **1908**.



*Prédio da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, no princípio do século, edificação onde hoje está a 10ª Região Militar. Na década de vinte aquartelou o 23º B.C., comandado por Vianna de Carvalho, em **1924**. Nestas instalações funcionou, de **1889 a 1892** e em **1895**, a Escola Militar do Ceará, onde Vianna conheceu o espiritismo.*

res e outros cargos importantes. Em **28** de dezembro de **1922**, foi efetivado no posto de major, havendo sido, algumas vezes, chefe interino do Estado Maior da **7ª** Região Militar, no Recife. No ano de **1923**, regressou a Fortaleza para fiscalizar o **23º** BC. Em julho de **1924**, comandou interinamente esse Batalhão e a Guarnição Federal. Do Ceará, rumou para Aracaju, a fim de comandar o **28º** BC, de onde obteve licença, em **1926**, pelo agravamento de seu estado de saúde.

2. A serviço do exército e do espiritismo

O exército foi providencial na vida de Vianna de Carvalho. Além da estabilidade profissional, possibilitou-lhe o alargamento dos horizontes culturais através das instituições educacionais militares que freqüentou. Facultou-lhe, ainda, o deslocamento pelas regiões do Brasil, ensejando o cumprimento de sua missão espiritual.

Onde estivesse a serviço do exército, estava também servindo à causa espírita, conforme atesta a notícia de sua visita a Fortaleza, em **1923**, publicada no jornal *A Tribuna*, de **19** de outubro.

Segundo telegrama que nos foi obsequiosamente mostrado, deve chegar amanhã a Fortaleza o ilustre Engenheiro Militar, Major Dr. Vianna de Carvalho, que atualmente exerce o lugar de chefe do Estado Maior da **7ª** Região Militar, com sede em Pernambuco.

O distinto oficial vem ao nosso Estado no desempenho de importante comissão do Ministério da Guerra, pretendendo demorar alguns dias entre nós.

Vianna de Carvalho é um cearense que, pela sua nobreza de caráter e ilustração de espírito, honra não só a terra do berço, mas o Brasil, de cuja cultura é, sem favor, considerado um dos mais altos expoentes.

Nome vastamente conhecido e justamente acatado em todo o País, o grande filho deste torrão martirizado pelas secas é bem uma glória nacional.

Ao que informam, pretende o notável cientista conterrâneo realizar aqui algumas conferências sobre a Doutrina Espírita, em que é, talvez, a maior autoridade.

Registrando esta notícia, temos o mais vivo prazer de mandar a nossa saudação ao ilustre viajante que, dentro de algumas horas, deve aportar em nossas plagas.

3. Histórico escolar

Para alcançar o grau de engenheiro militar e bacharel em ciências físicas e matemáticas, Vianna estudou matérias das mais variadas áreas do saber, aumentando sobremaneira seus conhecimentos que seriam freqüentemente utilizados em ricas e ecléticas conferências. Do seu histórico escolar, relacionamos, à guisa de curiosidade, algumas dessas disciplinas: português, francês, alemão, história, geografia, geodésia, química, física, cálculo diferencial e integral, metalurgia, topografia, perspectiva e sombras, desenho linear e de aquarela, ciências naturais, direito internacional, direito militar, astronomia etc.

4. Elogios

Vianna de Carvalho prestou relevantes serviços ao exército e à pátria. De sua “Fé de Ofício”, extraímos alguns dos elogios por ele recebidos ao longo da carreira. Através destes, temos idéia do comportamento, do caráter e de suas ações como militar.

(...) Foi agradecido pelo Senhor Coronel Luiz Rabello de Vasconcellos, pelo eficaz auxílio que de boa vontade prestou a sua administração, e louvado pelo seu perfeito comportamento e invejável espírito de fraternidade que sabe manter (...)

setembro de **1895**

O Sr. Marechal Francisco de Paula Argollo, ao deixar o comando do Quarto Distrito Militar (...) declarou ser para si um dever excedível, e o cumpria com abundância de coração, louvando-o pela cooperação inteligente e eficaz que lhe prestou, durante a sua administração, sendo merecedor dos mais francos elogios, pela inquebrantável disciplina com que sempre se manifestou, e pela lealdade do seu proceder (...)

novembro de **1902**

(...) O Comando do Colégio Militar do Rio de Janeiro (...) o elogiou em nome do Sr. Presidente da República (Rodrigues Alves), pela competência, zelo e dedicação com que tem desempenhado as suas funções (...)

outubro de **1903**

(...) Ao deixar o comando do Colégio Militar do Rio de Janeiro, o Sr. General José Alípio Macedo Castallat o elogiou pelo zelo, inteligência e disciplina com que se houve na sua administração, especialmente pelo carinhoso desvelo que aos jovens alunos tem dispensado (...)

maio de **1904**

(...) O Sr. Marechal Ministro da Guerra mandou elogiá-lo em seu nome, e no do Sr. Presidente da República (Afonso Pena), por ocasião do lançamento da Pedra Fundamental da Vila Militar (RJ) pelo modo correto e disciplinado com que se tem comportado o Batalhão (...)

dezembro de **1907**

(...) Este comando tem inteira satisfação em louvar o Sr. Tenente Vianna, pelo zelo, competência, dedicação e lealdade com que tem desempenhado o cargo de Inspetor de Música, fazendo votos para que complete brilhantemente a carreira acadêmica, e regresse à convivência dos seus camaradas, onde goza, com justiça, da estima e consideração geral, pelas belas qualidades que possui a sua individualidade, o que reconhece, desde que teve a fortuna de recebê-lo no número de seus

comandados, no Oitavo Batalhão de Infantaria, no Estado de Mato Grosso (...)

abril de **1908**

(...) Foi louvado em nome do Sr. Marechal Presidente da República (Hermes da Fonseca) (...) pela correção, garbo e disciplina que revelou a Unidade a que pertence, na parada geral realizada em comemoração da gloriosa data nacional da Independência (...)

setembro de **1912**

(...) O Sr. Major Castello Branco, ao deixar o cargo de Inspetor da Região, louvou-o pelo auxílio que lhe prestou com admirável competência e extrema lealdade (...)

junho de **1913**

(...) Foi elogiado pelo General Pinheiro Bittencourt, ao deixar o acampamento da Terceira Divisão, pelas contínuas provas de amor, disciplina, lealdade e dedicação ao serviço (...)

fevereiro de **1916**

(...) O Senhor Tenente-Coronel Cassiano Pacheco, ao dar publicidade a sua exoneração, assim se expressou: “É com sincero pesar que vejo esta brigada privada dos inestimáveis serviços do Capitão Vianna, prestados com elevada competência, íntegra lealdade e infatigável zelo, que tanto o distinguem como oficial brilhante e correto. Agradecendo a sua valorosa cooperação, louvo-lhe com satisfação e manifesto-lhe o elevado e justo apreço em que o têm (...)”

outubro de **1916**

(...) Foi declarado estar compreendido no louvor que a Câmara dos Deputados dirigiu às classes armadas, pela dedicação fiel com que se colocou ao lado das autoridades constituídas em defesa da ordem legal, da Constituição da República e da honra da Nação Brasileira (...)

agosto de **1922**

(...) Foi louvado e agradecido pelos bons e relevantes serviços prestados ao trabalho (...) Oficial reconhecidamente culto, inteligente, operoso e de absoluta moralidade administrativa em seus atos, sabendo aliar a lhaneza de seu fino trato à máscula e severa energia com que caracteriza as suas ações (...)

setembro de **1924**

(...) O Tenente-Coronel do **28° BC**, ao deixar o cargo, louvou-o pela maneira lhana e cavalheiresca com que sempre o auxiliou na fiscalização do Corpo, revelando uma educação civil e militar digna de toda admiração, sendo dotado de um espírito altamente cultivado e de um coração boníssimo (...)

junho de **1926**

5. Um comandante querido

Militar disciplinado e justo, por muito amar o ofício, teve sempre o respeito e a admiração dos colegas de farda. Como comandante, era querido do soldado ao oficial superior.

Analisando os boletins que expedia, chamou-nos à atenção sua excessiva preocupação em louvar, além dos oficiais de patentes elevadas, os sargentos, soldados e

outros funcionários subalternos das guarnições e batalhões onde serviu e comandou.

No Boletim Regimental n° 110, do dia 16 de maio de 1926, ocasião em que passava o comando interino do 28° BC, em Aracaju, ao tenente-coronel Alcebiades Miranda, comandante efetivo, escreveu o seguinte louvor:

Pela eficiente colaboração e pelos relevantes serviços que me prestaram com zelo, interesse, caráter, boa vontade, disciplina e competência, louvo os Srs. Capitão Fiscal Paulo Pinto da Silva Valle, 1°s Tenentes João Tavares Filho, Médico Dr. Gilberto David, Contador Tesoureiro Antenor Cabral, (...) Ajudante José Corrêa dos Santos, (...) Aprovisionador Izaías Rodrigues Leite, Almojarife Acácio Benevides Falcão, (...) subalternos Érico Wehrs Tavares, Faustino Freire de Lima, Severino Dourado de Andrade, pelos bons serviços prestados a este Batalhão (...)

Cumpro um dever, assinalando com o maior merecimento os serviços e a boa vontade, com que se tem imposto durante a minha gestão o disciplinado chefe dos Sargentos deste Corpo. O Sargento-Ajudante Francisco Olyntho de Lima e Souza, salientando-se, no meio de sua classe, como um elemento digno e dotado da mais perfeita educação militar e pelos seus raros predicados morais, tomando-se credor da minha particular estima e da minha confiança de Comandante, observando patentemente o seu tino, a sua inteligência, perspicácia, zelo, honradez (...)

Louvo ainda com especial menção os 1°s Sargentos Arquivista Nelson Luz Bispo, Sergisnando José de Souza Filho, Francisco Santiago Pereira, Antônio Ferreira de Souza, José Moraes de Almeida, Firmo Baptista Corrêa, Otávio Cavalcante Bastos (...)

Louvo também os Sargentos, Graduados e Praças que durante o meu comando portaram-se com dignidade no trabalho sem lhes ser imposto nenhum castigo disciplinar, devendo este elogio ser averbado em os seus assentamentos.

Manoel Vianna de Carvalho Major-Comandante



Capitão Vianna de Carvalho, em 1913. Fotografia gentilmente ofertada por Leonardo de Carvalho. Este retrato ficou, durante anos, guardado dentro de um velho "Diário de Classe" do prof. Thomaz de Carvalho.

CAPÍTULO IV O MÚSICO

1. *Influência do velho Carvalho*

Por influência do velho patriarca, Thomaz Antônio de Carvalho – professor de música do Liceu e da Escola Normal do Ceará – Vianna, bem como seus irmãos, mantiveram, desde a infância, contato com “a arte das musas”.

Mas, segundo d. Leilah de Carvalho, musicista, cantora lírica e professora de canto e técnica vocal das Universidades Estadual e Federal do Ceará, apesar de seus tios terem noções musicais e tocarem algum instrumento,, somente seu pai, Thomaz Antônio de Carvalho Filho, e seu tio Manu, eram musicistas na verdadeira acepção da palavra. Thomaz, além de violinista, tocava violoncelo e flauta transversal; já Vianna era “insuperável no violino”.

Não houvesse seguido a carreira militar, teria certamente um futuro promissor como músico. Todavia, mesmo sendo militar, pôde demonstrar suas habilidades artísticas ao exercer a função de inspetor de música em algumas guarnições onde serviu.

2. *Na casa de Juvenal Galeno*

Reconhecido em Fortaleza como exímio violinista, não se recusava a fazer apresentações públicas beneficentes ou a convite de amigos. Muita vez, nos saraus, comuns na capital cearense do início do século, os acordes de seu violino se fizeram ouvidos.

Em **1911**, recebeu o convite de Juvenal Galeno (**1835- 1931**), poeta espírita e maior nome da poesia popular do Ceará, para apresentar-se, ao lado de outros artistas, na festa de aniversário de sua filha Julinha (**1890 - 1978**), conforme podemos conferir em nota do *A República*, de **6** de fevereiro de **1911**, que registrou o propalado acontecimento social.

A graciosa senhorita Julinha Galeno, diletta filha de nosso velho amigo Juvenal Galeno, recebeu ontem, por motivo do seu aniversário natalício, carinhosas provas de estima de suas amigui- nhas e admiradoras.

O grupo “Chrysantemo”, constituído de gentis senhoritas, compareceu à noite à residência da aniversariante, promovendo um esplêndido concerto vocal e instrumental, do qual tomaram parte o Dr. Vianna de Carvalho (violino) e as distintas senhoritas Aurélia Menezes, Luizinha e Áurea Pacheco, Giselda Miranda, Henriqueta Galeno, Luciola e Chiquita Menezes (piano), Indiana Albano e Amélia Menezes (canto).

Foram executados a primor escolhidos trechos clássicos sob os aplausos frementes da seleta assistência.

Em seguida improvisaram danças que se prolongaram animadamente até a meia-noite.

3. *Polca Manu*

No meio artístico era admirado e querido não só pelo seu talento como também por seus atributos morais.

Uma das maiores expressões da música cearense do final do século XIX foi Sérgio Pio de Pontes Pereira (1862 – 1894). Segundo o barão de Studart (*Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*, Vol. 3, p.l 14), ele era "grande amante da música, e principalmente da música sacra". Sérgio Pio compôs algumas músicas ligeiras e sacras, quase todas de estilo sentimental, sendo, também, possuidor de excelente voz de barítono.

Amigo de Vianna, então jovem violinista, Sérgio resolveu homenageá-lo, criando aquela que seus críticos consideraram a mais bonita de suas composições: "Polca Manu", oferecida ao amigo e quase irmão, Manu.

4. *A música devocional*

Manoel Vianna de Carvalho foi o maior apologista da "música devocional" – a música nos centros espíritas. A questão suscitou calorosas discussões em razão do rigor excessivo de alguns confrades ante o receio de verem essa prática converter-se numa ritualística dentro das casas espíritas.

A apreensão, contudo, era inconcebível, conquanto a idéia consistisse, tão somente, na promoção de apresentações de músicas clássicas suaves que ensejassem o relaxamento e a meditação, durante os minutos que antecedessem o início das reuniões evangélico-doutrinárias.

Sobre a polêmica levantada, dois dos maiores nomes da história do espiritismo no Brasil, Leopoldo Machado e Carlos Imbassahy, deram seus depoimentos (*Um Inquérito Original*, pp. 25 – 34). Afirma Leopoldo Machado:

Não conheço, ainda, argumento que pese, histórico e evangélico, que invalide, logicamente, a influência da música na prece e na Doutrina. O que é belo e puro, o que eduque e agrade, o que é bom e melhora, tem que caber, logicamente, no Espiritismo, que é a escola de aperfeiçoamento, e de pureza, e de bondade (...)

Elucida Imbassahy:

Com os acordes musicais, forma-se em tomo de nós misteriosa trama. Ela modifica o ambiente, transforma os seres, abre uma clareira para o infinito. Prepara-nos para os trabalhos medi- anímicos, dos de efeitos físicos aos intelectuais; dá asas à prece; toma o espírito acessível aos bons sentimentos; toca-o, faz com que se possa ele librar em grandes alturas. É o veículo para Deus.

Apesar das críticas, continuou com as sessões de música devocional. Inspirado, sentia as vibrações sublimes de harmonia, as emanações desprendidas pela presença de espíritos superiores que se aproveitavam do relaxamento da assistência para, mais eficazmente, promoverem o tratamento espiritual dos mais necessitados.

No Centro Soledade (RJ), fez-se ouvir na execução de trechos escolhidos ao violino com acompanhamento de piano. Ao lado de Gustavo de Macedo, outro apologista dessa prática, que hoje chamamos de musicoterapia, fundaram a "Cruzada Espírita" para, além da propagação doutrinária, divulgar a prática da música devocional.

5. *Companheiro inseparável*

Houve entre Vianna e o seu violino uma curiosa relação. O artista cearense tinha pelo instrumento musical enorme afeição. Via-o, não como objeto inanimado, mas como um amigo inseparável, companheiro e confessor nas horas de solidão e tristeza; um amigo que se fez presente nos principais momentos de sua vida, até

mesmo na hora de seu regresso ao mundo espiritual.

Disse-me seu irmão Renato de Carvalho que, durante a agonia de Vianna, nos instantes finais da vida física, quando, acometido de beribéri em alto mar, a bordo do vapor íris, o violino parecia compartilhar as suas dores. Para descontrair o camareiro fiel que o acompanhava na hora extrema, Vianna de Carvalho passou-lhe às mãos o precioso instrumento, recomendando o máximo de cuidado, lembrando-lhe não esquecesse de afrouxar as cordas ao guardá-lo para que não envergasse.

Humberto de Aquino, num discurso proferido, em junho de **1935**, na sede da Escola Primária Vianna de Carvalho, no Rio de Janeiro, e publicado na *Revista Espírita do Brasil*, de julho do mesmo ano, referindo-se à relação de Vianna e seu violino, fez uma belíssima comparação entre os dois:

O seu caráter, a sua inteligência, o seu coração possuíam incontestavelmente a sensibilidade extasiante dos acordes divinais que se defluem das cordas do violino, tangido por um executante consciente.

Aliás, o coração é um violino – o violino de Vianna de Carvalho tanto e tão bem se identificavam e queriam, que, quando um deixou de bater, o outro deixou de gemer!

Quando não mais palpitou de Vianna o coração, às impulsões da Dor, não mais vibrou o seu doce violino, às emoções reflexas dessa mesma dor!

A alma do seu violino era a sua alma; quando uma ele- vou-se aos espaços, indo cantar no seio da eternidade, a outra emudeceu na terra para não mais chorar...

Eles se identificavam pelo vínculo espiritual da mais refinada sensibilidade artística e emotiva!

Vianna não se esqueceu de homenagear, quando encarnado, o inseparável companheiro. Numa belíssima partitura em prosa, saída de sua maravilhosa pena de artista, escreveu:

– Meu violino!! – Suave companheiro das horas de saudade, só tu adivinhas o arcano da ânsia de infinito que me agita o pensamento. Só tu recebes compassivamente as confissões da tristeza de lutar com o tumulto das injustiças humanas... porque possuis o heroísmo da fidelidade! – Dileto amigo, segue-me assim os passos no itinerário das renúncias dolorosas. E, quando chegar o ponto final – a morte – cala-te para sempre, porque aí estará terminada a tua missão de espargir consolo em muitas horas de meu acerbo exílio nas sombras deste Mundo!!!

Esta relação não se romperia mesmo com a morte. Segundo Divaldo Pereira Franco, o espírito Vianna de Carvalho tem-lhe aparecido, algumas vezes, com um violino às mãos, tocando músicas que apreciava quando encarnado.

CAPÍTULO V O JORNALISTA

1. *Na Imprensa espírita*

Vianna de Carvalho tem lugar de destaque na galeria dos grandes nomes da imprensa espírita. Sua atuação jornalística deu-se durante trinta e cinco anos; desde **1891**, quando –escrevia em jornais e revistas da Escola Militar do Ceará, até seu desencarne, em **1926**.

Quase todos os periódicos espíritas do país publicaram artigos de sua lavra os quais, segundo Zêus Wantuil (*Grandes Espíritas do Brasil*, p. **598**), “primavam pela linguagem elevada e escorreita, pela riqueza de conceitos doutrinários e por vasta erudição literária, científica, filosófica e religiosa (...)”.

A sua colaboração jornalística para o movimento espírita só se daria, no entanto, a partir de **1907**, quando começou a escrever nas páginas do *Reformador*.

Posteriormente, escreveu nos principais órgãos da imprensa espírita. Seus artigos são encontrados na revista *Verdade e Luz* e no jornal *O Clarim*, de São Paulo; na revista *Alpha*, do Espírito Santo; nos jornais *Aurora* e *Tribuna Espírita*, do Rio de Janeiro; no periódico *A Luz*, de Alagoas; no jornal *A Semente*, de Sergipe etc. No exterior, também seus escritos ganharam notoriedade. Encontramos na revista espírita portuguesa *A Verdade*, de janeiro de 1919, um artigo dele, *O Testemunho dos Iluminados*, versando sobre a reencarnação.

Em Fortaleza, fundou dois jornais: *O Combate*, em 1910 e *O Lábaro*, o primeiro, órgão maçônico e espírita, e o segundo, uma publicação do “Centro Espírita Cearense” aparecido no dia 31 de março de 1911. *O Lábaro* que, além de Vianna, tinha o dr. Francisco Prado (1886 - 1932) como redator, era de circulação mensal e distribuição gratuita. Trazia como epígrafe a máxima reencarnacionista: "Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, tal é a lei".

2. *A influência de Bezerra de Menezes*

Ao que nos parece, Bezerra de Menezes exerceu importante influência na vida jornalística de seu conterrâneo. Chegando ao Rio de Janeiro com apenas vinte e um anos, em 1895, manteve contato com “o Médico dos Pobres”, então presidente da Federação Espírita Brasileira.

Bezerra impressionou-o fortemente, uma vez que, com certa freqüência, Vianna narraria, em conferências, fatos e feitos da vida do médico cearense. Confirmando esta informação, Ramiro Gama (1898 - 1981) (*Lindos Casos de Bezerra de Menezes*, pp.22-23) assinala:

(...) Em 24 de junho de 1922, o ‘Fé e Esperança’ anunciara, publicamente, a solenidade comemorativa de seu Patrono João Batista, com uma conferência, que seria pronunciada pelo estimado e conhecido tribuno Vianna de Carvalho, no dizer de Manoel Quintão, um dos valores espíritas mais sinceros e cultos.

Dirigíamos uma Escola e ainda o semanário ‘Entre - Rios’ e, mais por curiosidade e também para buscarmos assunto novo para o nosso jornal, fomos assistir à conferência anunciada.

Encantamo-nos da cultura, da inspiração e do verbo eloqüente do grande orador espírita.

Focando um assunto evangélico, parece-nos, sobre a ‘Parábola dos Talentos’, arrebatou-nos, comoveu-nos, surpreendeu-nos, levando-nos ao coração a semente primeira dos Ensinos santos de Jesus.

Para documentar suas razões, citou Lindos Casos da vida de Bezerra de Menezes, o primeiro dos Espíritas do Brasil que, não pondo a candeia debaixo do alqueire e demonstrando coragem e convicção, sinceridade e abnegação na sua Tarefa, colocou o candeeiro da Imprensa diária do Rio, pelo jornal ‘O Paiz’, as Luzes da Terceira Revelação, os deslumbrantes conceitos sobre o ‘Livro da Vida’, tão ainda desconhecido e desestimado.

Francisco Prado, parceiro
de Vianna de Carvalho na
redação de *O Lâbaro*.



João Brígido dos Santos

UNITARIO

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

Ceará--Fortaleza, Terça-feira 7 de Novembro de 1911

pernas, enquanto a pobre mulher nem pode ser bem professora nem bem mãe de família, si se rodeia de um bando de filhinhos que reclamão cuidados a todo momento, quando o marido não dispenha essa criada que se occupa do *menage*.

Não ha idéa boa que não se deturpe no Ceará pelos mãos vrasos que nos vem de longe e pela tendencia doshomens de querer dinheiro, dispendendo todos os mais agasalhos da vida mortal. Effectivamente, a educação das crianças pelas senhoras, vem a ser preferivel á educação e ensinamento por via de mestres, e (si esta verdade que produzio entre nós o mestrado feminino, a exemplo do que se passa em países adiantados.

O que se deo da acclimação de um expediente tão util, temos visto, não está aquém de uma bandalheira nociva ao futuro desta terra; tudo porque dinheiro vem a ser a unica aspiração da gente vadia e sem capacidade que se arrasta até as grimpas do poder.

Tomem juizo os pais de familia a quem Deus amecionou com um pouco de vergonha.

MOBILIAR AUSTRIACAS de bellissima feição artistica, vende a casa
ARTHUR THOMAS.

FACTOS DIVERSOS

Dr. Arrojado Lisboa

Embarcou no domingo para o Rio-de-janeiro o sr. dr. Miguel Arrojado Lisboa, chefe da Commissão de obras contra os effeitos das secas, e hontem se distribuia nesta capital um boletim cheio de accusações a elle, as quaes achámos demasiado insultuosas. Trazia a assignatura de um certo Manoel Firmico do Couto Guimarães que nos parece um pseudonimo tanto mais o tanto á geral a

A visão de Rio Branco (*)

Na sala silenciosa, onde a calma infinita
Sobre os infolhos mil, com o crepusculo, cae,
O derradeiro alvôr 'entamente se cavae,
E feliz como um sabio, o grande homem medita.

Elle medita e sonha, Em seus labios palpita
Um sorriso sereno. Uma visão o atráe
E leva-o de repente, inspiração bendita,
Ao pé de um monumento—a estatua de seu pae.

O bronze pouco a pouco aos seus olhos se anima,
Vive, move-se a catatua e drece, enquanto, em cima,
Divinamente bella, a Gloria lhea sorri.

E o velho Redemptor de uma raça futura,
Mostrando ao filho amado o pedestal, murmura:
"Filho meu, La logar para nós dois, allí."

LEOPOLDO BRIGIDO.

(*) Este soneto foi distribuido no Theatro Municipal do Rio de Janeiro por occasião da sessão magna em honra ao Estado do Rio Branco, realizada no dia 15 de outubro proximo passado.

D: Josina Peixoto

Por telegrama que nos foi dirigido pelo nosso eminente amigo sr. dr. Helisario Tavora, soubemos ter fallado nooming ultimo na Capital-federal d. Josina Peixoto, viuva o ioculto marechal Floriano Peixoto e sua prenta.

Esta senhora, nos dias do terror por que passou aquella capital e quando seo marido affrontava com demsada im.avidéz e calma nunca excedida os maiores perigos, cercado de traidores e de amigos que abusavão em todos os sentidos, foi como um anjo tutelar a seo lado. Era uma heroína do amor, mulher mui digna desse grande cidadão com quem, aliás, bem poucas palavras lhe cabia trocar no torvellubo em que elle se achava.

Os seus poucos momentos de consolo offerecia-os conspiciamente para

Walkírias

Errantes, indeclinas, a bruma escausa a cingir como um sendal de arminho as suas ethereas fórmas, envoaçam as languidas Walkírias.

Dasoladora payagem: luz de uma surraa borral tocando os pinaros nevontos, ar vasio porque as rigidias friagens açoitam, sem clemencia, alguma asa que passe lenta, ao alto lentamente...

Cobre a terra o sudario da neve cahiujo, com vagares de melaocho-lia, em fitoccos transparentes.

Para além, nas bréchas rasgadas em pleno yochedo, fervem aguas marinhas levantando a cada fragor, Joidas poetas de neblina tremula.
E os anjos fugitivos de Woden,

O PENSAMENTO

REVISTA
MENSAL ILUSTRADA



REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO e OFFICINAS
RUA ROBERTO SILVA N. 40 — (ANTIGA ASSEMBLÉIA)
Telephone, 30-51 (Central)
S. PAULO - BRASIL

Alguns periódicos esotéricos publicavam artigos de Vianna de Carvalho.

A revista *O pensamento*, de agosto de 1920, destacou um artigo de sua lavra intitulado "Funesta consequência".

Janeiro

ANNO
— II —
1910

Numero .3

A VERDADE

Mensario de propaganda
Espirita e Moralizador

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Fomos para casa encantado com a palavra de luz de Vianna de Carvalho e com os Casos Lindos de Bezerra de Menezes (...).

Os artigos de Max (pseudônimo de Bezerra de Menezes) no jornal O Paiz serviram de modelo a Vianna de Carvalho, que intitularia a série de artigos doutrinários por ele publicados em jornais, doutrinários e laicos, de “Temas Filosóficos” ou “Questões Filosóficas”, numa analogia à popular coluna de Max, denominada “Estudos Filosóficos”.

Os artigos de Vianna tinham, contudo, características peculiares. Basicamente, escrevia três estilos de artigos; os “Temas Filosóficos”, onde abordava didaticamente, na forma de estudo seqüenciado, os princípios basilares do espiritismo; as “Alocuções Espíritas”, quando conjugava seu talento de literato ao de jornalista; e as polêmicas, escritas com maior clareza e objetividade, porque visavam rebater críticas dos adversários do espiritismo.

Esses artigos eram, geralmente, excertos de suas conferências semanais. Lendo-os, identificamos características do grande orador, que se valia da erudição e de uma linguagem elevada, com o objetivo precípua de atingir os intelectuais.

Cairbar Schutel, outro ícone da imprensa espírita, refe- rindo-se aos artigos do amigo Vianna de Carvalho, mencionou, na *Revista Internacional de Espiritismo*, de 15 de novembro de 1926, que eram *“verdadeiras jóias dignas de serem enfeixadas em um livro para estudo e meditação daqueles que procuram a verdade redentora”*.

3. Na grande imprensa

Propagandista ousado, aproveitava o quanto podia os espaços da grande imprensa a fim de divulgar mais ampla- mente os postulados kardequianos. Contatava amigos, nas cidades por onde passava, e valia-se dos prestígios de sua elo- qüência no intuito de ter acesso aos periódicos de maior projeção. Assim, escreveu nos principais jornais do Brasil, sendo, talvez, o recordista no meio espírita nesse mister. Dentre os jornais que receberam sua colaboração, citamos: *Diário da Manhã* e *Diário da Tarde*, do Paraná; *Diário do Interior*, do Rio Grande do Sul; *Correio de Maceió*, de Alagoas; além de periódicos pernambucanos e do Rio de Janeiro.

No Ceará, escreveu no *Unitário* e no *A República*, entre 1910 e 1911. No *Unitário*, órgão do Partido Republicano Liberal, ganhou espaço especial para as “Alocuções” e “Temas Filosóficos”, em virtude da amizade com o coronel João Bri- gido dos Santos (1829 - 1921), fundador e diretor do jornal.

Constatando o apreço de João Brígido, considerado o maior nome da imprensa cearense, pelo amigo, atentemos à nota do *Unitário* de 14 de novembro de 1911, registrando a partida de Vianna. Nela, o articulista ressalta, além de outras qualidades, o talento do jovem jornalista.

Hoje embarcou para o Sul, com destino ao Rio de Janeiro, talvez à nossa fronteira do Rio Grande do Sul, o Dr. Manoel Vianna de Carvalho, 1º *tenente de artilharia do nosso exército, natural deste Estado e oriundo de uma família antiquíssima do IcÓ*.

Este moço, uma das inteligências mais potentes e fulgurantes da geração de 89, deixa na imprensa do Ceará uma lacuna insuprível.

Durante mais de um ano colaborou no 'Unitário', página extra-política, ocupando-se exclusivamente de assuntos filosóficos que são os de sua paixão e estudo mais acurado.

O público viu para dizer, se alguém já houve na nossa imprensa que se levantasse à altura dele, entrando pelos domínios da metafísica, colhendo e semeando verdades da ciência, falando e escrevendo com tanto mimo a língua que disse Camões parecer latina.

E publicista para sessenta anos de letras, orador para uma vida inteira de tribuna.

Na sua idade sabe tudo que; num estudo acendrado, pode recolher a mente mais poderosa e traquejada dum brasileiro. É um talento genial, uma memória brônzea e uma palavra

rica de suasão e doçura; doçura, dizemos, rara na sua idade, onde as paixões acendem os ânimos mais pacatos.

Vianna de Carvalho é uma honra não só para o Ceará, mas para todo o Exército, para o Brasil inteiro; e não sabemos o que se dirá mais dele, quando se lhe prolongue o estádio nessas cogitações que abrangem meio mundo.

E com muita saudade que vemos desprender-se de nós um amigo, em cuja pureza d'alma encontrávamos um desconto aos desgostos sofridos de uma mocidade que descursa tanto do futuro, deixando de acompanhar Vianna de Carvalho no rastilho de luz que vai deixando.

Desejamos-lhe a melhor viagem e que o respeitem quantos o encontrarem.

Adeus.

CAPÍTULO VI O MAÇOM

1. *Maçonaria e espiritismo*

Durante o pontificado de Pio IX, a igreja católica tomou uma série de medidas contra a maçonaria, punindo as irmandades religiosas que apoiassem ou mantivessem maçons em seus quadros. O governo brasileiro, porém, não reconheceu a validade dessas medidas em território nacional, porque fora a maçonaria patrocinadora de importantes eventos históricos. Antes da formação dos partidos políticos, ocorrida no Período Regencial (1831 - 1840), a orientação política brasileira era dada pela ordem dos pedreiros livres. Sob inspiração maçônica, foi proclamada a nossa independência política, cujos principais nomes (d. Pedro I, Gonçalves Ledo e José Bonifácio) eram integrantes da Ordem.

A questão irrompeu no Brasil quando, em 1872, o bispo de Olinda, dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, seguido pelo bispo do Pará, dom Antônio de Macedo Costa, exigiram que as irmandades religiosas de suas dioceses expulsassem os maçons a elas vinculados. O governo imperial, que tinha como presidente do conselho de ministros o visconde do Rio Branco, grão-mestre da maçonaria, interveio, solicitando aos bispos que suspendessem as punições. Com a desobediência e a conseqüente prisão dos referidos clérigos, a questão religiosa evidenciou-se, tornando-se, no entanto, uma das principais causas da aceleração do fim do império.

Por outro lado, a controvérsia religiosa incitou a imprensa brasileira, apaixonando os ânimos e atraindo a mocidade pela sedução das idéias livres. Foi nesta fase que se acentuou a identificação entre maçons e espíritas, que conjugariam esforços para, no campo ideológico, dirigirem suas baterias contra a fortaleza católica. Durante muito tempo, maçonaria e espiritismo foram ‘sócios’ de uma mesma empreitada. Segundo o jornalista Ubiratan Machado (*Os intelectuais e o espiritismo*, p.146), a partir dessa aliança:

(...) nasceria a conversão de maçons ao espiritismo e a filiação de espíritas à maçonaria (...). Maçons foram alguns dos mais destacados espíritas brasileiros. Maçom, espírita e republicano poderia ser a tríplice divisa para identificar o comportamento político-social-religioso de vários homens notáveis do ocaso imperial, em oposição ao reacionarismo católico.

2. *Vianna maçom*

A iniciação de Vianna na maçonaria deu-se em Porto Alegre, entre 1896 e 1898, na Loja Estrela de Jerusalém, fundada em 7 de agosto de 1896. Chegando a Fortaleza, em 1910, vinculou-se, inicialmente, à Loja Amor e Caridade, da qual seu cunhado, o tenente-coronel Joakim Manoel Carneiro da Cunha, era o venerável de honra. No entanto, informações constantes do livro de registros da Loja Liberdade, de 1904, gentilmente cedidas pelo jornalista e pesquisador maçom Zelito Magalhães, Vianna de Carvalho filiou-se, em 1º de dezembro de 1910, à Loja Liberdade.

Na maçonaria, destacou-se, como no movimento espírita, pela eloqüência. Em suas conferências, exaltava o Grande Arquiteto do Universo, enfatizando seus atributos, consoante a orientação dos espíritos reveladores, e concitava sempre a confraria à vivência da fraternidade como única forma de se construir uma sociedade

mais justa e livre de preconceitos. Quando necessário, dispunha-se também a profligar os ataques do clero contra a ordem e o espiritismo. As principais oficinas maçônicas do Ceará deram-lhe apoio nessas contendas, conforme nos atesta uma nota veiculada no jornal *A República*, de 24 de maio de 1910.

BenLoj. \ Amor e Caridade, 3

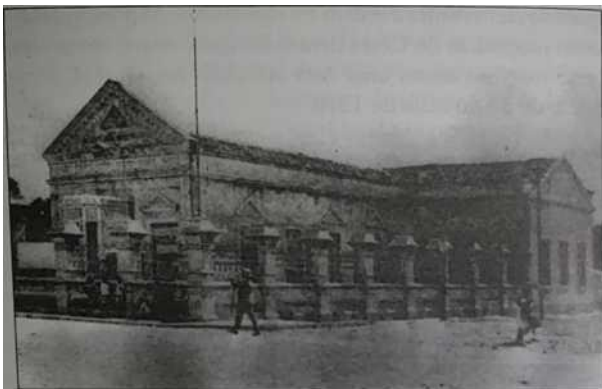
De ordem do Pod.'. Ir/. Ven. \ convido a todos os Ilr.'. do Quadro para assistirem, amanhã às 7 horas da noite, no Templo da Ben.'. Loj.'. Igualdade, a conferência anticlerical, que ali será realizada pelo talentoso Ir Dr. Manoel Vianna de Carvalho.

Orde Fortaleza, em 24 de novembro de 1910.

C. Procópio Souza, 18º Secr.*.

A condição de maçom facilitou-lhe a propaganda espírita porque, em alguns estados onde inexistiam centros espíritas capazes de comportar grande público, as lojas maçônicas lhe franquearam os salões às suas concorridas conferências.

Em Fortaleza, o apoio maçônico foi imprescindível para a organização e fundação do Centro Espírita Cearense, em 19 de junho de 1910. Quase todos os membros indicados por Vianna para composição da diretoria do centro, entre 1910 e 1911, eram maçons, tendo alguns deles seus nomes projetados na história da maçonaria local, como: Álvaro Weyne, Francisco Prado, Theodorico Barroso, Demétrio de Castro Menezes, Theóphilo Cordeiro e Rodolpho Ribas. Outros pedreiros livres, mesmo não-espíritas, mas admiradores do Tribuno de Icó, ajudaram o movimento espírita do Ceará na fase de implantação. Salientamos, dentre estes, o coronel Antônio Diogo de Siqueira, responsável pela doação do terreno onde seria construído o Centro Espírita Cearense, e o coronel João Brígido dos Santos, emérito jornalista, que cedeu espaço no *Unitário*, jornal de sua propriedade, para divulgação das idéias espíritas.



Prédio do Centro Artístico Cearense, onde funcionou a loja maçônica Liberdade. Foto do segundo decênio.



Foto atual do Grande Oriente Estadual do Ceará, onde funcionava, em 1910 e 1911, a loja Igualdade.

Graças à maçonaria, Vianna de Carvalho pôde, em **1910,1911,1923 e 1924**, realizar, na terra natal, estudos sistemáticos de espiritismo e proferir palestras nas lojas Igualdade, Amor e Caridade, e Liberdade⁸.

3. Um jornal maçônico

No dia **12** de dezembro de **1910**, Vianna fundou em Fortaleza o jornal O *Combate*, com o objetivo de responder as críticas feitas contra o espiritismo e a maçonaria pela igreja católica, através de seu hebdomadário O *Cruzeiro do Norte*.

Segundo o barão de Studart (*Para a história do jornalismo cearense. 1824-1924*, p. **179**), O *Combate*, cuja redação localizava-se na rua Senador Alencar quase esquina com a rua General Sampaio, teve apenas o seu primeiro número circulando como órgão maçônico-espiritista, ficando, do segundo número em diante, órgão exclusivo da maçonaria cearense, tendo como redatores: Vianna de Carvalho, Antônio Arruda⁹ e Henrique de Alencastro Autran.

Sobre a circulação de seu primeiro número, *A República*, de **17** de dezembro de **1910**, divulgou:

Circulou ontem nesta capital o primeiro número do nosso colega de imprensa - O *Combate* órgão sem ligações partidárias a credos políticos ou filosóficos, que se apresenta na arena jornalística, propondo-se a 'trabalhar o maior desejo para que se modifiquem as maneiras, os costumes e as leis da imprensa; para que sejam respeitados o direito, a honra e a dignidade do cidadão'. Ainda mais: O *Combate* repele completamente as questões pessoais e admite como parte integrante do seu programa a investigação à verdade científica, os interesses da comunidade brasileira, o futuro e o bem-estar da humanidade e, assim, aceita o concurso de todos os que o quiserem auxiliar.

4. Uma homenagem póstuma

Decorridos onze anos da desencarnação do nosso biografado, um grupo de maçons fortalezenses resolveu render tributo à sua memória, fundando, em **18** de março de **1937**, a Loja Maçônica Vianna de Carvalho. Conforme podemos observar a seguir, na transcrição de trechos da ata de fundação da instituição, a idéia partiu de José Ramos Tories de Melo, amigo e admirador do homenageado.

À Gl.'do Gr./Ar/.do Univ/.

Aos dezoito dias do mês de março do ano de mil novecentos e trinta e sete (E./V/.) nesta cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, à Rua Senador Pompeu n° **578**, prédio onde funciona a Secretaria da Dçleggia Especial do Grande Oriente do Brasil, às dezenove horas, presentes os irmãos abaixo assinados, por combinação prévia, .- tomaram- os lugares de Ven./o Pod./Ir./Dr. Jorge Vieira da Costa, 1º Vig.'. Raimundo Melo Falcão, 2º Vig /. Abner Brígido Costa, Orador Edson Moura, Sec /. Ezequiel Silva Menezes, Adjunto de Sec/. Amauri Barbosa Gulgel, Tes./José de Castro Sá, Mestre de Cerim./José Cesar da Silveira, Chanc./José Bamabé Vieira e Adjunto de Orador

⁸ **8** A Loja Amor e Caridade funcionou, inicialmente, na rua do Trilho de Ferro (começo da atual av. Tristão Gonçalves), transferindo-se, em **1910**, para a rua Senador Pompeu, no mesmo prédio da Igualdade. A Liberdade funcionou no prédio do Centro Artístico Cearense, na rua - hoje avenida - Tristão Gonçalves.

⁹ **9** Antônio Arruda era o redator-chefe do jornal *A República*. Faleceu em **1912**

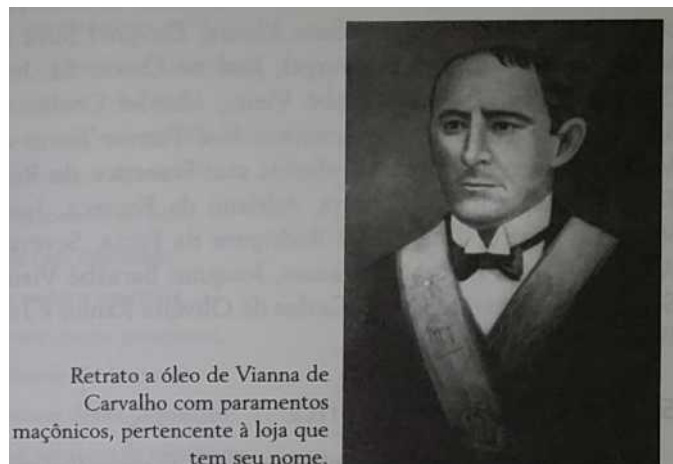
Joaquim Moreira Neto, Cobr/. Manoel Coelho da Silva.

O Ir./Ven/. expôs o motivo da reunião, que era a instalação de uma Loja Maç/. neste Or.\, sendo unanimemente aprovado.

Ficou deliberado a permanência da atual Diretoria provisória até novas eleições, e que a Loja trabalharia no rito Adonhi-ramita.

O Ir./Deleg./José Ramos Torres de Melo lembrou para o título distintivo da Loj /o nome 'Vianna de Carvalho' como uma homenagem ao grande cearense que em vida se chamou Manoel Vianna de Carvalho, cidadão portador de raríssimas virtudes.

Os presentes se manifestaram favoravelmente à proposta.^..)



Retrato a óleo de Vianna de Carvalho com paramentos maçônicos, pertencente à loja que tem seu nome.



Leônidas, Leilah e Leonardo de Carvalho.

Na relação dos fundadores e membros da “Vianna de Carvalho”, integrantes de sua primeira diretoria, encontravam-se os nomes: Jorge Vieira da Costa, Raimundo Melo Falcão, Abner Brígido Costa, Edson Moura, Ezequiel Silva de Menezes, Amauri Barbosa Gurgel, José de Castro Sá, José Cesar da Silveira, José Barnabé Vieira, Manoel Coelho da Silva, Nodge Holanda Cavalcante e José Ramos Torres de Melo. Também assinaram a referida ata: Francisco do Rego Falcão, Tobias Sidrião Ferreira, Adriano da Fonseca, Josué Viana de Castro, José Olavo Rodrigues da Frota, Severino Alves de Sousa, Raimundo Ramos, Joaquim Barnabé Vieira, Sebastião Guimarães Costa, Carlos de Oliveira Ramos e José Pereira da Silva..

5. Uma celebração histórica

No dia **30** de abril de **1997**, a convite do venerável mestre Francisco Rolim de Freitas, participamos da solenidade de comemoração dos sessenta anos de fundação da Loja Maçônica Vianna de Carvalho, data em que também seria feita a sagração de seu novo templo.

A pedido de Rolim de Freitas, intermediamos o convite aos sobrinhos de Vianna – Leilah, Leônidas e Leonardo, os quais se fizeram presentes, dando brilho especial à festa.

No salão de banquetes, foram prestadas homenagens ao patrono da casa. O ponto alto do evento ocorreu quando o coronel Leônidas de Carvalho, em nome da família, recitou, emocionadamente, uma ode de sua autoria, na qual, sinteticamente, estabelece um perfil da vida de seu tio Manu.

A Manoel Vianna de Carvalho

O mérito é sempre oriundo de um verdadeiro valor.

Poucos fatos neste mundo, modificam este fator.

No espaço, a imensidão da vida. No tempo, a eternidade. Existência bem vivida, vida com dignidade!

Foi assim a trajetória de um grande peregrino: entremeada de glória!

Homem desde pequenino!

Que em fecunda existência, pregou sublime doutrina, com a prática e a vivência; como o canário que trina, como da noite o orvalho: sem ódio, maldade, ou ofensa; eis Vianna de Carvalho!

A nos inspirar a crença, de que tudo neste mundo, pode ser belo e risonho.

Tão profícuo, quão profundo.

E se transformar no sonho que a todos enternece, que nos leve sempre avante!

A humanidade merece!

Ser tranqüila e ser pujante!

No tempo, a eternidade. Existência bem vivida, vida com dignidade!

Foi assim a trajetória de um grande peregrino: entremeada de glória! Homem desde pequenino! Que em fecunda existência, pregou sublime doutrina, com a prática e a vivência; como o canário que trina, como da noite o orvalho: sem ódio, maldade, ou ofensa; eis Vianna de Carvalho!

A nos inspirar a crença, de que tudo neste mundo, pode ser belo e risonho.

Tão profícuo, quão profundo. E se transformar no sonho que a todos entenece, que nos leve sempre avante!

A humanidade merece!

Ser tranqüila e ser pujante!

Por isto tudo lutou,

com o amor que esplendora.

E imenso exemplo deixou, por este Brasil afora!.

No exército brasileiro, em posto de oficial, foi o grande pioneiro!.

Exemplo de alto grau!.

Pois soube usar a espada como símbolo da razão!.

No coldre ou desembainhada, como manda o coração!.

Porém sempre respeitada!.

Para o objetivo alcançar, pelo uso da palavra, para a todos conquistar, lançou semente que lavra que convence e frutifica e em nossas mente ficai Como a lembrar que, na vida, quem impera é a bondade, sempre e sempre ressurgida. A exemplo da caridade, talvez a maior virtude de toda a humanidade!

A mais bela atitude, que nossas almas invade!

A ti reverenciamos!

Aqui da Terra, ao além.

E o teu espírito evocamos, para nos mostrar o bem, que em tua vida pregaste.

Que está no infinito, com o mais lindo engastei A nos livrar do conflito, que o livre-arbítrio nos traz.

Que caracteriza o racional.

E com clareza nos faz, discernir o bem do mal!

Estás vivo em nossas mentes!

E hoje em simbólica loja, de amigos aqui presentes que só virtudes aloja, é sublime a homenagem, agora a testemunhar!

Teu exemplo, tua imagem, a quem nela adentrar!

Foste o filantropo secreto, que usou e foi vezeiro, o compasso do arquiteto e o esquadro do pedreiro!

E como estás lá nos céus, com Cristo e a felicidade, envolto em perfumados véus, os adeuses da saudade: nossas preces de belas orações, vindas do fundo de nossos corações.

CAPÍTULO VII O ORADOR

1. *A oratória através dos tempos*

A oratória pode ser conceituada como a arte do bem dizer, de impressionar e convencer através da palavra falada. Sua origem remonta aos primórdios da humanidade. Nos livros sagrados, literários e filosóficos antigos, encontramos menções a expoentes dessa arte.

Na Grécia, onde desempenhou importante papel, a oratória teve em Demóstenes, Esquines e Péricles, seus principais representantes. Na civilização romana, Cícero tomou-se uma lenda. Na fase heróica de implantação do cristianismo, foi importantíssima para a divulgação da Boa Nova, pelo verbo de Paulo de Tarso. Durante o quarto e quinto séculos, a eloqüência cristã notabilizou-se entre os padres gregos Basílio e João Crisóstomo e entre os padres latinos, com Ambrósio e Agostinho. No transcurso das Idades Média, Moderna e Contemporânea, destacaram-se: Bernardo de Clairveaux, Antônio de Pádua, Martinho Lutero, João Calvino, padre Antônio Vieira e frei Francisco de Mont'Alverne, estes últimos no Brasil dos séculos XVII e XIX, respectivamente.

Na política, famosos foram os discursos de Mirabeau, Danton, Camille Desmoulins, na França; Guilherme Pitt, Disraeli e Gladstone, na Inglaterra; e Gonçalves Ledo, Rui Barbosa e Carlos Lacerda, no Brasil.

O espiritismo, cuja mensagem, por razões contextuais, vem sendo divulgada, preponderantemente, pela palavra escrita, não prescindiu, todavia, da colaboração de eloqüentes propagandistas, sendo Léon Denis, na França, Vianna de Carvalho e Divaldo Franco, no Brasil, os nomes exponenciais.

2. *O maior orador*

Vianna de Carvalho foi considerado pelos seus contemporâneos como a “glória dos oradores espíritas do Brasil”. A revista *Verdade e Luz*, de São Paulo, na edição de 18 de julho de 1922, sobre ele discorreu. “(...) Dentro de sua humildade cristã, arrebatava auditórios, que, em delírio, o ouvem e aplaudem (...)”.

Para Divaldo Pereira Franco, Vianna de Carvalho foi o mais completo orador espírita já aparecido na Pátria do Cruzeiro. Ele reunia todos os atributos necessários ao exercício da eloqüência. Possuidor de memória fotográfica, era capaz de mnemonizar e reproduzir, *ipsis litteris*, várias páginas com seus escritos. Detentor de uma cultura invulgar, enfocava, à luz do espiritismo, conhecimentos de astronomia, física, química, sociologia, história, literatura e psicologia, tendo, porém, o cuidado de abordar sempre a doutrina espírita no seu tríptico aspecto. Zêus Wantuil (*Grandes espíritas do Brasil*, p. 595), compilando informes de periódicos da época, registra:

Seu verbo inspirado, através de uma dicção impecável, de timbre sonoro e harmonioso, assumia, às vezes, tonalidades impressionantes, assomando-lhe aos lábios em tropos de empolgante beleza. Foi, na verdade, um mágico da palavra, esteta do sentimento e criador de sensibilidades, arrebanhando prosélitos e simpatizantes em sua peregrinação triunfante pelo Brasil afora.

Muitos foram aqueles – intelectuais, religiosos ou materialistas – que, impressionados com o verbo fácil de Vianna, converteram-se ao espiritismo. A partir do segundo decênio deste século, quando cresceu sua fama, as casas espíritas ficaram pequenas para o número de curiosos ávidos por conhecer o notável orador que, conforme diziam, falava melhor que Rui Barbosa, o maior discursista da época, o raio de eloqüência, águia do púlpito.

Ramiro Gama, que na juventude o ouviu, sintetiza as características do tribuno cearense (*Seareiros da primeira hora*, pp. 167–168).

Foi o orador mais completo que tivemos nestes últimos quarenta anos.

Timbre de voz maravilhoso. Palavra sábia e fácil. Cultura geral e, especialmente, evangélica–espiritista.

Além de tudo isso, físico simpático à moda de um romano, expressiva força moral advinda de um passado limpo, cuidadoso, exemplar e espetacular inspiração, permanentemente mantida por uma colmeia brilhante de Espíritos, que nele punha sua confiança e sua certeza de estar ele, efetiva, humilde e sinceramente, a Serviço de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Por isso de um tema vulgar, pequenino, supostamente banal, tirava ele lições magistrais à luz dos ensinamentos imortalistas da Boa Nova.

Podia pregar em praça pública, nos ambientes mais diversos, porque sabia, de pronto, catequizar, emocionar, esclarecer e agradar os auditórios mais heterogêneos.

Em nosso livro – ‘Lindos Casos de Bezerra de Menezes’, veladamente, fizemos alusão ao seu nome, à sua oratória, que nos surpreendera, pois jamais havíamos ouvido alguém falar assim, de forma inspirada, equilibrada, espalhando cultura que ignorávamos, defendendo um assunto – o Espiritismo – com o qual ainda não nos simpatizáramos (...).

Há oradores que cansam pelas idas e vindas de suas argumentações; pela cultura socada e disseminada sem interpolações de algo que a faça entendida; outros existem que não pau– sejam suas dissertações, desejando, com isso, mostrar erudição e cansam os auditórios, que acabam nada compreendendo e nada retendo do que ouvem Vianna de Carvalho, não. Foi, é e continua sendo um modelo vivo para todos nós, que nos colocamos a serviço dos interesses da doutrina e não de nossos interesses (...).

3. *Belíssima improvisação*

Espírito adremente preparado para o desempenho de sua missão, amparado pela espiritualidade superior, às vezes, quando necessário, falava de improviso.

Recebemos do amigo Leonardo de Carvalho, sobrinho do nosso biografado, um velho recorte de jornal noticiando uma interessante palestra de seu tio, proferida no Grupo Espírita Discípulos de Samuel, do Rio de Janeiro. Infelizmente, o recorte não foi datado, mas pudemos, por uma notícia do verso, precisar o ano de **1914**. Nesta nota, transcrita a seguir, observamos a extraordinária capacidade de improvisação do orador, no enfoque de assuntos ecléticos feito por ele a partir de um tema evangélico sugerido por alguém da assistência.

Mais uma dissertação do Dr. Vianna de Carvalho

No Centro Espírita Discípulos de Samuel, à rua Joc– key–Club, **189**,¹⁰ o Dr. Vianna de Carvalho produziu ontem mais uma dissertação evangélica sobre o tema, escolhido por um irmão do Centro – Não cai nem mesmo a folha de uma árvore, sem a vontade de Deus.

Para começar, o orador estabelece a premissa da existência de Deus, cuja concepção se lhe antolha difícilíssima, quando considerado como um ser antropomorfo e

¹⁰ **10** O Grupo Espírita “Discípulos de Samuel” atualmente localiza–se na Rua dos Artistas, **151**, no bairro de Vila Isabel

ao qual têm emprestado as religiões os mesmos vícios e paixões do homem materializado, mas que, ao contrário, essa concepção se torna acessível a todas as inteligências se imaginarmos que Deus é o foco de onde derivam todas as forças, a causa de princípios, o autor de tudo e motor de tudo.



"... Físico simpático à moda de um romano...". Fotografia de Vianna publicada pela primeira vez na revista *Verdade e Luz*, de outubro de 1926 (cortesia de Antonio Lucena).

Cita capítulos de Léon Denis, na sua obra admirável – *Depois da morte* – e afirma que, se não podemos definir o indefinido, certo, não erraremos dizendo que Deus é o ser em cujas ondas amorosas se banha a natureza inteira. Desde os vermes que rastejam na terra até os gigantes luminosos que rasgam a amplitude azul, no vértice imensurável dos espaços, tudo isso está mergulhado no seio da substancialidade divina, que, assim, sente cair as folhas das árvores, como os cabelos da nossa cabeça.

Em seguida, o conferente passa a tratar das leis universais, afirmando que o mundo físico se acha encerrado nas malhas de forças estupendas, e o que a respeito ensina a nossa matemática superior é para a ciência de Deus o mesmo que uma gota de água para a majestade dos oceanos.

Ocupa-se, depois, dos reinos da natureza, demonstrando que, se esses reinos tivessem vontade própria para oporem à vontade de Deus, não haveria equilíbrio no Universo, cujas leis são imutáveis, nelas se expressando a vontade de Deus, nos movimentos dos astros, na sucessão das estações, na queda dos corpos, na maturidade dos frutos.

Discreiteia sobre as noções de espaço, vácuo e éter, e diz que Deus está dentro da natureza inteira e a sua interferência e providencialidade acompanham, animam e vivificam todas as coisas.

Entra a discorrer sobre as leis morais, para evidenciar que no mundo moral não se observa o mesmo fatalismo das leis de ordem física, pois, aí, a lei do Bem se cumprirá, combinando-se a vontade de Deus com a manifestação do nosso livre-arbítrio.

Cita textos evangélicos, mostrando que o livre-arbítrio é instituído pela vontade de Deus, que persiste em todas as manifestações da natureza inteira.

Jesus, asseverando que das ovelhas do seu rebanho nem uma se perderá, mostra claramente, diz o conferencista, que Deus está combinando a sua vontade com os nossos atos, de molde a permitir que para o mais réprobo dos espíritos soe também a hora do arrependimento, que o conduza ao bom caminho.

Deus permite que a vontade dos espíritos se exercite livremente, explica o orador, sem contudo abandoná-los, e é por isso que o Mal existe, pois se Deus impusesse a sua vontade ao homem, nenhum mérito haveria na prática das boas obras, nenhum gozo nos proporcionaria o exercício das virtudes, e as próprias pessoas, que fossem perfeitas, achar-se-iam na situação daqueles que recebem bens por herança e que nenhuma importância dão a esses bens.

Estende-se em considerações sobre o princípio espiritualista, segundo o qual cada um de nós ao sair das mãos de Deus, é por Ele confiado aos cuidados de um nosso irmão mais velho – o anjo guardião – que nos acompanha na trajetória da nossa evolução espiritual e se alegra com os nossos bons atos, entristecendo-se e melancolizando-se quando infringimos os preceitos evangélicos.

É ainda uma manifestação da solicitude de Deus, diz o prelecionista, que assiste a todas as suas criaturas e exorta-nos a obedecer às leis da moral, que é por onde se exterioriza a vontade da Mente – Substância Universal.

Em seguida o conferencista reporta-se ao Evangelho, que diz não cairia um só cabelo da nossa cabeça se isto não estivesse previsto pela vontade de Deus, para abordar as causas e consequências da atual conflagração européia, afirmando que tudo é harmonia no Universo, quer se agitem as entranhas da Terra, quer as da humanidade, e, se lamentamos as guerras, é porque o nosso olhar não abrange o todo.

Perorando, o Dr. Vianna de Carvalho diz que o espiritismo esclarece todos esses problemas, ensinando que na natureza tudo se move e funciona numa ordem perfeita, sob as vistas do Soberano Senhor, cuja vontade única se dissemina na infinitude dos tempos e nas extensões do espaço universal, mantendo por toda a parte a unidade de Sua obra sem limites.

4. “Um Titã”

Sob esse título, o jornalista ítalo-brasileiro Mariano Rango D'Aragona escreveu, na revista *A Centelha*, de maio de 1947, um artigo onde testemunha a forte impressão que lhe causaram as conferências de Vianna.

Neste artigo, parcialmente reproduzido, podemos perceber o carinho do público para com o orador, como também o aparato espiritual que estava por trás de sua eloquência fenomenal.

Conheci Vianna de Carvalho no ano de 1920, em São Paulo, quando o mesmo, a convite da Federação Espírita, foi àquela cidade, a fim de realizar três conferências públicas sobre o Espiritismo.

Passados vinte e sete anos desde aquela data, quando pela primeira vez ouvi seu verbo, eu vibro ainda e sempre na lembrança da sua eloquência.

Raramente, depois dele, tenho ouvido outro orador tão profundo, eclético e alado. Pequeno, humilde, mas dinâmico e poderoso no pensamento, com os olhos fixos no Alto, parecia um “Titã” que surgia do fundo terrestre para desafiar o ignorante, o místico, o ateu, e elevá-lo ao encanto, ainda hoje escassamente compreendido, da Terceira Revelação. (...)

E o engenheiro (apenas) Vianna de Carvalho sabia, admiravelmente, fundir o todo harmônico da Criação, numa eloquência de poeta e de filósofo, de humano e de racional.

As suas três conferências foram tão maravilhosas que, quando se despediu, o público enorme, de pé, exigiu que fizesse outra conferência para o dia seguinte. E Vianna, obedecendo, pediu o tema, que eu, da platéia lhe sugeri: 'Os mundos plurino- minais'.

E a quarta noite chegou. Muito antes do início da conferência, uma multidão apinhava-se até à rua.

Fecho os olhos e relembro palidamente, muito palidamente, aquela noite de luz.

Vianna parecia transhumanado desde as primeiras palavras. Todos notaram que o seu rosto, como que envolvido em uma aura suave, dava e recebia luz e que na sua mesma voz havia tonalidades misteriosas; vários médiuns acusavam, publicamente, vibrações etéreas. E, durante a hora e meia da sua dissertação, o ambiente parecia uma maré de ondas de entusiasmo.(...)

Quando terminou a sua conferência, o ambiente parecia eletrizado. Palmas e gritos de alegria saudavam o Titã’ do Espiritismo, e – caso único nos anais dos nossos propagandistas – muitos dos assistentes lhe enxugaram o suor, para beijar – diziam – as ' pérolas da sua fascinação.

Nunca mais ouvirei um “Titã” como Vianna de Carvalhol

Nunca mais...



Raríssima fotografia de uma conferência do Tribuno de Icó, em 3 de outubro de 1921, na União Espírita Suburbana, RJ. Sentado à esquerda de Vianna, de óculos, seu grande amigo Ignácio Bittencourt (cortesia de Antonio Lucena e Ruy Kremer).



Conferência de Vianna – destaque.

CAPÍTULO VIII O POLEMISTA

1. *Polêmicas*

Desde a chegada do espiritismo ao Brasil, na década de **60** do século XIX, a reação de pretensos sábios das academias e da ortodoxia religiosa foi imediata.

Mesmo com a questão religiosa, em **1872**, e a proclamação da república, o catolicismo continuou mantendo o *status quo* de religião oficial.

Para a modificação desse quadro e a afirmação da mensagem dos espíritos, tornaram-se inevitáveis os confrontos ideológicos. Estas contendas devem, no entanto, ser compreendidas como parte de um contexto no qual alguns teólogos tradicionais, por ignorância ou orgulho, anatematizaram o espiritismo, único sistema filosófico capaz de enfrentar o materialismo, este sim, o 'inimigo' comum das doutrinas espiritualistas.

É provável que muitos espíritas, hoje, desconheçam o fato de que almas venerandas como Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e Cairbar Schutel não recuaram diante das oportunidades de refutar, da tribuna ou pela imprensa, invectivas anti-espíritas.

Entretanto, coube a Manoel Vianna de Carvalho o título de "o mais saliente dos polemistas" do nosso movimento. Em razão da sua inteligência refinada e da inigualável agilidade verbal, jamais saiu perdedor de uma pugna, fosse pela imprensa ou em conferências públicas.

Ciente, todavia, do lado positivo das polêmicas, sobretudo para efeito de propaganda, procurava, sempre que possível, evitá-las. Não obstante, deflagrado o confronto, partia destemido contra os opositores, combatendo-os no campo ideológico, mantendo, porém, o equilíbrio, a ética e o respeito pessoal aos contraditores.

Acostumado à altura da Verdade, ele não experimentava vertigens. No momento de dizê-la, a semelhança de um diamante, sabia burilá-la e ao entregar não a arrojava na face para produzir uma ferida; envolvia-a no veludo do Evangelho para que ela chegasse tônica, dúctil, nobre (...) ¹¹

2. *Na terra natal*

Através do médium Divaldo Pereira Franco, em mensagem intitulada "Aos Difamadores do Espiritismo" (*Enfoques Espíritas*, p.1 **19**), Vianna de Carvalho assevera:

Difamadores sempre os houve. Jactanciosos e parvos transitaram, insolentes e atormentados, pelas páginas da História. Acomodados ao narcisismo pecaminoso ou feridos nos brios da insensatez, assumiram atitudes quixotescas com que pretendiam lutar contra os moinhos de vento que a ilusão transformava em fantasmas ameaçadores.

Não obstante, açulados pela ira ou vencidos pela mordacidade em que se compraziam, arremeteram, furiosos e trêfegos, contra as construções superiores, sem, no entanto, conseguirem obstar-lhes a marcha nas trilhas da evolução (...).

Quando regressou a Fortaleza, em **1910**, o movimento espírita alencarino era incipiente. O catolicismo mantinha ainda uma dominação hegemônica, apesar de já haver, desde a

94 década de **80** do século anterior, entrado em choque com o credo protestante de feição presbiteriana. Nessa época, Manoel Soares da Silva Bezerra (**1810 - 1888**),

¹¹ Conferência proferida por Divaldo Franco, no Clube Militar do Rio de Janeiro, em **10.12.1974**.

irmão mais velho do nosso “Médico dos Pobres”, e autor do livro *O que é o protestantismo*, foi o principal defensor da igreja de Roma, recebendo, por isso, do papa Pio IX, o “Hábito de Gregório Magno”.

A repercussão das conferências de Vianna teve efeito retumbante e, como não poderia deixar de ser, a resposta do clero se fez iminente e violenta.

Pelas páginas do hebdomadário da igreja, *Cruzeiro do Norte*, do periódico bimestral, *O Bandeirante*, ou utilizando o espaço livre da coluna “Tribuna do Povo” do jornal *A República*, os contendores católicos – à exceção do padre Vanderrillo Herpierre, da cidade de Quixadá (CE) —, ocultos em pseudônimos (Lux, João da Roça e Gil), destilavam o rancor – fruto do desespero, ante o avanço da nova doutrina — contra o impertérrito orador.

Vianna evitou o quanto pôde envolver-se em querelas na terra de seus pais. Mas a insidiosa campanha clerical, cuja tônica eram as calúnias, críticas infundadas e o escárnio, mexeram com a sua têmpera de nordestino. Ele, numa “Réplica a Lux”, publicada no jornal *Unitário*, de 24 de outubro de 1911, esclarece o porquê do início da série de polêmicas em que se envolveu.

Faço agora uma ligeira recordação para avivar no espírito público os sucessos que motivaram a minha atitude defensiva em face dos mui ‘piedosos’ insultos editados contra mim pelas penas anônimas da folha romanista. Quando iniciei, em maio do ano passado, a exposição da excelsa filosofia espírita, foi sempre meu intento poupar todas as crenças alheias, evitando análises ou referências que pudessem melindrar, mesmo de leve, a suscetibilidade de seus adeptos.

Vulgarizando os ensinamentos admiráveis que na hora atual ocupam as atenções do mundo culto, estava à sombra da nossa Constituição no tocante às garantias atinentes à liberdade de pensamento.

Qualquer brasileiro goza o sagrado direito de manifestar em público as suas idéias dentro da esfera compatível com a decência e os sentimentos inseparáveis da dignidade humana (...)

Da tribuna defendi calorosamente os princípios que propago, mas acatando, com especial deferência, a pessoa do escritor católico. De oposto procedimento usou Lux, saindo a campo a vomitar impropérios e insinuações menos limpas no arrojo do conferencista que vinha perturbar a tranqüilidade de suas ladainhas ‘purificadoras’...

Confesso que a minha fibra de cearense ressentiu-se, com a melancolia das decepções inesperadas, apreciando o nível alarmante do fanatismo a se alastrar, como as epidemias pavorosas, no berço de tantos heróis da liberdade (...)

Na ‘Terra da Luz’ se alimenta um Cérbero – o ‘Cruzeiro’

– aafiando as garras para devorar as tentativas de evolução, de progresso, que algum de seus filhos aspire imprimir ao curso de seu desenvolvimento coletivo.

Nunca me passara pela mente perpetrar dissertações antidericais nem escrever algo esmiuçando sutilezas teológicas, dogmas ou cultos de outras formas de religiosidade.

Lux e o ‘Cruzeiro’ concitaram-me à luta com reiteradas ofensas nas quais se mesdava um ódio sanguinário, semelhante ao de Torquemada imolando milhares de vítimas nas fogueiras bentas do ‘Santo Ofício’(...)

Julgando erroneamente que iriam prestar serviços valiosos à causa da igreja, acorreram em grave atentado: deram origem à fundação do ‘Centro Espírita Cearense’, ao aparecimento do ‘*Combate*’ e do ‘*Lábaro*’ e à campanha de livre exame que repercutiu longe dos arraiais do jornalismo brasileiro (...)

Se houve pela imprensa uma polêmica inteiramente prejudicial aos créditos católicos, agradeçam-na os fiéis ao desastrado tino do ‘Cruzeiro do Norte’ (...)

Comprovando esta sua justificativa, transcrevemos alguns trechos de artigos publicados nos jornais anteriormente citados. Atentemos ao fato de que, apesar da virulência das críticas, o talento e a oratória de Vianna são de certa forma ressaltados. Observemos ainda, na segunda transcrição do artigo de João da Roça, o resultado do trabalho missionário do Pregador de Icó, conseguindo despertar o interesse de pessoas de todo o estado pelo espiritismo.

(...) Muito, muitíssimo, se tem dito, ultimamente, em conferências públicas, sobre o espiritismo, porém somente cousas bonitas, figuras de retórica, palanfrórios enfeitados e nada do que se deseja saber, do essencial, enfim, se tem demonstrado (...) Nas estatísticas dos hospícios, o número de loucos, vítimas do espiritismo, é muito maior (...) O catolicismo praticado como se deve, nada tem de nocivo à saúde, traz, ao contrário, lenitivo à alma, bálsamo consolador para os sofrimentos! O espiritismo, de qualquer forma, abala, deprime, enlouquece (...)

Não se iludam os homens de bom senso com o fraseado elegante, com as explanações perigosas dos espíritas, pois são emanadas de cérebros doentios (...) As coisas más têm adornos, belezas, atrativos irresistíveis. O espírita nunca adoece, delira, se torna logo um fanático, um maníaco (...) O espiritismo é uma fantasia da imaginação, a crença católica é lâmpada que não se apaga nunca, é fogo que não se extinguirá jamais.

Lux (*Cruzeiro do Norte* - 16.10.1910.)

É bem possível que o Sr. Dr. Vianna continue a impressionar certa parte da sociedade fortalezense, vendendo gato por lebre (...) Lembro ao Sr. Dr. Vianna que o campo é vasto para fustigar o reinado das paixões más, deixando em paz o povo em suas benditas crenças, provadas- pelos efeitos benéficos (...) Aproveite o Sr. Dr. Vianna os dotes oratórios que o distinguem e zurza o costado das nulidades que somos, quase todos, os da praça e os do mato.(...)

João da Roça (*Cruzeiro do Norte*, 30.10.1910.)

Aí, nessa capital, o Sr. Dr. Vianna com as tricas espíritas, varrendo a verdade de algumas inteligências inseguras (...) Aqui no sertão, nesse fim de ano, fortes ventos que nos atulham a casa de ‘poeira maléfica’! Os males produzidos por ela, entrando-nos igualmente nas vias respiratórias, danificam o corpo; aqueles que decorrem de frases recheadas de citações científicas, trazem morte às inteligências dos que, ajudados pela ignorância própria e fascinados pelo verbo eloqüente do Sr. Dr. Vianna, pensam encontrar na novidade o último raio da metafísica e da cosmologia! (...)

João da Roça (*Cruzeiro do Norte*, 20.11.1910.)

(...) E, muitas vezes intimamente e de coração, lastimamos que um moço de tão futuroso talento e de tantos recursos intelectuais fosse vítima inconsciente de tão deplorável cegueira (...) A sua propaganda estava sendo deletéria, estava sendo prejudicial, estava enchendo de pensamentos febris, controversos, inconseqüentes, a cabeça desmiolada de muita gente, que ia dando crédito às suas doutrinas malévolas (...)

Anônimo (O *Bandeirante*, 15.12.1910.)

(...) E por mencionar o Vianna, não posso esconder a dó que me causa o ver em tamanho desvairo. Conheci-o nos áureos tempos do Centro Literário, e mal cuidara então com o decurso do tempo, o moço de tão real talento, far-se-ia em sua terra um corifeu da seita escarnida e mal-assombrada, que tem enchido o mundo de orates e arvorados.

Que pretenderá o obcecado espírita?

Pretenderá o aniquilamento do catolicismo no Ceará?

Desculpe-me o indefesso propagandista esta verdade seca e breve que me Nosso Senhor deu, como lá diz um clássico: mas só o tomar a ombros, (e ombros imbecis¹.) semelhante impureza já me parece a eiva de um juízo aboleimado (...)

Gil (O *Bandeirante*, 10.03.1911.)

(...) Quanto ao veneno da doutrina que pretende intoxicar a nossa fé é sutil e traiçoeiro, o sabemos de sobra pela maneira com que se propina e pelos estragos que causa (...) suporte dificilmente que o campeão do espiritismo, em lugar de ter ensinado teorias teosóficas mais modernas (falsas também) se contente em espalhar o espiritismo antiquado do pobre Allan Kardec de quem uma Enciclopédia moderníssima publica que, depois de ter deixado de estar em voga, desde vinte anos na Europa e na América do Norte, emigrou para uns cantos da América do Sul¹. O Ceará não seria destes cantos¹

Respeitemos o Ceará, a Terra da Luz?

Padre Vanderillo Herpierre [*A República*, 06.04.1911.]

3. *Uma mensagem apócrifa*

As críticas absurdas contra o destemido pregador chegaram a tal ponto que um dos articulistas católicos, anonimamente, valeu-se da coluna “Tribuna do Povo”, do jornal *A República*, de 12 de abril de 1911, para publicar uma falsa mensagem atribuída ao espírito Voltaire, supostamente recebida, através da via mediúnic, por um padre jesuíta, e endereçada a Vianna de Carvalho.

Sob o título de “Ao Dr. Vianna, filhinho do meu coração”, o artigo agressivo intencionava ridicularizar o espiritismo e seu eloqüente advogado.

Na mensagem, o filósofo iluminista, conhecido pelo seu anticlericalismo, instigava o ‘pupilo’ Vianna a investir contra a igreja de Roma. Vejamos alguns trechos das ‘orientações’ do pseudo Voltaire:

(...) A minha sombra que vagueia pelo mundo como a de Caim fratricida, e do Judeu errante, o deicida, sem achar paz nem descanso, parou um instante para admirar o furor do teu 'combate', 6 filhinho do meu coração (...)

Audaz e violento, hábil e pérfido deve ser o atleta na luta titânica contra o monstro moribundo; dá o último assalto, o decisivo, o definitivo, contra a religião dAquele que chamei o ‘Infame’. Cantei a sua morte, como a cantara Julião, o Apóstata; acabei como este, triste e desesperado, pois ainda vencera o Galileu.

Sê mais feliz, sendo mais astuto!

Quem ataca Jesus, não vingá; vingá só o beijo de Judas! Embora para ti, como para mim, Cristo não passe do sonhador desequilibrado, do judeu perturbador, supliciado no madeiro, muito inferior ao teu Allan e a ti mesmo, pois mais brilha a tua retórica do que a Sua doutrina; exalta este Filho do Homem, nele venera o teu Mestre, adora o teu Senhor, engoda o público, deslumbra os papalvos pela unção mística, pela magia bombástica de tua palavra e vingá a nossa causa. (...)

Já acabo, filhinho do meu coração! Não deita exclamações de surpresa indignada quando souberes que para rabiscar estas poucas linhas minha sombra escarnada empregou a mão de um jesuíta (...)

Filhinho! Não vá cair nesta! Sê mais lógico no teu ódio! Mente, filhinho, mente! Sempre fica alguma cousa! Acredita na experiência do teu velho, rabugento e

cínico.

Voltaire

O padre Van Esse

Vai revestir-se do máximo interesse a conferência que o Dr. Vianna de Carvalho realizará, na próxima sexta-feira no salão da Loja Igualdade, à Rua Senador Pompeu, às **7** horas da noite.

Tal interesse provém do fato de que o orador ocupar-se-á em combater, ponto por ponto, os artigos do padre J. B. Van Esse, insertos nos números **29** e **30** do *Cruzeiro do Norte* (...)

Esta nota, publicada no *Unitário* de **2** de agosto de **1910**, assinala o início das polêmicas entre Vianna e as lideranças católicas do Ceará. A provocação partiu dos redatores do *Cruzeiro do Norte*, que transcreveram da folha católica *Universo*, da cidade de São Paulo, artigos do reverendo João Batista Van Esse, atacando o espiritismo.

Van Esse, uma espécie de padre Quevedo da época, tornou-se conhecido no meio espírita quando, transferido para a cidade de Matão (SP), em **1905**, polemizou com Cairbar Schutel. A polêmica que, aliás, foi a primeira do Apóstolo de Matão, quase acabou em tragédia, porque o fanático sacerdote combinou com seus fiéis conduzir a procissão da Sexta-Feira Santa até à frente do Centro Espírita Amantes da Pobreza e lá atentar contra o mesmo, incendiando-o. Porém, graças à interferência de Abel Fortes, político local temido, a ação medieval do padre não logrou o fim colimado.

As conferências de Vianna causaram enorme *frisson* em Fortaleza, aumentando grandemente o número de curiosos que demandavam o salão principal da Loja Maçônica Igualdade para ouvirem as suas refutações.

O *Unitário*, de **9** de agosto de **1910**, assim descreve a performance do conferencista:

(...) Durante hora e meia o delegado da Federação Espírita Brasileira, numa cerrada argumentação, rebateu as afirmações do escritor católico, em uma linguagem que sempre pairou da urbanidade e da mais pronunciada delicadeza para com a pessoa do contraditor do Espiritismo.

Os surtos de seu caloroso entusiasmo não lhe fizeram perder o aprumo cavalheiresco, quase nunca mantido entre contendores de ideais opostos (...)

Essas conferências foram taquigrafadas e publicadas em extratos nos jornais *Unitário* e *A República*, e ganharam notoriedade fora do Ceará, sendo também transcritas pelo *Reformador*. Acompanhemos a seguir a síntese de duas dessas preleções, publicadas no *A República* de **8** e **15** de agosto de **1910**.

1* Conferência. – Sexta-feira passada, conforme fora anunciado, realizou-se a conferência do Dr. Vianna de Carvalho no salão da Loja Igualdade.

Foi-lhe motivo a contestação dos argumentos apresentados contra o Espiritismo pelo padre Van Esse, em artigos transcritos no *Cruzeiro do Norte*.

O representante do catolicismo, em síntese, impugna a lei da reencarnação contrária ao ensino da Igreja.

O conferencista, baseando-se nos trabalhos da psicofísica, nas experimentações de A. de Rochas, Baraduc, Gibier, Lombroso, Schiapparelli etc., bateu-se tenazmente durante hora e meia, provando cientificamente a realidade das vidas sucessivas. Para isto socorreu-se das novas conquistas obtidas no campo do hipnotismo (recuo da memória sonambúlica, abrangendo existências anteriores à atual); do estudo moderno sobre os eflúvios ódicos, a exteriorização da sensibilidade,

radiações objetivas emanando do ser humano, constatação do corpo astral pela fotografia, corpo fluídico que desempenha um papel valiosíssimo no fenômeno da encarnação. Finalmente, expôs tudo quanto de mais sólido lhe ocorreu a propósito das pesquisas científicas, hoje em voga, tendendo a firmar a noção da pluralidade das vidas humanas sobre bases verdadeiramente experimentais.

A contestação não foi esgotada, continuando o mesmo tema para a conferência da próxima sexta-feira.

2ª Conferência. – Ante numerosa assistência, produziu o Dr. Vianna de Carvalho, sexta-feira passada, o seguimento da refutação anunciada aos artigos do padre Van Esse insertos no *Cruzeiro do Norte*, desta Capital.

Copiosos argumentos científicos e filosóficos aduziu o orador, defendendo a lei das reencamações, que é impugnada pelo escritor católico. Aliás esta lei era o fundamento de todas as religiões da antigüidade, conforme ficou exuberantemente provado no livro magistral de Louis Elbé sobre a vida futura.

Estudando as concepções do inferno, céu e purgatório, pôs em luz a deficiência da interpretação que lhes empresta o misticismo religioso.

Céu, inferno e purgatório são estados da consciência, mergulhada em dor quando desobedece às Leis Divinas, fruindo uma paz excelsa se logra cumprir os preceitos imortais de Jesus Cristo.

O dogma do inferno, criação humana, é atentatório dos atributos essenciais do Ser Supremo – a sabedoria, a justiça e a misericórdia.

Para que houvesse uma tortura eterna, seria preciso um eterno pecado, o que é um absurdo, dada a estreitíssima duração da vida humana.

O conferencista, baseado nos cálculos rigorosos de um sábio alemão, fez sentir a mínima percentagem dos que podem ter merecido as delícias do céu, desde o início das gerações terrestres. Por forma que quase todas as almas, segundo o dogma em questão, foram irremissivelmente para o inferno.

Mas isto contradiz fundamentalmente as palavras de Jesus, dizendo: “Nenhuma ovelha de meu Pai será perdida”. Logo, a idéia do inferno não pode subsistir em face do requintado e invencível racionalismo dos nossos dias.

Depois, com a doutrina de uma só vida, como se explicaria a desigualdade de aptidões e caracteres manifestados pela generalidade dos homens?

Os gênios como Pascal, Pico de Mirandola, Mozart, Laplace, Newton etc., nasceram tais por uma graça especial da divindade? Então Deus seria extremamente injusto, concedendo a uns grandiosos dons e benefícios, enquanto deles despojaría a milhões e milhões de outras criaturas.

Só o Espiritismo fornece a chave desses enigmas, mostrando que essas inteligências fulgurantes pertencem a espíritos pujantemente evoluídos através de inúmeras vidas sucessivas. Após longas considerações dedicadas a este e a outros pontos do mencionado artigo, o orador pôs em destaque o fato de eminentes sábios como Richet, Ochorowicz, Binet, Feré etc., que não são espíritas, virem quotidianamente acumulando documentos, experiências, provas de toda espécie postas ao serviço do triunfo final do Espiritismo.

CAPÍTULO IX OUTRAS FACETAS

1. *Caleidoscópio*

Manoel Vianna de Carvalho foi um idealista que viveu muito a frente do seu tempo. Consciosos, sensível, caridoso e bom, não se ocultava ante as oportunidades de lutar contra as injustiças de todo jaez e auxiliar, como pudesse, o imenso cortejo de criaturas sofredoras que o buscavam.

Alma de rara beleza, assemelhava-se a um caleidoscópio de muitas facetas, muitos reflexos, muitas venturas, muitas dores, muitas alegrias, muitos aspectos...

Neste capítulo, conheceremos um pouco mais das múltiplas facetas dessa alma. Para tanto, nos tópicos seguintes, ressaltaremos, além de notas concernentes às suas atividades, trechos de seus escritos, que nos permitirão conhecer melhor atributos outros do seu caráter.

2. *Discípulo fiel*

Depois de Jesus, Allan Kardec era o ser que mais lhe fascinava. Venerava e respeitava profundamente o Codificador, a quem chamava de mestre. Por muito amar o ideal espírita, cumpriu fielmente o seu ministério. Pregou e exemplificou o espiritismo sem distorções e sem superstições.

Preocupado com os desvios doutrinários, alertou e advertiu, através dos seus artigos, sobre as sessões que se denominavam espíritas, onde imperavam credices e fanatismo, afirmando que tais reuniões só poderiam trazer aos seus frequentadores enorme série de prejuízos morais e físicos, decorrentes de obsessões. Especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, promoveu intensa campanha de esclarecimento acerca do que a época denominavam de 'baixo espiritismo', profligando contra aqueles que, aproveitando-se da boa fé pública, estabeleciam tendas de exploração com a rotulagem de espíritas. Na revista *Verdade e Luz*, de 3 de junho de 1923, escreveu:

(...) A doutrina não é culpada dos extravios causados pela rebeldia de certos neófitos que querem, a todo custo, a todo transe, modelá-la segundo a craveira de suas paixões, interesses ou estreitas ocupações individuais.

3. *O unificador*

Apesar do zelo doutrinário, nunca foi intransigente ou dogmático, nem jamais se fazia inquisidor das consciências alheias, sendo, por isso, querido e respeitado em todos os meios espíritas, desde o mais obscuro ao mais culto. Seguiu o lema de Kardec: trabalho, solidariedade e tolerância, procurando, nos lugares onde estivesse, congregar a família espírita. Com certa frequência, convocava presidentes de agremiações, objetivando dar uma feição nova à prática espírita dentro dos moldes dos trabalhos e da orientação propostos pela Federação Espírita Brasileira.

Comprovando esta afirmação, vejamos o que Theodorico Barroso¹² escreveu em carta a Leopoldo Machado, por ocasião da passagem deste em Fortaleza, na

¹² 12 Theodorico da Costa Barroso (1883 - 1961) foi um dos grandes nomes do espiritismo no Ceará e fundador, ao lado de Vianna de Carvalho, do Centro Espírita

década de 50.

(...) Bastaria que os espíritas se compreendessem melhormente (...) e (...) formassem um só corpo, uno e indivisível, tendo por base a obediência à Federação Espírita Brasileira, e que nos organizássemos em centros e grupos, conforme havíamos começado no tempo de nosso saudoso irmão, Major de Engenharia-militar, Dr. Manoel Vianna de Carvalho (...) (*Caravana da Fraternidade*, pp. 284-5).

4. O poeta espírita

Literalmente apaixonado pela doutrina que conheceu na juventude, expressava poeticamente seus sentimentos.

Existirá, porventura, o molde artístico para definir estes entusiasmos sem vertigem, estas aspirações sem ansiedade e esta confiança inalterável que só a Filosofia dos Espíritos pode infundir no coração do homem?

Não, senhores, seria preciso manejar uma língua toda de harmonias roubadas ao coro das esferas de ouro, se quiséssemos cristalizar, vazando em límpidas estrofes, as emoções que, em nós, despertam os ensinamentos sistematizados por Allan Kardec, ao influxo das altas inteligências devotadas à propagação da Verdade (...) Doutrina calcada nas revelações que fluíram dos lábios de Jesus sobre a raça de Israel, o seu escudo inquebrantável é a Ciência, o seu lábaro desfraldado sobre as paixões tumultuárias, a Virtude, e o seu culto absoluto é Deus (...) ("Palavras de Vianna de Carvalho", p. 25).

5. O evangelizador

Alocações dele referentes à mensagem de Jesus (*Palavras de Vianna de Carvalho*, p.159):

Oh! Gethsimani de desoladoras realidades.

Em ti se condensam as lágrimas de um justo, a fraqueza pervertida pelos trinta dinheiros, os uivos do fanatismo popular e o medo personificado naqueles mesmos discípulos que, mais tarde, afrontariam rigores, perseguições, penas acerbadas (...) em nome do divino ideal, sagrado pelo Cristo ao subir gloriosamente as límpidas e trágicas alturas do Calvário. (...) O Espiritismo, encarnando a sua expressão popular, vê-se confirmado, a cada momento, dilata o seu império suave sobre as consciências e apressa a hora da regeneração de todos os povos, apontando-lhes a prática exclusiva das virtudes celestes, divinamente promulgadas nos Evangelhos de Jesus.

Eis aí o evangelizador.

6. O amor às crianças

Conforme relato de Leonardo de Carvalho, seu tio Manu adorava a companhia das crianças. Contou-lhe seu pai, Thomaz de Carvalho Filho, que, a cada regresso de Manu, a criançada vinha de imediato ter com ele, na expectativa das brincadeiras que fazia e capitaneava. Vianna fazia 'mágicas' estranhas, que encantavam a

meninada. Dentre elas, uma na qual parava relógios e, a mais curiosa, atirava bolinhas de gude que nunca eram encontradas.

No meio espírita, os primeiros trabalhos alusivos à criança são da autoria de Antônio Lima (1864 - 1946), em 1904, publicados no *Reformador*, onde ele cogitava dos problemas infantis à luz do espiritismo.

Mas caberia a Vianna de Carvalho alertar com veemência e encetar, a partir de 1914, uma campanha para a criação, em todas as sociedades espíritas, de escolas de moral cristã destinadas às crianças, como prolongamento indispensável da instrução que a elas se deveria ministrar, para melhor sedimentar o caráter dos homens do futuro.

Nesse ano de 1914, ele liderou, no Rio de Janeiro, uma cruzada para a criação de escolas para crianças na Federação Espírita Brasileira e no Grupo Discípulos de Samuel. Para tanto, manteve contato com alguns companheiros sintonizados com essa proposta, figurando, entre outros, a grande Dama da Educação, Anália Franco (1853 - 1919) e o admirável apóstolo capixaba Jeronymo Ribeiro (1854 - 1926).

Em carta dirigida a Jeronymo Ribeiro - cujo exemplar nos foi gentilmente cedido pelo confrade Lamartine Palhano Júnior - com data de 15 de maio de 1914, Vianna de Carvalho escreve:

O Bittencourt (Ignácio Bittencourt) me entregou ontem a tua carta cientificando que já escreveste à d. Anália (Anália Franco) sobre o meu projeto da escola de crianças na Federação e no Grupo Discípulos de Samuel. Quando chegar a ocasião escrever-te-ei a respeito de tua vinda à Capital Federal para os fins das informações a D. Ilka Mass, que vai ser a diretora da primeira. A do Grupo Samuel, por agora, limitar-se-á ao ensino da moral espírita dada em uma sessão prévia, feita antes da que se destina às crianças de idade... como nós (...).

O esforço de Vianna seria plenamente recompensado. No dia 14 de junho de 1914, num domingo, começou, na Federação, o ensino da doutrina espírita, sob a direção de d. Ilka Mass, auxiliada pela sua filha, cujo nome não consta no registro do acontecimento.

Com absoluta regularidade, funcionou, durante um ano, a então chamada Escola Dominical de Doutrina Cristã. Em pouco tempo, o movimento idealizado era coroado de êxito. Visto com simpatia, expandiu-se por todo o país, tendo ele a ventura de ver criados outros núcleos de evangelização infantil.

Reformador, de janeiro de 1964 - apesar de não ter sequer mencionado o nome de Vianna de Carvalho -, em síntese histórica sobre os trabalhos com a infância e a juventude desenvolvidos pela FEB, diz:

O dia 14 de junho de 1914 ficará indelevelmente em nossa memória e principalmente em nossos corações, pois foi nesta data que se inaugurou, com as bênçãos de Ismael, o (...) curso infantil de Doutrina Cristã.

Para o resto de sua existência, Vianna jamais olvidaria essa questão. Em artigo no *Reformador*, de 1º de dezembro de 1919, sob o título "Pelas Crianças", afirma contundentemente: A propaganda espírita no Brasil ressepte-se de gravíssima lacuna: o quase completo descuro de ministração doutrinária à infância.

Nossos confrades - presidentes de grupos, diretores de revistas e jornais - até hoje não quiseram volver atenções para esse problema que continua a margem, sendo todavia o mais sério de quantos se impõem à nossa consideração (...)

Ao Espiritismo toca também o mister de pregoar o Evangelho em aulas especiais de onde sairão os melhores frutos das gerações que nos devem suceder nessa conquista dos celestes bens e gloriosa submissão às excelsas regras, divinamente compendiadas na moral cristã.

7. Ante os problemas sociais

Participava também de suas cogitações o futuro da família, da sociedade, e a comunhão político-social dos homens. Daí, as bases morais que, sentindo esquecidas no santuário dos lares, voltava a sua atenção a atividades no seio das células espíritas, como partes integrantes do organismo social, delas fazendo germinar o ensinamento, o exemplo da virtude, do caráter, da caridade, da fraternidade, do amor.

Deve-se a Ailan Kardec a renovação religiosa que há de transmutar instituições sociais mutiladas pelo egoísmo das autocracias em aparelhos unificadores de todas as energias humanas, convergindo para o triunfo completo das mais gloriosas tendências altruísticas (...) (*Palavras de Vianna de Carvalho*, p. 29).

O orador era também um analista e crítico consciente dos problemas sociais de seu tempo. Vejamos um atualíssimo artigo de sua autoria, publicado na revista *Verdade e Luz*, de novembro de 1925, onde ele descreve a prisão de um homem.

ASSASSINO

Duas filas de policiais conduziam para a cadeia um homem que, em momento de cólera invencível, assassinara alguém.

O desgraçado ia com algemas nos pulsos e exposto à curiosidade pública.

Gente da plebe engrossava o cortejo, comentando o crime sem nenhuma piedade pelo prisioneiro que breve seria sepultado em vida, no túmulo de um cárcere.

Das janelas e balcões, surgiam cabeças furtivas, olhos que espiavam a cena e se recolhiam descuidados à pacificação da indiferença.

Ao longe, no ângulo de uma praça, ficava a vetusta arquitetura da penitenciária.

O grupo armado caminhou direito à entrada protegida a ferro, transpôs o vestibulo e se perdeu no interior, onde dezenas de condenados curtiavam os rigores da justiça humana.

E os outros? Os que matam friamente com os venenos da calúnia e roubam a fortuna do Estado e sacrificam virgens indefesas e atraíam lares... escapando a todas as formas de denúncia com o prestígio das posições elevadas, onde se acham?

Nos palácios, nas recepções da aristocracia refinadamente frívola, nas festas chiques da elegância endinheirada.

Iai é a organização social de nosso tempo: um mons-trengo vicioso, fingindo que toma a sério as regras puras da moralidade.

8. O homem que amou e sofreu

Nos idos de 1904, casado há dois anos, experimentou talvez o maior golpe de sua existência. A companheira, num momento de fraqueza, traiu os votos de fidelidade conjugal.

Apesar da dor descomunal sentida, por muito amá-la, enfrentou resignadamente a dura prova, comportando-se como lídimo cristão, numa sociedade eivada de tabus e preconceitos e que pressionava psicologicamente o homem aviltado a lavar com sangue a honra ferida. Nesses casos, os desfechos eram, quase sempre, trágicos, como no episódio Euclides da Cunha, de repercussão nacional.

Ao relatar este fato da vida de nosso biografado, confessamos a nossa relutância em registrá-lo. Todavia, certificando-nos de que ele nunca o ocultou, mudamos de opinião. Ele



VIII REGIÃO DE INSPEÇÃO PERMANENTE

Niterói, 15 de Maio de 1914

Senhor Jeronymo Ribeiro

O Bittencourt me entregou ontem
tua carta significando que já
escrevi a D.^a Amélia sobre o meu
projeto de auxiliar quanto possível,
a criação da escola de crianças na
Federação e no Grupo Discrepantes de
Samuel. Quando chegar occorriam

escrever-te-hi a respeito de tua vinda
à capital federal para o fim das infor-
mações a D.^a Alva obcecada que vai ser
a diretora da primeira. O do grupo
Samuel, por agora, limitaste-a ao im-
pério da moral reprimida desde um tempo
há prévia, feita entre de que se destina
às crianças de idade... como nós.
Abraço a todos, nem nos se é possível ang-
-a comunitariamente qual se mata ao nome.
J. A. Nota desta, escrevo a D.^a Amélia, tua
de da transcrição. Abraço a todos os
companheiros d'ahi e ao teu ex-corde
Vianna de Carvalho.

Fac-simile da carta de Vianna de Carvalho a
Jeronymo Ribeiro (cortesia de L. Palhano Jr.).

perdoou à esposa, mas optou pela separação. Daquele momento em diante, seguiu sozinho o seu desiderato.

Foi difícil recuperar-se rapidamente desse golpe, que lhe abalou profundamente a saúde. Humberto de Aquino [*Revista Espírita do Brasil*, julho de 1935) sobre este fato escreveu:

(...) Lutou contra as maldades e vícios de uma sociedade hipócrita e fútil, dela recebendo, desferido por mão irmã, o golpe ferino, por ingrato, que pulsara o seu coração de amigo e amável. Ele próprio, num desses momentos de expressiva e incompreendida emoção, impenetrável pela superficialidade dos fôteis e dos insensíveis, retraçara a sua própria mágoa nestes termos: "Assim o teu amor... viveu somente o tempo necessário ao deslumbramento da alegria que embriaga, mas foge traiçoeiramente, deixando na alma o cravo de uma saudade a chorar sobre o túmulo do sonho transformado em ruínas..."

9. **O filantropo**

O grande tribuno jamais descurou da prática da caridade. Vivia o que pregava.

No rastilho luminoso de sua peregrinação pelo país, encontramos os frutos de seu labor fecundo.

No Ceará, quando por aqui passou, em 1910 e 1911, realizou notável trabalho social, assistindo a pobreza de Fortaleza. Pela imprensa, promovia campanhas, anelando angariar recursos. O jornal *Unitário*, de 17 de setembro de 1910, dando publicidade ao trabalho por ele patrocinado, em artigo intitulado "Centro Espírita Cearense - Auxílio aos Necessitados", diz:

Ninguém hoje ignora que o escopo fundamental do Espiritismo é a prática da Caridade.

Os adeptos de Allan Kardec procuram realizar na vida os mais sublimes preceitos ensinados por Jesus e entre eles, com especialidade, o acendrado amor ao próximo como corolário ao amor de Deus. (...) Neste sentido, começa a agir o Centro Espírita Cearense, iniciando o cumprimento da parte mais essencial do seu vastíssimo programa.

E a que se relaciona com a filantropia - ponto culminante de suas aspirações na ordem moral.

Auxiliar quanto possível aos deserdados da fortuna, como se diz vulgarmente, às viúvas, órfãos, enfermos, à pobreza que se oculta... eis a tarefa nobilitante imposta sem reservas pelos ideais do Espiritismo (...) O Centro Espírita desta Capital quer trazer o seu contingente à obra grandiosa da civilização em terras brasileiras e por isso faz apelo aos corações generosos que desejem associar-se ao desenvolvimento da filantropia no meio cearense.

Qualquer espórtula destinada aos necessitados será aceita com desvanecimento e pode ser dirigida à residência do Dr. Vianna de Carvalho, na Rua 24 de Maio nº 26, ou a esta redação que se incumbirá de transmiti-la à Diretoria daquela sociedade.

No Rio de Janeiro, tomou-se dedicado membro da Comissão de Assistência aos Necessitados da Federação Espírita Brasileira. Auxiliou amplamente centros espíritas do estado, muito especialmente o Abrigo Teresa de Jesus, instituição fundada por ele e por outros abnegados seareiros, em 1º de janeiro de 1919, que desenvolveu larga soma de benefícios a crianças desamparadas.

Ainda no Rio, idealizou um trabalho de visitação e assistência aos presidiários. Propôs a realização de palestras aos detentos, o que, lamentavelmente, a princípio, lhe foi negado, conforme descreve *Reformador*, de 1º de março de 1919:

(...) Há tempos, nosso digno confrade Vianna de Carvalho solicitou do Ministério da Justiça permissão para fazer algumas palestras de caráter educativo-moral, na casa de

detenção desta cidade.

A recusa foi imediata e categórica, baseada no princípio positivista do laicalismo do Estado. Simples nariz de cera oficial, quando se sabe que o clero romano diz missas lá dentro (...).

CAPÍTULO X A GRANDE CRUZADA

1. *Trabalho suigeneris*

O trabalho missionário desenvolvido por Vianna de Carvalho pode ser considerado único na história do espiritismo no Brasil, porque ele não somente se preocupou em lançar as sementes da boa nova espírita pelas localidades por onde passou, mas teve, quase sempre, o ensejo de acompanhar seu florescimento e frutificação.

Nesse sentido, sua obra foi *sui generis*. A cruzada que empreendeu pelo país não ficou restrita a pregações esporádicas, conquanto, por força da vida militar, acabou tendo de estabelecer-se em vários estados, criando, em quase todos, vínculos profundos.

2. *O estrategista*

Sua lida, contudo, só alcançava os objetivos desejados em decorrência de uma ação metodicamente planejada. Jamais agia de improviso, sem refletir; antes de atuar, elaborava sempre um plano estratégico.

De forma genérica podemos esboçar este plano de ação através das seguintes etapas:

- 1) sondagem da região (verificação da existência de centros espíritas; contatos com lideranças espíritas, maçônicas e

ABRIGO THEREZA DE JESUS

PARA A INFANCIA DESVALIDA

Proposta feita à Directoria do ABRIGO THEREZA DE JESUS para admissão de sócio PROPOSTA 07

Nome *Vianna de Carvalho*

Residência *V. da Patrua n.º 18*

Quantidade *2\$000*

Modo de pagamento *anual*

Serviços prestados - - - -

Matricula n.º 107

Donatino

Rio de Janeiro, 1.º de Janeiro de 1919

proposta

Vianna de Carvalho

O sócio proponente

Vianna de Carvalho

Ficha de sócio de Vianna do Abrigo Tereza de Jesus.

intelectuais afeitos a novas idéias; identificação de jornais simpáticos à causa);

- 2) realização de conferências públicas em casas de amigos, instituições espíritas, lojas maçônicas, teatros, grêmios culturais, cinemas etc.;
- 3) implantação de estudo sistemático de *O livro dos espíritos*, com divulgação pela imprensa;
- 4) fundação e/ou reorganização de núcleos espíritas;
- 5) promoção de trabalhos assistenciais; e
- 6) polêmicas.

3. **A cruzada**

O tribuno cearense percorreu os principais estados brasileiros. De norte a sul, de leste a oeste, numa vida mambembe; de soledade, de muitas dores e decepções, mas de compensações íntimas inimagináveis para a maioria de nós, ele conduziu a luz e a verdade da mensagem imorredoura dos espíritos.

Nos tópicos a seguir acompanharemos, passo a passo, a extraordinária peregrinação deste andarilho da terceira revelação.

3.1 - **Rio de Janeiro**

3.1.1 - **Reminiscências**

(...) A Cidade Maravilhosa mal começava a despir-se da velha feição colonial, por tocar-se de afeites que, já hoje, vão parecendo velharia (...) Nem arranha-céus, nem bondes elétricos e combustores ditos. O asfalto era um mito (...) A Federação não sonhava construir uma sede, nem se falava em Avenida Passos.

Ela, a Federação, espremia-se e exprimia-se ali assim nos 1º e 2º andares da Rua do Rosário, 97, num ‘rosário’ de harmonias.

E era de ver-se a desfiá-lo um Geminiano Brasil, um Aristides Spínola, um Abel de Matos, um Pedro Richard, um Vianna de Carvalho, todos à compita buscando validar alto programa de fraternidade pela exemplificação. E havia fraternidade, de fato (...).

Neste trecho, Manoel Quintão (*Cinzas do Meu Cinzeiro*, pp. 39–40) descreve o ambiente da então capital do Brasil, na aurora deste século. Foi neste clima que Vianna de Carvalho mourejou na seara espírita no Rio de Janeiro.

3.1.2 - **O primeiro centro e o início da missão**

Apesar de convertido ao espiritismo quando freqüentava a Escola Militar do Ceará, em 1891, só iniciaria, efetivamente, sua missão espiritual, em 1895, após ser transferido para a Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio, em 11 de fevereiro de 1895.

Escolheu como seu primeiro grupo o Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil, histórica instituição criada em 3 de outubro de 1881 com a denominação de Centro da União Espírita do Brasil, fruto do primeiro congresso espírita realizado no país, a 6 de setembro de 1881, e que tinha como finalidade reunir e orientar sociedades espíritas. Em 1889, o centro foi reorganizado por Bezerra de Menezes, e dele faziam parte, igualmente, Carlos de Lima e Cime e o dr. Ernesto dos Santos

Silva. Mais tarde, em **1894**, a instituição foi reinstalada pelo professor Angeli Torteroli, passando, enfim, a denominar-se Centro da União Espírita de Propaganda no Brasil.

Vianna filiou-se a esta sociedade. Aos vinte e um anos – era o mais jovem do grupo – iniciou sua missão como orador, ocupando a tribuna quase todas as noites, perante compactas assistências de aproximadamente seiscentas pessoas.

Essa atividade durou até março de **1896**, quando foi transferido para a Escola Militar de Porto Alegre.

3.1.3- Outras vezes no Rio

O Rio de Janeiro foi o estado no qual mais atuou. Sendo a capital da república, tinha, por determinação militar, de regressar periodicamente para lá.

Em **1898**, encontramo-lo novamente reencetando as preleções no Centro da União Espírita de Propaganda no Bra- **116**sil e em outros grupos, que passaram a requisitá-lo. Participou ativamente do congresso espírita ocorrido por essa ocasião. Até **1905**, militou no meio carioca bem como em viagens pelo interior do estado, quando foi transferido para Mato Grosso.

No ano de **1907**, retomou para matricular-se no curso da Escola do Realengo. Continuou suas atividades, freqüen- tando várias associações, passando também a trabalhar mais intensamente na Federação Espírita Brasileira, tornando-se o orador oficial em várias sessões comemorativas, comuns à época, quer na própria FEB, no Cine-teatro Odeon, ou no salão de honra da antiga Associação dos Empregados no Comércio, ante auditórios sempre lotados. Ainda em **1907**, começou a escrever regularmente no *Reformador*.

Regressando do Paraná, em **1912**, deu início a um persistente trabalho visando à unificação dos grupos espíritas nos subúrbios, do qual resultaria a fundação da União Espírita Suburbana, em **1916**, sob a presidência de Manoel Fernandes Figueira.

Ao lado do grande amigo Ignácio Bittencourt, também orador de muitas qualidades, representou por várias vezes a Federação em diversas sociedades espíritas da capital e do interior, e em muitas associações neutras que os convidavam à exposição doutrinária.

Mais tarde, juntamente com Samuel Caldas e Ignácio Bittencourt, fundou o Centro Cáritas, que seria presidido por Ignácio até **1943**.

Entre **1914**e**1916**, dedicou-se à propaganda doutrinária nos subúrbios. Em **1917**, retomando do Rio Grande do Sul, desenvolveu intensa campanha contra as fraudes e trapaças existentes em grupos mal orientados e que se diziam espíritas.

No início de **1919**, esteve brevemente no Rio de Janeiro. Em **1920**, de regresso, trabalhou junto a vários núcleos, entre os quais a União Espírita Suburbana, Grêmio Nazareno, Preito a Jesus, Centro Antônio de Pádua, Grupo Espírita Sebastião, Centro José de Abreu, União dos Trabalhadores de Jesus, Centro Humildade e Tenda Espírita de Caridade.

3.1.4- Um interrogatório militar

Em **1919**, foi convocado a comparecer diante de seus chefes militares no Rio, em virtude da pressão de membros do clero alagoano. Um de seus chefes, voltando-se para ele, pergunta-lhe com ironia:

- Então, o senhor está criando problemas às forças militares por onde passa?

Vianna encurva-se em sinal de respeito, obediente à hierarquia militar, mas mantém-se impertérrito.

É estabelecido o inquerito improvisado para fazê-lo atemorizar-se. Ele, porém, olha com tranqüilidade nos olhos de seus superiores. Em dado momento, pede licença para responder as acusações que lhe imputavam... a permissão é negada.

As indagações continuam, quando o general que presidia a sessão, em um momento de destemperança, referindo-se ao espiritismo, diz:

- Esta é uma doutrina satânica e abjeta, que sequer possui uma definição...

O tribuno militar presta-lhe continência respeitosamente, mas retruca:

- O excelentíssimo senhor general está equivocado. Quiçá o senhor seja profundo conhecedor de estratégias militares, mas, tenho certeza, pelo que demonstra como leigo, que é um ignorante total da ciência espírita.

O interlocutor levanta-se e, alçando a voz, questiona-lhe:

- Defina-me, então, capitão, o que é o espiritismo?

Vianna, tendo enfim a oportunidade de falar e defender-se, responde:

- Segundo Allan Kardec, é a ciência que trata da origem, da natureza, do destino dos espíritos e das relações que existem entre o mundo espiritual e o mundo material...

Faz-se uma pausa; há um impacto. O general contempla-o surpreso e admirado. E Vianna acrescenta:

- É o espiritismo a religião de todas as ciências; é a ciência de todas as filosofias; é a filosofia de todas as religiões, porque só o espiritismo pode ajudar a ciência a sair do labirinto em que se encontra por causa do materialismo.

Dois companheiros que o acompanhavam sorriem discretamente, percebendo o efeito de suas lúcidas e eloqüentes argumentações.

O interrogatório prossegue por mais algum tempo. E no final, o general, que apesar de áspero era um homem justo, não lhe dá nenhuma punição segundo as normas militares. Todavia, para evitar problemas com o clero, remove-o para Curitiba.

3.2 - Rio Grande do Sul

3.2.1 - Os primeiros contatos

Em março de **1896**, foi transferido para Porto Alegre a fim de continuar seus estudos na Escola Militar.

Na capital gaúcha, a doutrina espírita era difundida por alguns pioneiros, destacando-se d. Mercedes Ferrari, mulher culta e corajosa e Joaquim Xavier Carneiro, dirigente do Grupo Espírita Allan Kardec e fundador da *Revista Espírita* de Porto Alegre, em **4** de setembro de **1898**, órgão do referido centro e que circularia até **1905**.

O velho Carneiro, como era conhecido, gozava de prestígio e influência por causa de sua austeridade de costumes e práticas caritativas. Vianna o procurou,

obtendo dele uma lista com nomes e endereços de simpatizantes do espiritismo, conseguindo reuni-los numa casa abandonada no bairro do Parte- non. Segundo a revista *Verdade e Luz*, de 18 de julho de 1922, no prédio singelo não havia nem mesa nem cadeiras. De pé, uns quatorze ou quinze espectadores escutavam as palavras animadoras do cadete e o seu apelo caloroso para melhor se propagar a doutrina na cidade. Daí por diante, no andar térreo de uma casa comercial da rua dos Andradas, passou a funcionar um núcleo de estudos.

Ele esteve à frente deste grupo até 1898, quando voltou ao Distrito Federal. Foram dois anos de tentativas, interrupções e recomeços das atividades da instituição em Porto Alegre, mas o suficiente para integrar a plêiade histórica de bandeirantes do espiritismo no estado.

3.2.2 - Santa Maria da Boca do Monte

Somente dezoito anos depois, em 1916, quando embarcou para a cidade de Santa Maria da Boca do Monte, regressou aos pampas gaúchos. Ali teve a oportunidade de fundar e reorganizar vários núcleos e proferir uma série de conferências, as quais foram, resumidamente, publicadas nas páginas do *Diário do Interior* e, posteriormente, reproduzidas na imprensa sul-riograndense.

Em setembro de 1917, vindo do Rio de Janeiro, retornou a Santa Maria, na condição de assistente da 9ª Brigada de Infantaria, em comissão do Ministério da Guerra, demorando-se quinze meses. Durante esse tempo, prestou relevante serviço de propaganda doutrinária.

3.3 - Mato Grosso

3.3.1 - Em Cuiabá

O início do espiritismo em Mato Grosso data de 30 de novembro de 1896, quando alguns militares, na cidade de Cáceres, fundaram o Grupo Espírita Fé e Caridade, cuja diretoria ficou constituída por João de Campos Vidal, Manoel Nunes de Barros, Júlio Sanderes Palomares e Antônio Juliano da Silva.

Em março de 1904, Vianna de Carvalho foi transferido para o 8º Batalhão de Infantaria, mas permaneceu, até o ano seguinte, no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em setembro de 1905, por vontade própria, pediu dispensa do Colégio Militar, e no dia 27 de outubro do mesmo ano, apresentou-se ao referido Batalhão ao qual pertencia, na cidade de Cuiabá.

Porém, em decorrência de problemas pessoais que lhe abalaram profundamente a saúde, obteve licença de quatro meses, contada a partir de dezembro, para o seu tratamento. Mesmo licenciado e com a saúde fragilizada, não se deteve e mergulhou de corpo e alma nas tarefas espíritas em Cuiabá.

3.3.2 - Das reuniões domésticas ao Centro Espírita Cuiabano

Segundo pesquisas realizadas pelo confrade Jorge Hes- sen, chegando à capital mato-grossense, Vianna encontrou núcleos familiares de reuniões espíritas que, ocasionalmente, ocorriam na casa de d. Nenê Pitalunga e do capitão Pedro Ponce.

Vianna procurou dinamizar o movimento espírita local, escrevendo artigos num jornal semanal que ali circulava. Contudo, não foi muito bem-sucedido, em razão

do pouco interesse da comunidade predominantemente católica. O major Otávio Pitalunga, espírita convicto, combinou então com Vianna a estratégia de simularem um debate, como se ele fosse católico, através da imprensa, para despertar o interesse em torno da doutrina sistematizada por Allan Kardec.

Assim, posicionaram-se em lados antagônicos os supostos polemistas de cada facção religiosa. Logo outros contendores apareceram, destacando-se o dr. Luís Alves da Silva Carvalho, juiz de direito, católico, que se dispôs a defender publicamente a sua fé, conforme combinara com o arcebispo dom Carlos Luiz D'Amour, prelado culto, nascido na França.

Moralmente correto, quis o dr. Luís Alves tomar conhecimento dos postulados kardequianos para melhor refutá-los, sendo, porém, desaconselhado pelo arcebispo, com o argumento de que os livros espíritas eram proibidos pelo *index* católico. Todavia, atendendo à sua consciência, o juiz lhe desobedeceu. Comprou, leu e estudou as obras da codificação e, de acusador, passou a defensor das novas idéias, juntando-se ao grupo a que antes se opunha. Esse fato causou grande impacto nos círculos sociais da cidade.

A cruzada de Vianna perduraria até **1907**. Como resultado de seu labor, ficou o Centro Espírita Cuiabano, criado em **6** de fevereiro de **1906**, dotado de todos os serviços básicos para uma boa difusão doutrinária.

3.4 - Ceará

3.4.1 - Fortaleza em 1910

Quando cheguei em Fortaleza, por volta de **1910** (...) anoitecia. Da janela do trem, através da fumaça lançada em golfadas escuras pela trepidante locomotiva, deslumbrava-me a luz dos combustores a gás.

Ao saltar na Estação Central fiquei espantado com a multidão que ali se via; e, mais ainda, quando consegui encontrar meu irmão (...) tomou-me ele pela mão e levou-me para o Hotel Caninana (...)

Toda a Praça da Estação, a que servia de fundo a Fábrica Proença, era literalmente cheia de carroças e uma pirâmide de achas de lenha, mal se podendo distinguir a estátua do General Sampaio (...)

No outro dia, sol a pino, visitamos a Praça do Ferreira, onde tomamos um refresco no Café do Comércio, artístico quiosque feito de madeira. Havia outros, um em cada esquina da Praça. Café Java, Café Elegante e Restaurante Iracema. No centro do passeio, à falta de óleo, gemia um velho catavento, sobre uma cacimba gradeada. Enchia uma imensa caixa d'água pintada de roxo-terra.

O centro, cercado por grades de ferro pintadas imitando bronze, oferecia aos meus olhos um bellissimo jardim (...)

Quatro fileiras de bancos de taliscas verdes eram ocupadas por verdadeira multidão: uns liam *O Malho*, outros a *Leitura Para Todos*, outros ainda *o Jornal do Ceará* ou *A República* (...) Era linda, Fortaleza, não obstante ser tão pobre e andar, ainda, descalça (...)

Esta descrição feita pelo poeta e artista plástico cearense Otacílio de Azevedo [*Fortaleza Descalça*, pp. **23-24**], dá-nos uma idéia da capital alencarina no começo do século. Transcrevemos este trecho porque, coincidentemente, temos nele uma imagem fiel da cidade no ano da chegada de Vianna.

No dia **2** de maio de **1910**, ele apresentou-se junto à Inspetoria da **4^a** Região Militar do Ceará, a fim de praticar nas repartições telegráficas. Sobre o seu

desembarque, o jornal *A República*, do mesmo dia, noticiou:

A bordo do 'Brasil' chegou ontem da Capital da República o nosso ilustre amigo e conterrâneo, I^o tenente, Dr. Manoel Vianna de Carvalho, filho do nosso venerando amigo major Thomaz Antônio de Carvalho, Presidente da Câmara Municipal.

Ao seu desembarque compareceram inúmeros amigos.

Fixou residência na casa de um amigo, vizinho de seu pai, na rua 24 de Maio, entre as atuais ruas Senador Alencar e Castro e Silva. Morou a menos de cinquenta metros da praça da Estação, exatamente a praça acima descrita por Otacílio de Azevedo.

Apesar das reformas feitas pelo prefeito Guilherme Rocha, a partir de 1902, que a embelezaram sobremaneira, Fortaleza era ainda uma cidade com ares provincianos e hegemonicamente católica.

3.4.2 - Movimento espírita cearense: primeiros passos

O espiritismo no Ceará floresceu na última década do século XIX, em Fortaleza, mercê da persistência do grande pioneiro Demétrio de Castro Menezes (1849 – 1920), fundador do Grupo Espírita Fé e Caridade. Na virada do século, surgiram mais dois grupos na cidade de Maranguape, o Verdade e Luz – que chegou a editar, em 1901, o jornal *Luz e Fé* – e o Caridade e Luz, organizado em agosto de 1902, e que também publicou um jornal denominado *Doutrina de Jesus* e manteve uma instituição de ensino, a "Escola Cristã", de 1902, talvez a primeira escola vinculada a uma sociedade espírita no Brasil. Contudo, lamentavelmente, estes grupos de reuniões familiares, por motivos que desconhecemos, não tiveram longa duração, não mais existindo quando da chegada de Vianna.

3.4.3 - O Centro Espírita Cearense

O grande ímpeto da doutrina dos espíritos no Ceará só ocorreu, efetivamente, a partir de 1910, com a chegada do nosso biografado. Sua estada em Fortaleza, de maio daquele ano até novembro de 1911, foi pródiga de realizações. Seu acendrado amor à causa espírita o impulsionou a um ritmo de ação incansável.

Logo ao chegar, procurou arregimentar forças para organização do movimento espírita local. Publicou, repetidas vezes, nas páginas do jornal *Unitário*, anúncios e pedidos como este:

Peço aos espíritos do interior do Ceará, bem como aos socialistas, maçons, livres pensadores, adeptos em geral das idéias modernas, o obséquio de me enviarem os seus endereços para fins de propaganda.

Vianna de Carvalho Endereço: Rua 24 de Maio, n^o 26.

Em seguida, promoveu o estudo sistemático de *O livro dos espíritos*, efetuando semanalmente conferências nos salões das lojas maçônicas Amor e Caridade, Igualdade e Liberdade. Essas preleções passaram a ser publicadas, sinteticamente, nos jornais *Unitário* e *A República*.

As conferências tiveram repercussão extraordinária, motivando imediata reação de líderes católicos, os quais, através dos jornais *Cruzeiro do Norte* e *O Bandeirante*, combateram o espiritismo e seu fiel arauto. Essa campanha insidiosa, em vez de prejudicar, aumentou grandemente o interesse pela doutrina criticada.

Entretanto, o corolário do profícuo labor desse filho de Icó foi a fundação, em junho de 1910, do Centro Espírita Cearense, que funcionaria na rua Santa Isabel,

nº 105,¹³ bem no coração da cidade.

O *Unitário*, na edição do dia 22 de junho, registrou este memorável acontecimento.

Domingo (19), a uma hora da tarde, realizou-se no palacete da Fênix Caixeiral, a sessão solene de fundação do Centro Espírita Cearense.

Presidiu-a o ilustre magistrado Sr. Desembargador Olympio de Paiva, que teve a secretariá-lo os senhores Miguel Cunha e Francisco Prado.

Em seguida à abertura da sessão, foi aclamada a seguinte diretoria provisória: Presidente – Desembargador Olympio de Paiva; 1º Vice-Presidente – Antônio Carneiro de Souza Azevedo; 2º Vice-Presidente – Demétrio de Castro Menezes; 1º Secretário – Miguel Cunha; 2º Secretário – José Carlos de Mattos Peixoto; 1º Tesoureiro – Aphonso de Pontes Medeiros; 2º Tesoureiro – Theóphilo Cordeiro de Almeida; Orador – Dr. Francisco Prado. Em seguida foi dada a palavra ao Sr. Dr. Vianna de Carvalho, que produziu brilhante e erudita peça oratória discorrendo largamente sobre a Doutrina Espírita. Sua Senhoria foi delirantemente aplaudido.

Em seguida, orou o Sr. Miguel Cunha, que apresentou os meios principais que deverão ser postos em prática para a ampla e eficaz propaganda do Espiritismo em nosso meio social.

Estiveram presentes à sessão inúmeros cavalheiros de distinção e várias famílias, que assinaram a ata de fundação da novel associação.

Foi grande o número de pessoas que se inscreveram como sócios do Centro Espírita Cearense.

Aos esforçados membros do Centro, enviamos os nossos votos para que tenham completo êxito em seu nobilíssimo *desi-deratum*.

Na conferência de inauguração do Centro, Vianna lamentou que no Ceará...

(...) onde têm surtido os mais belos empreendimentos, ainda não se apercebesse da necessidade imperiosa de organizar um centro espírita,¹⁴ enquanto em outros estados, mesmo os mais longínquos, o Espiritismo tem sulcado profundo a sua ação benéfica pela profusão espantosa de todos os ensinamentos capazes de remodelar os sentimentos incompatíveis com a verdadeira e genuína religião do Cristo. Disse mais que era em nome da Federação Espírita Brasileira que assim falava e pediu ao Sr. Presidente que em nome daquela conspícua corporação, declarasse fundado nesta capital o Centro Espírita Cearense.¹⁵

O Centro Espírita Cearense passou a desenvolver notável serviço no campo da propaganda doutrinária (promoção de estudos, conferências, criação do jornal *O Lábaro* etc.) e no campo assistencial. Na tentativa de prestar apoio à instituição, ante os ataques do clero, algumas famílias publicavam notas de agradecimento nos jornais, como a que abaixo extraímos do >4 *República*, de 31 de maio de 1911.

Curada pelo Espiritismo

Nós, abaixo assinados, vimos com o maior prazer fazer pública toda a gratidão que devemos ao Centro Espírita Cearense pela cura efetuada em suas sessões na pessoa de D. Maria Ferreira de Queiroz, cuja família somos.

¹³ 13 Atualmente, rua Princesa Isabel, 255, onde funciona a Federação Espírita do Estado do Ceará – FEEC.

¹⁴ 14 Ele se refere a um centro espírita legalmente constituído.

¹⁵ 15 Ata de fundação do Centro Espírita Cearense

Dita senhora havia oito anos que sofria de forte neurastenia, com acentuadas manias, um dos aspectos em que se manifestava a alienação mental.

Durante todo esse tempo recorremos a diversos médicos, esgotamos de balde todos os nossos magros recursos, em preparações farmacêuticas.

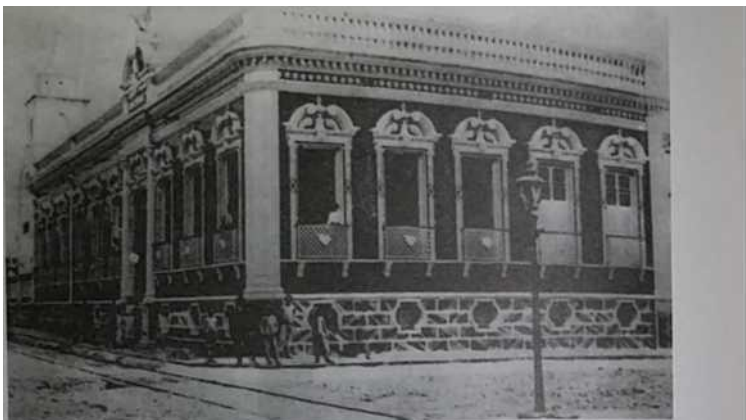
Quando desenganados, enfim, nos dirigimos ao Centro Espírita. Obtivemos dentro de dois ou três meses toda a saúde que em balde procuramos durante oito anos para a referida doente. Julgue quem nos lê qual a alegria sentida por nós,



Fortaleza no início deste século.



Praça da Estação (Fortaleza) descrita por Otacilio de Azevedo.
Gravura da revista *Ceará Ilustrado*, de 1894.



Palacete da Fênix Caixeiral, em 1908, onde ocorreu a sessão solene de fundação do Centro Espírita Cearense.



Fotografia da Federação Espírita do Estado do Ceará, no mesmo local onde funcionou o Centro Espírita Cearense.

quando novamente vimos em toda a sua plenitude de saúde pessoa tão cara.

Sentimos mesmo quanto é incompleta esta marca de gratidão, que é o único meio que nos ocorre, e, bem se sabe, tudo está na intenção.

Reafirmamos, pois, nossa gratidão ao benemérito Centro, e desejamos profundamente que continue a irradiar as felicidades para todos aqueles que como nós dele se aproximam.

Fortaleza, **30** de maio de **1911**.

Maria F. de Queiroz

Vicente Vieira de Queiroz

Joanna Ramos da Silva Anna Ramos de Queiroz Amélia Ramos de Queiroz

Laudelina de Queiroz

João Ramos de Queiroz

José Ramos de Queiroz

Lídia Ramos de Queiroz

Maria Ramos Galvão

Argentino de Paulo Galvão

Emesina da Silva Ignádo

Gadelha Francisco Ramos de Queiroz.

A partir de Fortaleza, Vianna de Carvalho sofreria intensa perseguição de influentes membros da igreja, que passaram a pleitear, junto às autoridades militares, sua transferência. Assim, em novembro de **1911**, depois de um ano e seis meses de grandes serviços prestados à causa, partiu para a capital federal.

A República, de **14** de novembro de **1911**, registrou sua despedida.

Tomou passagem a bordo do 'Ceará*' com destino ao Rio o nosso ilustre amigo o Dr. Manoel Vianna de Carvalho, **1**º Tenente do Exército.

Ao seu embarque compareceram muitos amigos e admiradores do distinto militar a quem desejamos próspera viagem.

3.4.4 - Notas

Os principais órgãos da imprensa do estado deram, através de notas, ampla cobertura às atividades de Vianna.

A guisa de curiosidade, pinçamos algumas:

Esteve concorridíssima a conferência realizada ontem na Loja Igualdade pelo Dr. Vianna de Carvalho, em sessão teórica do Centro Espírita Cearense.

O orador fez uma síntese do estudo anterior – Provas da Existência de Deus – e em seguida amplamente discorreu a propósito dos atributos divinos.

Na próxima sexta-feira dissertará um tema de alta relevância, cuja súmula publicaremos em tempo para o conhecimentos de nossos leitores.

A República (**8** de julho de **1910**).

Comunica-nos o Dr. Vianna de Carvalho que, por conveniência da propaganda, as sessões do Centro Espírita Cearense foram mudadas para as sextas-feiras.

Assim amanhã haverá estudo de O *Livro dos Espíritos* no salão da Loja Igualdade, à Rua Senador Pompeu, às 7 horas da noite. A entrada é, como sempre, franqueada ao público.

A República (14 de julho de 1910).

Amanhã o Dr. Vianna de Carvalho, continuando a exposição sistemática da Filosofia Espírita, fará conferência no Templo da Loja Liberdade (Rua Tristão Gonçalves) às 7^h da noite. Sabemos que o tema é de alta relevância porque desflora muitas questões atinentes à sociologia.

Unitário (17 de janeiro de 1911).

O ilustre Sr. Dr. Vianna de Carvalho teve a nímia gentileza de vir pessoalmente convidar-nos para assistirmos à sessão solene de comemoração à desencarnação de Allan Kardec, o criador do Espiritismo, promovida pelo Centro Espírita Cearense.

Dita sessão, que será pública, realizar-se-á à sexta-feira vindoura, 31 do corrente, no Templo da Loja Igualdade, às 7 horas da noite.

Confessamo-nos gratos.

Unitário (28 de março de 1911).

O Centro Espírita Cearense realizará na próxima sexta-feira uma sessão comemorativa em homenagem a Jesus Cristo no edifício Fênix Caixeiral às 2 horas da tarde.

Unitário (11 de abril de 1911).

3.4.5 - Novamente em Fortaleza

Em outubro de 1923, Vianna regressou a Fortaleza como chefe interino do Estado Maior da 7^a Região Militar, com sede em Recife, no desempenho de importante comissão do Ministério da Guerra. Aproveitou a oportunidade para rever amigos e realizar conferências no Centro Espírita Cearense, que então já possuía sede própria, e na Loja Liberdade. No entanto, sua permanência foi somente de poucos dias.

No dia 10 de abril de 1924, voltou, desta feita para assumir as funções de fiscal do 23^o Batalhão de Caçadores. Largo círculo de seus amigos e admiradores o recepcionou com alegria no ponto de desembarque.

Em julho desse ano, assumiria o comando interino do referido batalhão, conforme registrou o jornal *Correio do Ceará*, de 19 de julho de 1924.

Novo Comandante do 23^o Batalhão de Caçadores

Em ofício datado de 16 do corrente, o Sr. Major Vianna de Carvalho comunicou-nos haver assumido o comando interino da Guarnição Federal e do 23^o BC aquartelados nesta capital, em vista de ter sido o comandante efetivo, Sr. Tenente-Coronel Ben-tenmüller, designado para assumir o comando da 7^a Região com sede em Recife.

Ao novo comandante do 23^o BC, que é oficial dos mais ilustrados do nosso Exército, desejamos todas as prosperidades no exercício das funções confiadas à sua competência.

Ele permaneceria em Fortaleza até **11** de setembro de **1924**. Nesse ínterim proferiu conferências e participou de atividades culturais. Decorridos treze anos de sua fecunda tarefa na organização do movimento espírita cearense, não enfrentou as mesmas resistências da outra vez, porquanto, além do respeito que lhe impunha o novo posto e função, vários intelectuais, figuras conspícuas da sociedade fortalezense, haviam se convertido ao espiritismo. Sobressaindo destes, estava o tenente-coronel Francisco de Sá Roriz (**1870 - 1925**), que fora chefe de polícia no governo do gen. Setembrino de Carvalho, e fundador, em **1916**, da Faculdade de Farmácia e Odontologia.

Médium de largos recursos, Sá Roriz atendia costumeiramente pessoas em sua residência na avenida Tristão Gonçalves. Encontramos no jornal *Diário do Ceará*, de **30** de abril de **1924**, nota alusiva a uma conferência proferida por Vianna em sua casa.

Uma Conferência do Major Vianna de Carvalho Ontem | noite o festejado intelectual coestadano Major Vianna de Carvalho, em a residência do nosso leal amigo Tenente-Coronel Sá Roriz, com a presença de inúmeras pessoas,, realizou substanciosa palestra científico-literária em tomo da Ciência Espírita em face do Cristianismo.

O conferencista fez uso da palavra, durante mais de uma hora, expondo e discutindo brilhantemente o assunto escolhido para tema, citando curiosas experiências, produzindo sua interessante palestra grata impressão.

3.4.6 - A cura de Peixotinho

Em **1923**, Vianna conheceu o jovem Francisco Peixoto Lins (**1905-1966**). Peixotinho, nome com o qual seria conhecido no meio espírita, padecia de terrível obsessão. Envolvido pelos perseguidores invisíveis, era tomado de estranha força física, tomando-se capaz de lutar e vencer vários homens, apesar de fisicamente franzino. Esse estado anômalo acontecia quase toda hora. Como consequência, certo dia ficou, cerca de vinte horas, num estado cataléptico. Depois desse episódio, sofreu uma paralisia que o prostrou no leito durante seis meses.

Nesse tempo, um dos seus vizinhos, membro do Centro Espírita Cearense, dispendo-se a auxiliá-lo, indicou à família o **132** nome do major Vianna de Carvalho, então em comissão militar na cidade.

Diante da resistência dos familiares católicos, o tratamento espiritual foi ministrado na própria residência de Vianna.

Relatou-me o confrade Marcus V Monteiro, sobrinho do médium, que sua avó, d. Raimundinha Peixoto, mãe de criação de Peixotinho, disse-lhe que durante os passes aplicados por Vianna no jovem obsidiado, este notou que estranhas luzes saíam das mãos do passista.

Logo que conseguiu andar, Peixotinho passou a freqüentar, por sugestão de Vianna, o Centro Espírita Cearense, iniciando sua educação mediúnica para, no futuro, transformar-se num dos mais famosos médiuns de materializações e efeitos físicos.

3.5 - Alagoas

3.5.1 - A primeira vez

A primeira incursão de Vianna de Carvalho no estado de Alagoas deu-se, ao que nos parece, no ano de **1910**. Estando em Fortaleza, recebeu convite para proferir conferência em Maceió, segundo atesta notícia do A *República*, de **13** de julho de **1910**.

O Sr. Dr. Manoel Vianna de Carvalho recebeu, da Federação Espírita Alagoana, honrosa carta convidando-o a ir até Maceió realizar algumas conferências sobre assuntos espíritas.

Sabemos que o Dr. Vianna aquiescerá ao convite que lhe foi endereçado.

3.5.2-Em 1913

Em princípios de **1913**, foi servir em Maceió, onde, além de proferir conferências, algumas sintetizadas no jornal *Correio de Maceió*, reorganizou os grupos espíritas que se achavam em declínio. Sua permanência nesse ano foi breve mas profícua.



Maceió no começo do século. Trecho da rua Quinze de Novembro.

3.5.3 - Estada turbulenta

Em **1919**, vindo da capital federal, regressou a Maceió. Desta feita, já mais conhecido, protagonizaria as mais graves polêmicas de sua existência.

Maceió era uma cidade burguesa e ultraconservadora no que concerne às tradições religiosas. Um dos primeiros casos ocorridos com ele deu-se quando as autoridades católicas tentaram impedir suas preleções. Certa noite, não podendo falar na Associação Comercial e na Loja Maçônica, resolveu pregar numa das praças principais da cidade. Convidou os amigos, dirigiu-se ao logradouro público e improvisou sobre o coreto central uma tribuna de caixões de querosene. No entanto, a polícia o impediu de falar “em nome da lei”. Ele, cumpridor da lei, retirou-se obediente. Mas, possuidor daquele mesmo ardor de Paulo de Tarso, dirigiu-se com os amigos para um lupanar e fez a pregação da noite, convertendo-se, em meio às vibrações negativas do ambiente, num dreno do Cristo, desviando as misérias da Terra.

As fortes pressões continuaram, mas não o intimidaram. A revista *Reformador*, de **1**º de abril de **1919**, em seu editorial, sob o título “Farisaísmo Rubro”, publicou indignada contestação à atitude dos “vigários de sotaina”, que chegaram ao cúmulo de solicitar a prisão de Vianna, pelo simples fato de ser espírita. Diz a certa altura o editor:

Maceió não é, que o saibamos, nenhum Canudos remoto, nenhuma Lages onde qualquer intonso monge ignaro e solerte arrebanha legiões para cruzadas de ódio e extermínio (...)

Entretanto, bastou que o nosso querido companheiro ali anunciasse e fizesse algumas conferências espíritas para que o bando, de público, pedisse ao Governo do Estado a proibição de tais conferências – e até *(risum teneatis)* a prisão do nosso amigo¹.

A prisão! Ouviram bem nossos leitores?

A prisão de um oficial graduado do Exército Brasileiro, de um cidadão ilustrado, reto, digno, cumpridor dos seus deveres pelo feio crime, pelo crime imperdoável de dizer do seu credo o mesmo que eles, os roupetas, dizem dos seus púlpitos, apenas com uma diferença. – é que Vianna de Carvalho é um orador consciencioso que

sabe o que diz e como diz, extreme de todo e qualquer interesse, que não o de beneficiar o seu próximo pelo amor do mesmo próximo e eles, os seus gratuitos ofensores, se brasileiros puderem ser considerados, não deixam, por tais, de receber a senha do Vaticano por amor do seu ofício (...).

Dois meses depois, as pressões continuavam. Novamente *Reformador*, na coluna "Ecos e Fatos", da edição de **16** de junho de **1919**, noticia o desdobramento do episódio:

(...) A princípio, desconhecendo-lhe a têmpera intelectual e moral, o clero alagoano pelo órgão do seu Bispo investiu contra o ilustre confrade, com aquela virulência e filáucia que caracterizam os habituados ao mandonismo incontrastado; mas, cedo convencido de haver pela frente um adversário tão brilhante quão resistente e vendo que não surtira efeito a insinuação ao Governo do Estado para que o expulsasse dos seus domínios – como se aquilo fosse um pedaço do Vaticano –, mudou de tática e destacou um monsenhor para pleitear aqui no Rio de Janeiro a transferência do ilustre oficial (...)

Lamentavelmente, o governo federal anuiu ao estratagema e ele teve ordem de remoção para Curitiba.

Antes, porém, de ir, licenciou-se, sacrificando os vencimentos de militar, a fim de permanecer mais algumas semanas em Maceió, para acompanhar a frutificação de sua auspiciosa sementeira.

3.6 - Paraná

3.6.1 - Em Curitiba

Por duas vezes estive na capital do Paraná. Na primeira, por imposição do serviço militar, em **1912**, quando proferiu conferências doutrinárias e escreveu, quase diariamente, artigos no jornal *Diário da Manhã*. A segunda vez, em meados de **1919**, após a tumultuada temporada de Alagoas.

Aludindo à sua remoção para Curitiba, *Reformador*, de **16** de julho de **1919**, comenta:

(...) Ainda recentemente em Alagoas ele sustentou sozinho (...) uma polêmica formidável com a clerezia enraivecida e despeitada (...) E que o companheiro ali fundou diversos centros de estudos e propaganda, arregimentando as vocações e disciplinando as vontades que por lá encontrou latentes e desaproveitadas (...)

Agora, no Paraná, o caso muda de figura; porque o belo estado do Sul é, sem favor, um dos que se avantajam na demonstração doutrinária, desde a primeira hora (...) Vianna vai, pois, para o seio de uma família que o conhece como legítimo representante do patrimônio comum e onde o seu espírito encontrará farta messe de carinhos, em campo de ação carinhosamente tratado. (...)

De fato, o movimento espírita paranaense era conduzido por um grupo de operários de escol. Vianna de Carvalho manteve contato com J. Rocha, considerada a mãe da pobreza local, e com o emérito jornalista espírita Hugo Rey. Empolgado, o tribuno cearense escreve aos confrades do Rio de Janeiro, dando notícias alvissareiras das possibilidades de serviço na terra dos velhos pinheirais e, mais uma vez, *Reformador*, atento a seus passos, destaca na edição de **16** de agosto de **1919**,

Do Paraná, onde já se encontra instalado, Vianna de Carvalho nos manda um punhado de flores nos votos que faz pela boa disposição de ânimo, aplicada nos sagrados interesses da causa comum (...)

3.6.2 - Conferências

Além de escrever no jornal *Diário da Tarde*, fazendo-o assiduamente, arrebatou os auditórios da Federação Espírita do Paraná e de outras sociedades congêneres. Sendo numerosíssimo o público que desejava escutá-lo, algumas conferências foram realizadas no Teatro Alemão.

Ainda na edição de **16** de agosto, *Reformador* mencionou:

O ilustrado intelectual Dr. Vianna de Carvalho, realizou anteontem uma conferência doutrinária na sede da Federação Espírita do Paraná, em presença de uma assistência numerosa, que acorreu àquela benemérita instituição para ouvir a palavra do consagrado orador.

Aberta a sessão à hora **20** pelo Prof. José Nogueira dos Santos, foi concedida a palavra ao Dr. Vianna de Carvalho, que tomou por tema: Jesus diante de Pilatos.

Começou detalhando as perguntas de Pilatos e as respostas do maior dos reformadores que têm visitado a Terra.

Da contestação de Jesus: ‘O Meu Reino não é deste Mundo’, o orador tira conclusões de uma beleza surpreendente, estabelecendo dois reinos: — um, terreno, temporal, com cetros e tronos, pesando sobre os povos com o seu fausto, com a sua ambição, com o seu orgulho desmedidos; o outro, sereno, pairando acima das misérias e contingências deste mundo, nas imponderáveis regiões da sabedoria, do amor, da paz, da luz e da verdade, onde a felicidade espalhou o perfume das suas indefiníveis harmonias.

Com uma vibratibilidade emocionante e riqueza de conceitos admiráveis, vazados num estilo que agrada e encanta, o orador procura dar em largos traços um esboço da existência do espírito humano (...) A conferência do ilustre confrade foi coroada dos melhores aplausos pela assistência.

Depois da feliz e próspera estada em Curitiba, partiu no rumo do estado de São Paulo.

3.7 - Pernambuco

3.7.1 - No Recife

Mil novecentos e treze foi o ano em que Vianna de Carvalho conheceu Pernambuco. No Recife, suas atividades foram muitas. Conferências e novas polêmicas abalaram os arraiais católicos da cidade. As folhas A *Província* e o *Diário de Pernambuco* referem-se a assistências de aproximadamente oitocentas pessoas, com a presença de jornalistas, literatos e representantes de todas as classes sociais. Pelo número de curiosos, as preleções ocorreram em algumas das principais lojas maçônicas locais.

Essa temporada durou até **1914**, quando retornou ao Rio de Janeiro.

Nove anos depois, em **1923**, volta à capital pernambucana para ocupar o cargo de chefe da seção de Serviço do Estado Maior da 7^a Região Militar. Nesse mesmo ano, no mês de agosto, assumiu interinamente a chefia do Estado Maior da Região. A revista *Verdade e Luz*, de 3 de setembro de **1923**, reportando-se ao fato, diz:

Para servir na Região Militar do Exército Nacional, em Recife, Pernambuco, embarcou, em dias do mês de abril próximo passado, o Major Dr. Vianna de Carvalho, a maior glória dos oradores espíritas do Brasil.

Os nossos irmãos cariocas perdem, com a mudança do querido Vianna de Carvalho, um dos denodados companheiros de propaganda e um dos divulgadores da Doutrina Espírita de mais ação e competência.

Desejando ao particular amigo e sincero companheiro em Jesus as maiores venturas na sua viagem e estadia em Pernambuco, rogamos a Deus permita seja ele para os pernambucanos um testemunho vivo da vivificadora Doutrina Espírita, e uma tocha sobre o velador para alumiar as almas que procuram a luz da verdade.

Nessa fase, de início, fez suas palestras na intimidade da casa da família Barros, na rua do Lima, em Santo Amaro. Com o aumento dos espectadores, estas preleções foram transferidas para o salão da Charanga do Recife, na avenida Marquês de Olinda. Também no Teatro Santa Isabel, proferiu outras conferências, ao lado dos valorosos lidadores pernambucanos, os doutores Otávio Coutinho e Luiz de Góis, e os escritores Manoel Arão e Fausto Rabelo.

Novas polêmicas foram travadas, desta vez não somente com lideranças católicas, mas com o conhecido professor e poeta protestante Jerônimo Gueiros. Algumas das contendas aconteceram no Teatro Santa Isabel, onde Vianna, ao lado dos companheiros espíritas anteriormente citados, defendeu ex- tosamente os postulados kardequianos.

Estes fatos foram importantíssimos, pois serviram para sacudir os brios de muitos espíritas pernambucanos, que permaneciam no anonimato e indiferentes às lutas religiosas de seu tempo.

3.7.2 - A Cruzada Espírita Pernambucana

A parcela mais significativa de Vianna de Carvalho a Pernambuco foi a fundação da Cruzada Espírita Pernambucana, instituição que reuniu as figuras mais expressivas do espiritismo no estado.

A idealização da "Cruzada" partiu do orador cearense, que pretendia organizá-la nos mesmos moldes da Cruzada Espírita do Rio de Janeiro, por ele fundada.

Na capital da república, a sede da agremiação ficava na rua do Rosário, **133**, e funcionava nas sextas-feiras, às vinte horas. Artistas, como também amadores, participavam dessas reuniões e lhes prestavam valioso concurso, executando – antes das preces inicial e de encerramento – trechos de música devocional. As reuniões eram basicamente de duas naturezas; em umas, tratava-se de assuntos evangélicos e, em outras, de matéria científica e filosófica.

A revista *Verdade e Luz* noticiou, em **3** de setembro de **1923**, os planos de fundação da Cruzada na Veneza Brasileira.

O Dr. Vianna de Carvalho, em carta que dirigiu ao Presidente da Cruzada Espírita, comunicou que em Pernambuco estão despertando grande interesse e entusiasmo as conferências da cruzada D. Ivete Ribeiro, que já falou na Loja Teosófica Consolação e em várias sociedades espíritas.

No Recife, o Dr. Vianna de Carvalho e vários confrades cogitam de fundar uma Cruzada Espírita nos moldes da do Rio de Janeiro, liberal, tolerante e fraternal (...)

Após reunião presidida por Vianna, na casa da família Barros, onde vários seareiros se fizeram presentes, a Cruzada Espírita Pernambucana foi fundada, no dia 1º de outubro de **1923**.

Referimos, dentre os participantes do ato solene: Antônio José Ferreira Lima, Manoel Arão, Luiz de Góis, Fausto Rabelo, Ernesto Gameiro Alvares, Otávio Coutinho, Arge- mira Costa, Albertina Trindade, Ester Nogueira Lima, Elvira Cavandish, Luíza Figueiredo, Cândida Duarte, Djalma Trindade, Agostinho Queiroga, Artur Lima, Manoel Acioly Simões, Firmo Oliveira, Ubaldo Fragoso, Severino Lima e outros.

O confrade Humberto Vasconcelos, de Recife, gentilmente enviou-nos cópia da ata da assembléia geral para a escolha da primeira diretoria da Cruzada Espírita Pernambucana, transcrita pelo jornal *Pernambuco Espírita*, em publicação correspondente aos meses de agosto, setembro e outubro de **1920**.

Ata da Assembléia Geral da Cruzada Espírita Pernambucana, realizada aos vinte e quatro dias do mês de janeiro de mil novecentos e vinte e quatro.

Às vinte horas, presente grande número de sócios, convidadas pessoas de diferentes credos, foi pelo companheiro Vianna de Carvalho declarada aberta a sessão desta noite, sob a alegação de que seria empossada a Diretoria para gerir os destinos da CRUZADA durante o ano de **1924**, chamando para secretário, o irmão Ernesto Gameiro Álvares; continuando, fez sentir ser objetivo da CRUZADA as ampliações indispensáveis das sessões que realiza à Rua do Lima, sendo que por compressão de ambiente se tomava preciso um local mais amplo em que se instalará mais este núcleo de propaganda espírita, onde ele (Vianna de Carvalho) tinha grande satisfação de doutrinar. Foi pelo secretário Ernesto Gameiro Álvares procedida a chamada dos companheiros que iam sendo empossados pela ordem de chamada: Presidente, Manoel Arão; 1º Vice-Presidente, Professor Ferreira Lima; **2º** Vice-Presidente, Dr. Luiz de Góis; Secretário Geral, Ernesto Gameiro Álvares; 1º Secretário, Fausto Rabelo; **2º** Secretário, Aristides de Queiroz; Tesoureiro, Afonso Azevedo; Vice-Tesoureiro, Nathan Mesel; Diretor Bibliotecário, J. Porto; Diretor de Assistência aos Necessitados, Manoel Costa; Adjuntos: Argemira Costa, Albertina Trindade, Ester Nogueira Lima, Zulmira Rabelo Alva, Elvira Cavandish, Luíza Figueiredo, Cândida Duarte e Maria Rabelo Sales Asfora; Comissão de Representação e Propaganda: Relator, Djalma Trindade; Adjuntos: Alexandre Silva, Sérgio Olindense, José Augusto Ribeiro, Agostinho Queiroga, Batista de Oliveira, Adalício Santos e Artur Lima; Conselho Consultivo: Relator, A. Cruz Ribeiro; Adjuntos: Manoel Acioly Simões, Antônio N. Mesquita, Firmo Oliveira, Ubaldo Fragoso e Severino Lima.

Em seguida o companheiro Vianna de Carvalho, fez público que se achava em definitivo empossada a primeira Diretoria da CRUZADA ESPÍRITA PERNAMBUCANA (...) Concluiu transmitindo a palavra ao companheiro Manoel Arão (...) Usou da palavra o Dr. Máximo Niemayer (...) Falou ainda o Dr. Luiz de Góis, com sua palavra eloqüente dando uma verdadeira demonstração de fé. Tomando a palavra o Dr. Otávio Coutinho, afirmou a convicção dos seus princípios (...) Por último, usou da

palavra, o irmão Ferreira Lima (...) Como avançasse a hora, o companheiro Vianna de Carvalho deu por encerrada a sessão, felicitando aos companheiros empossados, desejando que o Espiritismo, aqui em terras pernambucanas, se difundisse como uma verdade iniludível.

Ass. Manoel Vianna de Carvalho – Presidente da sessão Ass. Ernesto Gameiro Álvares – Secretário.

3.8 - Minas Gerais e Espírito Santo

Em síntese biográfica sobre Vianna de Carvalho, publicada na revista *Verdade e Luz*, de 18 de julho de 1922, o articulista menciona que, no primeiro decênio deste século, quando se tomou orador oficial da Federação Espírita Brasileira, Vianna, ao lado de Ignácio Bittencourt, realizou numerosas excursões pelo interior do Rio de Janeiro e pelos estados vizinhos de São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais.

3.8.1 - Minas Gerais

Buscas empreendidas. Diligências envidadas. E, mesmo assim, não obtivemos maiores informações, nenhum documento que aludisse ao labor de missionário do nosso biografado, no território montanhês. Todavia, é provável tenha ele peregrinado tanto por Minas quanto pelo Espírito Santo, pois, sendo a edição da *Verdade e Luz*, anteriormente citada, de 1922, os dados biográficos ali contidos foram, certamente, fornecidos pelo próprio Vianna de Carvalho, que ainda estava encarnado.

Em sua “Fé de Ofício”, consta que no ano de 1920 foi transferido para a 10^a Companhia do Terceiro Batalhão do 11^o Regimento de Infantaria, em São João Del Rei (MG), onde exerceu as funções de assistente do inspetor da arma de infantaria. Permaneceu na cidade de Tiradentes por mais de cinco meses, o que nos leva logicamente a deduzir – impossível imaginá-lo sem ação todo esse tempo – ter empreendido atividades doutrinárias na própria cidade e nas circunvizinhanças.

3.8.2 - Espírito Santo

O confrade Lamartine Palhano Jr., membro do Círculo de Pesquisa Espírita, de Vitória, a nosso pedido, pesquisou, mas não encontrou nenhum documento referente à passagem de Vianna pelo estado. No entanto, Palhano descobriu e doou ao Centro de Documentação Espírita do Ceará duas preciosas cartas escritas por Vianna de Carvalho e dirigidas a Jeronymo Ribeiro, grande bandeirante do espiritismo capixaba.

Pelas correspondências, percebemos a estreita relação de amizade entre Vianna e o líder espírita de Cachoeiro do Ita- pemirim, como também o importante apoio que o tribuno cearense lhe prestou em fase difícil de sua existência.

Jeronymo passava por sérios percalços que o abatiam profundamente. Incompreensões, deserções e as ingratidões 142 de alguns líderes do movimento espírita local, levaram-no a socorrer-se de amigos distantes que puderam compreendê-lo. Nos momentos cruciais, solicitava-lhes “duas linhas de incentivo e conforto à luta que se impôs na divulgação da luz que vem do céu”, conforme ele próprio escreveu.

Segundo o livro *Dossiê Jeronymo Ribeiro*, resultado do excelente trabalho do grupo de pesquisadores capixabas, além de Vianna, outros nomes exponenciais do espiritismo, mantiveram frequente contato epistolar com Jeronymo, destacan- do-se, entre outros: Ignácio Bittencourt, Guillon Ribeiro, Leopoldo Cirne e Ewerton Quadros.

As duas cartas de Vianna são de **1914**, ano em que eclodiu, na Europa, a Iª Guerra Mundial.

Na primeira, datada de **20** de março de **1914**, responde ao convite de Jeronymo Ribeiro para que ele e Ignácio Bittencourt visitassem o Asilo Deus, Cristo e Caridade, em Cachoeiro do Itapemirim. Vejamos alguns trechos dessa missiva.

(...) Falei com o nosso companheiro Ignácio Bittencourt sobre o assunto de tua última comunicação (...) sobre a nossa ida, ao interior do Espírito Santo. Disse-me aquele irmão que, por enquanto, não pode empreender semelhante viagem em vista de um acréscimo enormíssimo de afazeres com a propaganda aqui.

Pela minha parte, a questão apresenta várias dificuldades devido ao estado de sítio em que nos achamos e sobretudo em vista da prontidão nas Forças da Região onde sirvo atualmente (...)

Vianna prossegue, falando com entusiasmo a respeito do permanente trabalho de divulgação doutrinária.

(...) As listas para distribuição gratuita de jornais já entraram em franca efetividade, lenho derramado remessas sucessivas por todos os estados brasileiros contando com isto ativar de modo sensível o movimento da vulgarização espírita (...).

Em seguida conclui a carta, confidenciando a Jeronymo alguns problemas graves, particulares, inerentes ao movimento espírita no Rio de Janeiro. Na outra correspondência, de **6** de julho de **1914**, escreve-lhe, relatando que conversara demoradamente com Ignácio Bittencourt a respeito da difícil situação em Cachoeiro do Itapemirim, colocando de forma séria o resultado de suas reflexões. Ignácio e Vianna dispuseram-se a colaborar com o amigo e abriam-lhe as portas para novas oportunidades de trabalho. Enquanto o orador cearense o convidava a orientar seu projeto de criação de uma escola de crianças na Federação Espírita Brasileira e no Grupo Discípulos de Samuel, com a ajuda de Anália Franco, com quem já havia feito contato, Ignácio ofereceu-lhe condições de desenvolver um trabalho na cidade de Valença (RJ), onde a instituição espírita tinha uma escola fundonando.no período noturno. Com a presença de Jeronymo Ribeiro, a escola teria novos turnos.

Ao lado do reconforto espiritual e do incentivo, Vianna, sincero e objetivo, propõe que diante dos problemas de Cachoeiro, Jeronymo "deveria, o quanto antes, sair da companhia de espíritas que o repudiam para buscar o convívio daqueles que estariam à altura de o compreender e o auxiliar (...)".

3.9 - São Paulo

3.9.1 - Na capital paulista

Suas primeiras visitas a São Paulo datam da primeira década do século, quando, ao lado de Ignácio Bittencourt, saía do Rio de Janeiro para proferir palestras nos estados vizinhos. Desde então, alargou o seu círculo de amizades, passando a corresponder-se com as maiores expressões do movimento espírita paulista: Cairbar Schutel, Anália Franco, Militão Pacheco e, muito especialmente, aquele que se tomaria seu grande amigo, o dr. Pedro Lameira de Andrade.

Pedro Lameira (**1880-1938**) era procurador do Abrigo Batuíra, do qual foi um dos fundadores, e sucessor de Antônio Gonçalves da Silva Batuíra na direção da revista *Verdade e Luz*, criada em **1890**. Foi também um dos mais operosos diretores **144** da Associação Espírita São Pedro e São Paulo, com atuação marcante no campo da assistência social.

Na condição de assistente de comando da Terceira Brigada de Infantaria, Vianna embarcou a **11** de setembro de **1919** para São Paulo. No mês seguinte, foi nomeado assistente do inspetor da arma de infantaria e transferido para a **2ª** Companhia do **33º** Batalhão do **1º** Regimento de Infantaria. Sua permanência no estado

foi de quatro meses, de setembro desse ano até janeiro de **1920**.

Na capital paulista, ocupou a tribuna de várias sociedades espíritas. Manteve-se, no entanto, mais diretamente ligado à Associação Espírita São Pedro e São Paulo, na qual falou a assembleias de mais de mil pessoas, despertando enorme interesse, sobretudo entre os intelectuais que, levados pela fama do orador nordestino, compareciam àquelas reuniões.

3.9.2 - O estudo doutrinário e a unificação

Vianna, em suas palestras, tinha o cuidado precípua de alertar os ouvintes para a importância do estudo doutrinário incessante, contínuo, ressaltando igualmente a necessidade da vivência fraterna para a unificação do movimento espírita no estado. *Reformador*, de **16** de novembro de **1919**, em substancial artigo concernente às atividades espíritas ali desenvolvidas, comenta:

Na Capital de São Paulo, em data de **7** de outubro último, na sede da Associação Espírita São Pedro e São Paulo, à Rua José Bonifácio, nº **12**, perante avultado número de confrades, sob a presidência do irmão Queiroz, realizou-se importante reunião em que foram tratados vários assuntos dignos de serem registrados.

A primeira parte desses trabalhos constou de uma eloqüente palestra de nosso esforçado companheiro de propaganda Vianna de Carvalho que, em frases sugestivas, disse achar-se bastante prazeroso por ter necessidade de repisar uma questão sobre a qual já se pronunciara em vários centros, questão que reputava importantíssima para que o verdadeiro Espiritismo codificado por Allan Kardec, pudesse ocupar naquela Capital o lugar competente na ordem dos estudos transcendentais e empolgantes na sua feição científico-religiosa. Abordando o assunto, profligou as sessões em que o método, a disciplina e o estudo meditado das obras do Mestre são completamente desprezados, pois, em tal caso, o resultado é sempre nulo (...) Concita os espíritas à prática da fraternidade, ao combate do exclusivismo e prevenções que existem entre várias agremiações daquela Capital, para constituição de um bloco resistente em consequência do qual possam todos os centros realizar os seus trabalhos práticos de uma forma sã e coesa, obedecendo unicamente ao método exposto nas obras do Mestre.

Passando à segunda parte dos trabalhos, foi dada a palavra a quem quisesse externar as suas idéias, tendo sido convidado para tomar as anotações do que ocorresse o confrade Eduardo Leite de Araújo, que tomou lugar à mesa do presidente. Usaram, então, da palavra os irmãos: Dr. Lameira de Andrade, Sebastião Caramuru, Dr. Militão Pacheco, Sr. De Aragona e Porfirio Rodrigues, que se manifestaram de acordo com a atitude assumida por Vianna de Carvalho (...)

O Dr. Militão Pacheco acha que tais questões, de suma importância, devem ser tratadas em um congresso espírita que oportunamente se realize na capital paulista, depois que todos os espíritas compreendam bem a necessidade de se unificarem. Diz que, sendo a reunião em que toma parte uma preliminar do congresso a que se refere, devem ser discutidas as questões mais urgentes a saber: 1º - Unificação dos Espíritas; 2º - Uniformidade, em todos os centros e grupos, dos trabalhos práticos. Que assentes essas duas questões, a Associação São Pedro e São Paulo deverá convidar de novo o Dr. Vianna de Carvalho para tomar parte do Congresso Espírita do Estado de São Paulo, constituindo-se a Federação Espírita do Estado (...)

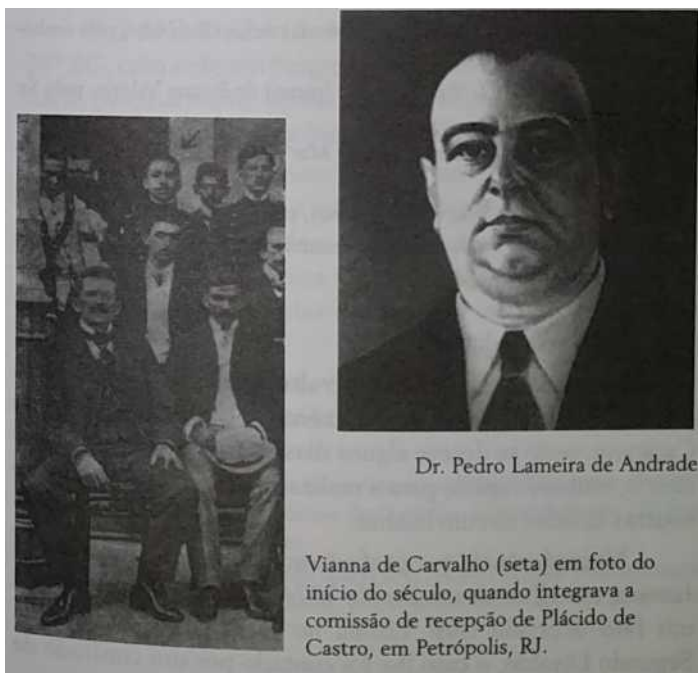
3.9.3 - Homenagem a Kardec

Vianna conquistou, rapidamente, a simpatia e a admiração dos espíritas paulistas e, por várias vezes, esteve na vanguarda dos eventos doutrinários locais, durante

a sua estada. **Na** celebração do natalício de Allan Kardec, no dia **3** de outubro, foi um dos convidados especiais à festa comemorativa acontecida na Associação Espírita São Pedro e São Paulo. **Nesse** encontro inesquecível, além da palestra de abertura, ele



Jeronymo Ribeiro (cortesia de L. Palhano Jr.)



Dr. Pedro Lameira de Andrade

Vianna de Carvalho (seta) em foto do início do século, quando integrava a comissão de recepção de Plácido de Castro, em Petrópolis, RJ.

tocou violino e declamou uma de suas poesias. *Reformador*, de 1º de novembro de **1919**, reporta-se ao fato:

Associação Espírita São Pedro e São Paulo

Esteve simplesmente magnífica a festa realizada por esta associação, comemorando o nascimento de Allan Kardec. O vasto salão de sua sede achava-se artisticamente enfeitado, vendo-se ao fundo o retrato do Mestre ladeado de flores e ramagens. (...) Eis o programa desempenhado:

- I - Discurso pelo Dr. Vianna de Carvalho.
- II - "A Morte" (poesia) de Francisco Pereira, pela senhorita Adalgisa Floret.
- III - "Papillion" - Alex. Lango (piano) por F. Braga.
- IV - "Madrigal" (Simonette) violino e piano, pelos Srs. Vianna de Carvalho e F. Braga.
- V - "A Lágrima" (poesia) de Guerra Junqueiro, pelo professor Mário A. Veiga.
- VI - "Fotovalsa" (piano) de Valério Vieira, executada pelo autor.
- VII - "Pinta Roxa" (poesia) de Coelho Neto, pela senhorita Clarice de Camargo.
- VIII - "*Falck schots*" (piano) de Roque Valério, pelo Sr. Valério Vieira.
- IX - "Crepúsculo no Mar" (poesia), pelo Sr. Vianna de Carvalho.
- X- "Napoleão" (piano), pelo Sr. F. Braga.
- XI - Discurso de encerramento pelo Dr. Lameira de Andrade.

3.9.4 - Pelo interior

No início de **1921**, Vianna voltou a São Paulo. Em cumprimento de determinação do exército, esteve na cidade de Caçapava, onde se deteve alguns dias. Aproveitou sua permanência, embora rápida, para a realização de preleções locais e noutras cidades circunvizinhas.

Na conferência que proferiu no Clube Militar do Rio de Janeiro, em **12** de dezembro de **1974**, Divaldo Franco narrou um fato ocorrido com Vianna no interior de São Paulo. Segundo Divaldo, o caso lhe foi contado por um confrade de Cachoeira Paulista, o qual afirmou ter tido ^Ma honra e a glória de conhecer Vianna de Carvalho". Vejamos essa narrativa nas palavras do tribuno baiano:

(...) Escutei-o um dia falando aqui em Cachoeira. Montado a cavalo, ele havia saído do auditório que o ovacionara demoradamente (...) dirigia-se à pequena cidade de Lorena, onde deveria falar à tarde. Mas, um grupo de protestantes acercou-se dele e lançou-lhe um repto contra a reencamação (...) Vianna, à semelhança de um grande herói grego, ali mesmo do animal, continuou a expor o que era a Doutrina Espírita e a beleza da reencamação (...) Fez outra conferência, dali saindo para Lorena para pregar às três horas da tarde e depois (...) para outra cidade onde pregaria às oito horas da noite (...) porque ele não podia perder tempo.

3.10 - Sergipe

3.10.1 IA chegada

A **2** de dezembro de **1924**, Vianna foi transferido para o **28º** BC, com sede em Sergipe. Sua apresentação, porém, só se daria, propriamente, no dia **16** de fevereiro

de **1925**, quando assumiu o comando interino do batalhão.

Sergipe seria o ponto final de sua grande cruzada. Chegando a Aracaju, animou sobremaneira o meio espírita, realizando visitas a confrades, conferências (proferidas em sua maioria na Loja Maçónica Cotinguiba) e publicando artigos em jornais laicos e pelas colunas do periódico espírita *A Semente*.

Transcrevendo nota do jornal *A Semente*, a revista *Verdade e Luz* descreve a investida inicial de Vianna em Aracaju.

Desde o mês próximo passado acha-se nesta capital o digníssimo Dr. Vianna de Carvalho, Comandante do **28º** Batalhão de Caçadores.

O esforçado confrade já fez nesta capital duas belíssimas conferências espíritas, tendo extasiado a todos os adeptos do mesmo credo.

As conferências vêm se realizando no salão da Loja Cotinguiba, que foi gentilmente cedida pela sua diretoria.

Não obstante não ser feito convites pelo jornais da terra, tivemos de ver o salão repleto de senhoras, senhoritas e cavalheiros da alta sociedade aracajuana.

Os irmãos que pugnam pelo desenvolvimento da Doutrina de Jesus agradecem ao bom Deus em tão boa hora lhes ter mandado este Apóstolo do Bem.

Que continue, pois, na propaganda da santa doutrina, são os nossos votos.

3.10.2 - União Espírita Sergipana

Conquanto suas atividades doutrinárias fossem inten- síssimas, como de praxe, seu cuidado maior era promover a unificação do movimento espírita; e, a respeito desse tema, de indiscutível prioridade, o conceituado jornalista Martins Peralva (*Anuário Espírita - 1970*, pp. **153-156**) escreveu:

(...) Major Vianna de Carvalho, tribuno excepcionalis- simo, empolgara, dera testemunho da fé espírita, ante a sociedade convencional da época e, observemos bem! lançara os primórdios da Unificação Espírita em terras sergipanas (...) Enquanto esteve em Aracaju, tudo fez o notável tribuno e cintilante escritor para unificar os espíritas e as instituições. Havia muito desentendimento. Muito personalismo. Muita ciumada (...)

Vianna de Carvalho insistiu bastante. Quase desistiu (...)

Mas, somente quatro anos depois, do mundo espiritual, Vianna assistiria ao resultado de seus esforços, quando, no dia **30** de julho de **1930**, aconteceu a primeira reunião das três principais sociedades espíritas do estado, dando, assim, os passos iniciais no sentido de se unirem em torno de uma nova entidade - a União Espírita Sergipana - que seria fundada a **9** de setembro de **1930**.

E, conclui Martins Peralva.

(...) Com a fundação da União Espírita Sergipana, filha do idealismo, do trabalho e do carinho do Major Vianna de Carvalho, dava-se em Sergipe o primeiro passo para a Unificação Espírita, segundo os padrões da época, dezanove anos antes do histórico acontecimento a que o Rio de Janeiro assistiria, comovido, em **5** de outubro de **1949**: a assinatura do PACTO ÁUREO.

3.1 1 - Noutros estados

Embora até o presente momento não tenhamos encontrado nenhum documento comprobatório de atividades doutrinárias por ele desenvolvidas noutros estados, acreditamos seja possível tenha Vianna proferido conferências no Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia.

Em sua "Fé de Ofício", consta que, em outubro de **1923**, antes de sua vinda ao Ceará, passou pelas guarnições da Paraíba e do Rio Grande do Norte. E, no dia **2** de março de **1925**, logo após deixar o comando do **28º** BC, seguiu para a Bahia, sede da Região Militar, a serviço, regressando somente no dia **12** do mesmo mês, a fim de reassumir as funções em Sergipe.

Diante de tudo quanto escrevemos, conhecendo sua fibra e paixão pelo espiritismo, sinceramente, não cremos que, em trânsito por esses estados, achando-se no auge da fama como tribuno, não houvesse aproveitado o ensejo para cantar as excelências da mensagem dos espíritos.

CAPÍTULO XI O REGRESSO TRIUNFAL

1. A enfermidade

Corria o ano de 1926 com ótimas perspectivas para a propaganda espírita. Vianna de Carvalho havia, desde o final de 1924, sido transferido para Aracaju, a fim de comandar, provisoriamente, o 28º BC, ali aquartelado.

Ao chegar, converteu-se na mais proeminente figura do meio espírita sergipano. A revista *Verdade e Btiz*, na edição de abril de 1925, assinalou:

Dr. Vianna de Carvalho

Graças ao Bom Deus, que o nosso confrade acha-se cheio de vida e saúde em Aracaju e continua a propagar com ardor a Doutrina do Espírito Consolador. A eloquência, sinceridade e sabedoria que o caracterizam dão-lhe, mui justamente, a distinta posição de primeiro orador da tribuna espírita, no Brasil.

Mas, lamentavelmente, um ano depois de veiculada esta nota, Vianna quedava-se enfermo, seu corpo rendido à gravidade da moléstia.

(...) Logo depois de ter conquistado a alma aracajuana, o grande lidador enferma. O organismo alquebrado pela fidelidade à Causa; o coração dorido das bofetadas da ingratidão; a alma amargurada pela imensa soledade a que se impôs; as mãos nervosas de escreverem páginas rutilantes, que ilumina* ram a imprensa durante quase quarenta anos (...) o grande lidador está exausto (...) a enfermidade se lhe toma mais grave (...)¹⁶

Segundo nos confirmou Leonardo de Carvalho, esta enfermidade era o beribéri, causado pela deficiência de tia- mina (vitamina B1). Vianna contraiu o tipo mais grave de beribéri – agudo e fulminante que provoca alterações no sistema nervoso, edema nos membros inferiores e dilatação do coração, levando à insuficiência cardíaca.

Vianna sempre teve, ao longo da existência, uma saúde frágil. Analisando sua “Fé de Ofício”, percebemos que vários foram os anos (1894, 1895, 1905, 1907, 1919, 1922 e 1924) nos quais teve de pedir licença para tratamento de saúde. Eram licenças que variavam de um a quatro meses, sendo a última de um ano, não havendo, infelizmente, tempo de usufruí-la.

Vivendo em função da causa e de seu semelhante, esquecia-se de si mesmo, dedicando-se, nos últimos anos da existência, ao trabalho espírita, num ritmo fantástico.

Amou intensamente seus semelhantes e, por isso, o sacrifício ao qual se entregou estava em perfeita consonância com a máxima de Jesus: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos.”¹⁷ ’

¹⁶ 16 Conferência proferida por Divaldo Franco no Clube Militar do Rio de Janeiro, em 10/12/1974.

¹⁷ 17 João (15,13).

2. *O último escrito*

A última página escrita pelo poeta da terceira revelação foi o documento pelo qual dava parte de doente, deixando o comando interino do 28º BC, que assumira pela *segunda vez*. *O Boletim do Regimento, número 236, do mês de outubro de 1926, notificou.*

Passagem de Comando: Tendo dado parte de doente, nesta data, passo o comando do Batalhão ao Sr. Capitão Paulo Pinto da Silva Valle.

Vianna de Carvalho

Major – Comandante

3. *A despedida*

Agravada a doença, ficou decidido o seu recolhimento ao Hospital de São Sebastião, em Salvador (BA).

Não mais tendo forças para levantar-se do leito, foi de maca conduzido ao vapor íris, sendo acompanhado por colegas oficiais e praças, pelo deputado Macena Peixoto, dr. Francisco Menezes, Cizidio Marques e muitos amigos.

Dos seus aposentos, no pavimento superior do Universal, foi levado pela avenida Ivo do Prado, onde vários homens do povo passaram a acompanhá-lo até o trapiche do Lloyd, onde estava atracado o paquete íris.

No trajeto até a Bahia, seguiu sofrendo. No leito, as dores eram insuportáveis. Gaguinho, seu dedicado enfermeiro, confortava-o carinhosamente. Até que ao clarear da quarta-feira, dia 13 de outubro de 1926, às 6 horas e 30 minutos, nas proximidades da praia de Amaralina, na Bahia...

(...) a ave divina que cantara na gaiola de carne, arreventou as algemas de cristal e voou na direção do Paraíso para então prestar a seu Amo e Senhor, o resultado do seu labor extraordinário (...) e a Terra chorou a partida do mais perfeito orador espírita que já apareceu no Brasil.¹⁸

As sínteses biográficas sobre Vianna de Carvalho mencionam que seu corpo foi enterrado em solo baiano, provavelmente em Salvador. Mas, segundo informação de suas sobrinhas Edith – filha de Gontran de Carvalho – e Leilah, seu corpo foi sepultado no mar, após ter recebido honras militares.

4. *Repercussão do desenlace*

Em quase todo o país, repercutiu dolorosamente a notícia de sua desencarnação.

4.1 - Na terra natal

No Ceará, todos os jornais deram ênfase ao fato, até mesmo o periódico católico *O Nordeste*, sucessor do *Cruzeiro do Norte*.

Vejamos trechos de alguns deles:

¹⁸ 18 Conferência proferida por Divaldo Franco no Clube Militar do Rio de Janeiro, em 10/12/1974.

Da Bahia: Vindo no vapor 'iris' do porto de Aracaju para aqui, faleceu na entrada da barra, vítima de beribéri, o Major Vianna de Carvalho que, presentemente, comandava o 28º BC.

O Nordeste, 15 de outubro de 1926.

Encerrou ontem o ciclo de sua luminosa trajetória através do plano terrenal o espírito de elite que entre nós se chamou Manoel Vianna de Carvalho, meu saudoso mestre e amigo, desaparecido ontem às 6 horas da manhã, a bordo do vapor 'iris', de viagem para a Bahia. O brioso oficial do nosso Exército, tendo chegado ao posto de Major, era uma inteligência sadia e fecunda, uma imaginação exuberante, numa incansável atividade (...)

Vianninha gozava de enorme simpatia quer na sua classe, quer na sociedade civil; naquela pelo seu caráter nobre, cavalheiresco e sincero; nesta pela sua cordura, sua fé ardorosa no Evangelho Espírita, de que foi, no Brasil, um dos mais impertérritos propagandistas (...)

Sentindo dolorosamente a separação do meu ilustre amigo e amado mestre, envio a sua prezada família o conforto da minha imensa saudade e da minha eterna gratidão pelos ensinamentos que me proporcionou e pelos benefícios que dele recebi.

Que o Todo-Poderoso, receba-o na sua amorável e misericordiosa proteção, dando-lhe a recompensa do bem que fez à humanidade sofredora e escravizada e dos esforços que envidou para conduzi-la aos pés de Deus.

L Oswaldo de Souza Iº Tenente

Correio do Ceará, 14 de outubro de 1926.

A bordo do "iris" quando viajava de Sergipe para a Bahia, faleceu repentinamente o nosso ilustre amigo Major Dr. Manoel Vianna de Carvalho (...)

O seu tirocínio nas fileiras do Exército (...) foi sempre brilhante, impondo-se pela exata compreensão dos deveres, fiel à disciplina e dedicado à ordem.

Espírito formosamente culto e talento vigoroso, Vianna de Carvalho foi na imprensa nacional uma pena fulgurante e apreciada.

Lido em todos os ramos do conhecimento, mormente os de indagação espiritualista, empolgado pelos ensinamentos da Filosofia Kardeciana, fez-se dela o mais ardoroso dos seus propugnadores, merecendo justamente o título de "Apóstolo do Espiritismo no Brasil".

Sem perscrutar os méritos dessa doutrina, o que não é de nosso intento, Vianna de Carvalho era um convencido inquebrantável, um pregador sem convenções, arrebatado e resoluto – aspecto esplêndido do seu caráter sem mácula, do seu coração generoso, bom e leal.

Lamentando profundamente a sua perda, que não atinge apenas o sentimento extremoso de sua família, mas igualmente ao Ceará, que perde um filho que o honrava, e o Exército, um oficial que dignificava a farda, aqui expressamos a nota de nosso pesar.

Diário do Ceará, 15 de outubro de 1926.

4.2 - Periódicos espíritas

Igualmente, toda a imprensa espírita, tomada de surpresa, registrou com pesar o acontecimento.

Ao entrar a nossa folha no prelo chegou-nos a dolorosa notícia do passamento deste grande pioneiro do espiritismo no Brasil (...)

Inteligência robusta, memória prodigiosa, soube aproveitar todos os dons que possuía, para a glorificação da mais nobre e elevada de todas as causas que não

pode ser outra senão a da divulgação da Imortalidade (...)

Orador fluente e inspirado, arrebatava os auditórios que sempre o cobriam de flores ao terminar ele seus discursos (...) Uma distinta senhora que foi especialmente ao Rio para ouvir Vianna, disse: – a palavra de Vianna de Carvalho é inexcelsa; ele não é um orador, é mais ainda, é um iluminado.’

Além de inúmeros artigos, publicados tanto na grande imprensa, como nos jornais espíritas do nosso País, distinguem-se duas séries, intituladas ‘Questões Espíritas’ e ‘Estudos Filosóficos’, que o nosso querido amigo publicou nesta folha e que, com vagar, se nos for possível, enfeixaremos em livros que irão concorrer para que a luz se faça em muitos espíritos retardatários.

Enfim, moço ainda, o Dr. Vianna de Carvalho passou pela Terra como um meteoro deixando o rastro luminoso de sua sabedoria, de sua boa vontade, do seu amor a Deus e ao próximo; o exemplo vivo dos deveres que a nós espíritas cabe desempenhar, e aos sábios e letrados o grande ensinamento de como se deve aplicar a sabedoria e os dotes de espírito neste mundo para se ser feliz no Além.

Que Jesus, o Mestre querido, a quem o distinto irmão que neste momento prende a nossa atenção dirigia sempre sua fervorosa oração, o abençoe e permita que venha em nosso auxílio, prosseguir o labor que iniciou na Terra, com provas frisantes da ressurreição e de vida.

Aceite o Espírito amigo os nossos testemunhos de admiração e amor, e Deus, o Supremo Senhor, o abençoe.

Jornal *O Clarim* (Matão - SP).

Alma de apóstolo, indômita e boa, inteligente e ilustre, Vianna de Carvalho foi uma encarnação viva do Espiritismo, notável de um a outro extremo do País, porque na peregrinação santa e sublime, que foram os seus dias na Terra, jamais se cansou de levar por toda parte, com o fogo do seu verbo e as luzes da sua fé, os puros ensinamentos da Nova Revelação (...)

Não era só o pregador inspirado a descerrar os olhos aos transviados no erro para as verdades evangélico-racionais; ele podia ser tomado, também, como exemplo de moral superior que apregoava, e assim foi que pelo provi-



Vianna de Carvalho em um de seus últimos retratos
(cortesia de Antonio Lucena).

dcncial conjunto das suas virtudes incontestes e da sua palavra sugestiva, a sua permanência em cada vila era um despertar coletivo de crença, era o batismo de fogo para uma multidão que se vinha lavar da ignorância, das superstições e dos erros no banho lustral das verdades espíritas (...)

Jornal *A Luz* (Maceió-AL).

A notícia se nos deparou lacônica num recanto de jornal, assim redigida: ‘Em viagem para esta capital, a bordo do ‘Sírío,’¹⁹ faleceu o Major Manoel Vianna de Carvalho, do Corpo de Engenheiros do Exército’.

Para logo, diante de nós, rutila e vigorosa, surgiu a silhueta do moço que, pela primeira vez, víramos e ouvíramos há bem uma vintena de anos, na Federação.

Era, por sinal, uma festa comemorativa do Natal de Jesus e ele, o orador oficial, arrebatou o auditório em surtos de elo- quência, que até então não suspeitáramos existisse num orador espírita.

Terminada a sessão, viemos a sabê-lo: tivéramos a dita de ouvir o Tenente Vianna de Carvalho - o Vianninha - como o tratava a confraria, na intimidade.

Dias depois, vendo reproduzida no *Reformador*, mais ou menos na íntegra, a magnífica peça oratória²⁰ que tanto nos impressionara, coligimos houvesse ela sido adrede decorada. Assim sendo, não o orador, mas o literato é que se fizera merecedor da nossa admirativa homenagem.

Não tardou, porém, que nos tirassem do engano: o Vianninha improvisava; mas, como a esse predicado aliava o de uma preciosa memória, escrevia depois os seus poemas verbais.

Daí em diante, acompanhamos sempre, ora de perto, ora de longe, a carreira do valoroso e valioso propagandista, incontestavelmente um dos que mais têm feito, neste País, em prol da difusão da Doutrina Espírita, pela tribuna e pela imprensa.

Polemista vigoroso, crente indefesso, dispondo de vasta e sólida cultura científica, o Vianninha teve, um pouco por toda parte, de engajar memoráveis prélios com o clericalismo patranha, que acabava sempre por ceder-lhe a melhor parte da arena, porque verdade é que, passada a borrasca, sempre ficava a semente (...)

Como bandeirante da idéia, como desbravador de searas, é força convir, porém, que a sua obra doutrinária não tem paralelo no Brasil, ninguém fez mais nem fez melhor.

E é nesse caráter que daqui o felicitamos pelo seu ascenso a planos mais altanados, dos quais, com a demonstração da lucidez do seu Espírito, melhor poderá servir à glória de Deus pelo amor do seu próximo.

Revista *Reformador* (Rio de Janeiro).

Vianna de Carvalho, o nosso inolvidável companheiro de lutas na seara do Espiritismo, faleceu.

Sua passagem para o Além causou-nos uma profunda saudade, que não se traduz pela palavra falada ou escrita.

Poderíamos transcrever para aqui o que se tem falado a seu respeito, endossando estas expansões. Eis o artigo do nosso confrade Amathur Machado, sobre Vianna de Carvalho.

¹⁹ **19** O articulista equivocou-se, o nome do vapor era íris e não, Sírío.

²⁰ **20** Veja esta alocução no capítulo XIV.

“Só quem não teve a felicidade de conhecer pessoalmente Vianna de Carvalho é que não poderá avaliar o sulco profundo deixado no meio espírita, pelo desencarne deste grande propagandista.

“Vianna é um espírito de escol, com as convicções firmadas na mais sã razão.

"Em todos os lugares e em todas as ocasiões, fazia-se sentir como unificador, organizador e disciplinador e a sua palavra abalizada, saturada dos ensinamentos mais elevados, era escutada, a serviço da grande causa, desde o mais obscuro e pequeno núcleo espírita das brenhas sertanejas, até as mais lúcidas e organizadas associações das grandes cidades. Vianna sempre foi querido, respeitado e escutado em todos os meios. O incansável trabalhador era o companheiro para todas as ocasiões e lutas em prol da regeneração humana (...)

"Se é que a saudade faz reviver em nossos espíritos os atos do passado e a amizade sincera, creia, Vianna, que nesta pálida homenagem tenho por fito recordar as ocasiões que meu espírito teve ensejo de beber conhecimentos e preparar-se para um futuro que pudesse corroborar nessa grande obra a que tanto te dedicaste.

"Sejam os meus pensamentos o contato com a tua benevolência, perdoando-me, se porventura, nesta ânsia de falar de ti, macula-se a tua modéstia.

"Recebe pela sinceridade máxima de meu afeto fraternal o desejo do Progresso e da Paz”

Revista *Verdade e Luz* (São Paulo – SP).

O passamento inesperado do Dr. Vianna de Carvalho causou grande consternação em todo o País, onde fizera ouvir a sua palavra vibrante, ilustrada por sólida cultura literária e científica. Podemos dizer que Vianna de Carvalho era o espírito mais culto da nossa época nos meios brasileiros, onde se tornou o impertérrito disseminador das verdades cristãs durante porfiados anos de atividade febricitante.

Espírita, na acepção da palavra, dedicava todo o tempo que lhe restava de sua profissão, engenheiro militar, à divulgação da Doutrina, pela palavra e pela pena, que sabia manejar com rara maestria (...)

Foi um missionário (...) exemplo vivo a todos os espíritas que quiserem se compenetrar dos deveres que lhes estão confiados, para viverem gloriosamente trabalhando pelo grande ideal que nos eleva e espiritualiza, aproximando-nos, portanto, da verdadeira felicidade.

Várias associações espíritas do País celebraram sessões especiais em homenagem a Vianna de Carvalho. Dentre estas notamos: Abrigo Tereza de Jesus, União Espírita Trabalhadores de Jesus, União Espírita Suburbana, Centro Espírita Amantes da Pobreza (...)

Revista Internacional de Espiritismo (Matão – SP).

Nesta mesma edição da RIE, **15** de novembro de **1926**, foi transcrita uma nota da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, na qual o articulista faz menção a uma comovedora conferência proferida por Vianna, dezesseis anos antes, na Associação dos Empregados do Comércio, em sessão comemorativa promovida pela Federação Espírita Brasileira, sobre a desencarnação de Allan Kardec.

O trecho compilado pela RIE é de rara beleza, deixando transparecer o sentimento que o orador nutria pelo Codificador, a quem chama de mestre.

Encerramos este tópico, com o trecho final da referida alocução. Observemos que as palavras de Vianna, concernentes ao retorno de Kardec ao plano espiritual, ajustam-se perfeitamente a ele próprio, porquanto, exercendo fielmente sua missão discipular, foi também um mestre.

Invocação

Mestre! cerrou-se afinal o ciclo de tão necessárias pro- vanças ao teu ideal de amor nesse ascender doloroso ao cimo das sagrações decisivas. Não foi de balde o holocausto que dedicaste o triunfo do Evangelho imortal, a cujo abrigo se acolhem tantos naufragos batidos pela procela infrene das contingências terrenas.

Os raios dessa alvorada que nos trouxeste outrora nas asas brancas da Paz já bóiam sobre o abismo hiante, torvo, das nossas paixões cruéis. Ao toque dos teus ensinamentos, muda-se o cardo em lírio, as feras em rouxinóis, as dores porejam luz. Por toda a parte se escutam os hinos de redenção, as almas sobem, cantando os alcantis do progresso, com olhos fitos na altura, buscando Jesus nos Céus.

E a tua Doutrina, Mestre, como um Jordão de esperança, ampara, guia, ilumina os corações que a virtude arranca às trevas da dor, para depô-los, felizes, nessas paragens benditas no próprio seio de Deus.

5. *Do mundo espiritual*

Desencarnado, continuou com o dinamismo que lhe era peculiar no mundo maior. Prosseguiu inspirando oradores, escritores e lutando pela unificação do movimento espírita. Há referências de sua presença junto à Caravana da Fraternidade., capitaneada pelo inesquecível Leopoldo Machado, e na gênese da Cruzada dos Militares Espíritas, a qual, aliás, foi criada em 10 de dezembro de 1944, exatamente setenta anos após o seu nascimento,.

Através de Chico Xavier, enviou as mensagens “Espera”, constante na obra *Falando à Terra* (Ed. FEB); “Ante o Príncipe da Paz”, encerrada no livro *Comandos do amor* (Ed. IDE); e duas estrofes no livro *Praça da amizade* (Ed. Cultura Espírita União).

Pela mediunidade de Divaldo Franco, com o qual mantém contato mais freqüente, vem, desde os anos 50, enviando inúmeros artigos, muitos publicados no *Reformador* e em livros de autores espirituais diversos.

Posteriormente, alguns desses escritos, além de outros, foram enfeixados em quatro livros, que vieram a lume a partir dos anos 60, em publicações da Livraria Espírita Alvorada Editora. São eles: *A luz do espiritismo* (1968), *Enfoques espíritas* (1980), *Médiuns e mediunidades* (1990)²¹ e *Reflexões espíritas* (1992).

6. *Instituições e sociedades*

Após seu trespasse muitas homenagens lhe foram prestadas pelo Brasil afora, como demonstração do apreço, do carinho e do reconhecimento da família espírita, pela imensa folha de serviços por ele prestados.

Em todo o país surgiram inúmeras instituições com o seu nome. Em Fortaleza, além de uma loja maçônica (já mencionada no capítulo VI), foi inaugurada a rua Major Vianna de Carvalho²², na gestão do prefeito José Walter. E, por iniciativa de Manoel Felix de Moura Amazonas, surgiu, ainda no final da década de vinte, o Grupo Espírita Vianna de Carvalho.

Nas pesquisas realizadas, com a ajuda inestimável do confrade Eduardo Carvalho Monteiro, anotamos centros espíritas fundados nos anos vinte e trinta, em

²¹ 21 Esta primeira edição de 1990 foi feita pela Editora Arte e Cultura.

²² 22 Hoje rua Vianna de Carvalho.

Alagoas, Sergipe e Maranhão.²³

Obtivemos ainda registro de duas escolas com seu nome, organizadas no Rio de Janeiro e no Maranhão.²⁴

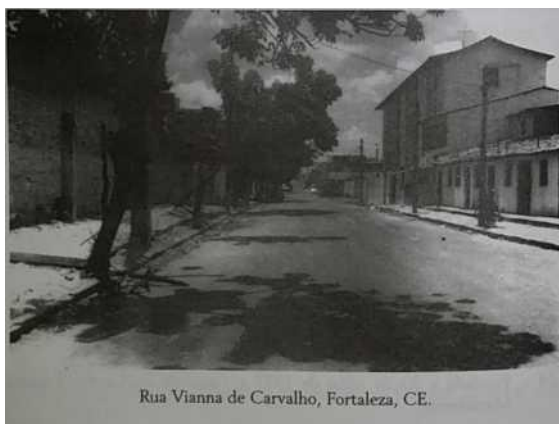
Em São Paulo, funcionou o Grêmio Vianna de Carvalho. E, fato curioso, esta sociedade beneficente foi criada quando ele ainda estava encarnado, provavelmente depois de sua marcante passagem pelo estado, em **1919**. Sobre este grêmio, O *Clarim*, de **29** de maio de **1920**, comentou:

Numerosas senhoritas desta Capital congregaram-se no Grêmio Beneficente Vianna de Carvalho, com o fim exclusivo de realizar festas beneficentes em favor das instituições de amparo aos pobres.

No dia **21** de maio o referido Grêmio levou a efeito uma reunião em benefício do Instituto Anália Franco e do Albergue Noturno criado pelo Centro Espírita Antônio de Pádua, da cidade de Imbituba.



Sala de aula da Escola Vianna de Carvalho, do Centro Espírita Maranhense, em 1928. Foto da *Revista Internacional de Espiritismo*, de 15 de julho de 1928.



Rua Vianna de Carvalho, Fortaleza, CE.

²³ **23** No Maranhão, o centro tinha sua sede na rua Joaquim Távora nº **2**-A, São Luís.

²⁴ Fundada a **30** de julho de **1927** e vinculada ao.. Centro Espírita Maranhense

CAPITULO XII ENTREVISTA COM RENATO DE CARVALHO

1. *Uma grande surpresa*

Em fevereiro de 1995, descobrimos na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, de Fortaleza, uma série de artigos escritos por Vianna de Carvalho, entre 1910 e 1911, nos jornais *Unitário* e *A República*. Após atualização ortográfica, os artigos foram enfeixados no livro *Palavras de Vianna de Carvalho*, publicado pela Federação Espírita do Estado do Ceará. Desde então, passamos a dedicar boa parte do nosso tempo à realização de pesquisas sobre a vida do tribuno conterrâneo.

Tentamos, num primeiro momento, encontrar antigos líderes do movimento espírita local que pudessem tê-lo conhecido. O trabalho infelizmente foi infrutífero, visto que Vianna de Carvalho havia desencarnado em 1926.

O segundo passo consistiu na identificação de seus familiares e prováveis descendentes. Soubemos de uma visita, feita no ano de 1977, pelo confrade e amigo Ary Bezerra Leite, a um irmão de Vianna. Oportunamente, o professor Ary falou-nos dessa visita que fez na companhia do saudoso confrade, o coronel Edynardo Weyne, ao sr. Renato de Carvalho, um caudado aposentado, irmão caçula de Vianna.

Decorridos quase vinte anos dessa visita, imaginando já haver o sr. Renato desencarnado, pois, em fotografia mostrada por Ary Leite, ele aparentava idade avançada, continuamos à procura de outros familiares.

Descobrimos o telefone do sr. Leonardo de Carvalho, sobrinho de Vianna. Coincidentemente o sr. Leonardo, hoje um amigo querido, conhecia meu pai dos tempos de juventude, e ao falarmos da pesquisa sobre seu tio, perguntou, para nossa surpresa, se não gostaríamos de conhecer o sr. Renato de Carvalho, o último remanescente dos filhos do professor Thomaz Antônio de Carvalho.

2. *Renato de Carvalho*

Sem perda de tempo, fomos visitá-lo, no mês de julho de 1995, em sua residência, na rua Pierre Luz, bairro Jardim Guanabara, onde vivia tranqüilo ao lado de d. Sulamita, a segunda esposa.

Trinta anos mais novo que Vianna de Carvalho, era possuidor, no auge dos noventa e um anos de idade, de prodigiosa memória.



Renato de Carvalho. Fotografia tirada por ocasião da nossa primeira visita em julho de 1995.

Por ocasião de uma segunda visita, no mês de novembro do mesmo ano, quando lhe ofertamos um exemplar do *Palavras de Vianna de Carvalho*, gravamos uma entrevista, na qual ele nos revelou aspectos inéditos e curiosos da vida do irmão.

3. A entrevista

Evitamos fazer muitas indagações, pois percebemos que o senhor Renato ficava mais à vontade falando espontaneamente. Desta forma, o simpático velhinho, pouco a pouco, ia trazendo dos escaninhos da memória preciosas informações sobre Manu, as quais sintetizamos a seguir.

3.1 – Vianna e a família

Renato de Carvalho. – Eu estive pouco com o Manu, pois ele passou muito tempo fora por causa do exército (...) mas ele era muito querido, muito! (...) o papai sentiu bastante a morte dele (...) o papai não era espírita, mas respeitava e admirava o espiritismo por causa dele.”

3.2 – No 23° BC

Renato de Carvalho. – Manu tinha o curso das três armas (...) Quando ele veio a Fortaleza (1923) eu era soldado. No quartel, havia um soldado da guarda que, todas as vezes que ele passava, apresentava arma muito nervoso. Manu percebeu o seu nervosismo e, quando passou outra vez, tocou no ombro dele e disse. – Como vai, menino? (...) Aí ele ficou mais calmo.

3.3 – Uma caminhada inesquecível

Renato de Carvalho. – Eu me recordo dele voltando a pé comigo do 23° BC ²⁵– Nós morávamos na 24 de Maio, era bem perto (...) ele queria que eu fosse ao seu lado (...) mas eu não ia, em sinal de respeito, porque, afinal de contas, eu era somente um soldado, e ele um oficial (...) aí ele andava na frente e eu, a alguns metros atrás.

25

À época, o 23° BC ficava onde hoje se encontra a 1ª Região Militar.

3.4 – Um namoro proibido

Renato de Carvalho: – Certa vez ele se apaixonou por uma moça de nome Bianca. Mas, ela era sobrinha de um conhecido padre de Fortaleza, que proibiu o namoro (...) ele não aceitou o namoro porque Manu era espírita.

3.5 – Detalhes físicos

Renato de Carvalho: – Ele era um pouco menor do que eu²⁵(...) e penteava o cabelo puxando de trás para frente por causa da calvície.

3.6 – Um caso curioso

Renato de Carvalho: – O Martinz de Aguiar²⁶, que era professor do Liceu, me contou um caso que presenciou. Num dia, um grupo de rapazes foi ao local onde o Manu iria fazer uma conferência, com a intenção de tumultuar a reunião. Quando os jovens entraram e se sentaram na parte de trás do salão, sem que ninguém soubesse da intenção deles, o Manu, antes da sessão iniciar, dirigiu-se até eles e os advertiu, dizendo que assistissem à conferência em silêncio (...) Eles ficaram perplexos e encabulados e não fizeram nada (...) O Martinz me disse que ele foi o maior tribuno que já ouviu.

3.7 – Proteção espiritual

Renato de Carvalho: – Um dia ele estava fazendo uma conferência na Loja Liberdade. Em um dado momento, inesperadamente, ele parou, baixou a cabeça e aguardou. O candelabro de gás despencou lá de cima, vindo direto na sua cabeça (...) ele pressentiu. Porém, antes que batesse nele, faltava muito pouco, uma força invisível tirou o candelabro de sua trajetória vertical, jogando-o para um canto. Depois, ele levantou a cabeça e continuou naturalmente a conferência, como se nada tivesse acontecido.

3.8 – O último encontro

Renato de Carvalho: – A última vez que o vi foi na casa onde ele morava em Recife. Eu ia para o Rio e sentei praça com destino à Escola Militar (...) porém não encontrei vaga. Passando por Recife eu fui visitá-lo (...) Ele estava sem camisa, tocando violão (...) aí, de frente para ele, perguntei: – O que é isto? Afinal de contas, e o violino? Ele sorriu, como quem diz: É coisa do passado! (...) Ele me disse que iria ser promovido a Tenente-Coronel e pensava em se reformar (...) pretendia fazer uma viagem à Europa para tomar aulas de violão com um espanhol, considerado o maior violonista do mundo, na época (...) Mas, bom mesmo o Manu era no violino! Decorridos sete meses desta entrevista, o sr. Renato de Carvalho faleceu, aos noventa e dois anos, em consequência de complicações respiratórias, no dia **12** de junho de **1996**.

²⁵ **26** O sr. Renato tinha, aproximadamente, 1,65m de altura. Vianna era, portanto, de pequena estatura, o que justifica a carinhosa forma como os confrades o chamavam: Vianninha.

²⁶ **27** Antônio Martinz de Aguiar (**1893 – 1974**), professor de português e francês do Liceu e do Colégio Militar do Ceará, considerado o maior filólogo cearense.

CAPÍTULO XIII O BINÔMINO VIANNA/DIVALDO

1. *Uma simbiose perfeita*

Parece não haver dúvidas de que Manoel Vianna de Carvalho e Divaldo Pereira Franco são as expressões máximas da oratória espírita no Brasil.

Num trabalho de parceria, vêm os dois embaixadores das vozes atuando juntos ao longo deste século. Até os anos **40**, quando Divaldo iniciava suas atividades no campo da oratória, Vianna era considerado o maior tribuno nacional. Desse tempo em diante, destacou-se o trabalho do pregador baiano, cujos resultados, na atualidade, dispensam comentários.

Os dois missionários, numa simbiose perfeita, vêm agindo num revezamento de posições. Encarnado, Vianna foi auxiliado por espíritos afins, estando entre eles Divaldo. Posteriormente, desencarnado o Tribuno de Icó, as posições inverteram-se, tomando-se Vianna um dos espíritos que mais assistem o tribuno de Feira de Santana em sua oratória fenomênica.

2. *Curiosas coincidências*

Analisando a vida dos dois, deparamos com algumas curiosas coincidências biográficas. Por exemplo, Vianna de Carvalho desencarnou na Bahia, em **1926**, enquanto Divaldo Franco reencarnou em Feira de Santana (BA), no ano seguinte.

A última conferência proferida por Vianna aconteceu em Aracaju (SE), quando ele comandava o **28°** BC e adoeceu gravemente; Divaldo iniciou sua missão como tribuno, realizando uma palestra na mesma cidade, no ano de **1947**.

No Rio de Janeiro, Vianna foi um dos primeiros espíritas a levantar a voz e a escrever na defesa da criação das escolas de moral cristã para evangelização de crianças. Hoje, o cerne da obra assistencial de Divaldo, através da Mansão do Caminho, está voltada, quase integralmente, à infância.

Vianna foi também assíduo colaborador da Federação Espírita Brasileira, sendo elevado à condição de orador oficial da instituição, garantindo sempre enorme freqüência de público em suas preleções. Divaldo, em diversas ocasiões, tem representado oficialmente a FEB, inclusive no exterior.

3. *Entrevista com Divaldo Franco*

Por ocasião de sua vinda a Fortaleza para a realização de um seminário, entre os dias **1** e **2** de agosto de **1998**, Divaldo Franco recebeu um questionário que elaboramos. Na mesma semana, devolveu-nos as perguntas devidamente respondidas, revelando algumas curiosidades do amigo espiritual.

Transcrevemos a seguir, na íntegra, a entrevista:

1) Como e quando se deu seu primeiro contato espiritual com Vianna de Carvalho?

Divaldo Franco: *Nó ano de **1947**. Após haver proferido a primeira palestra espírita, na cidade de Aracaju, no dia **27** de março, estava em Salvador, meditando em nossa casa (Centro Espírita Caminho da Redenção), quando me apareceu um espírito nobre, informando-me que houvera trabalhado intensamente pela divulgação do espiritismo no Brasil, e que se chamava Manoel Vianna de Carvalho.*

Esclareceu-me que, durante a sua jornada terrestre, enquanto eu me encontrava fora do corpo, tive oportunidade de acompanhá-lo, participando do grupo de amigos desencarnados que participavam das suas realizações espirituais.

Agora ele iria manter um estreito convívio psíquico (mediúnico) comigo, auxiliando-me nas palestras espíritas que eu deveria proferir.

Desde então, tem-me auxiliado como verdadeiro benfeitor.

2) Que avaliação você faria do trabalho de Vianna, quando encarnado?

Divaldo Franco: *De relevante significado para o espiritismo, porquanto eu tive ocasião de encontrar, no vale do Paraíba, pessoas que ouviram algumas de suas magistrais conferências e que se tomaram espíritas a partir de então. Ademais, viajando muito, encontrei-lhe as pegadas luminosas em diferentes cidades que foram beneficiadas pelo seu verbo, dando início a instituições que até hoje mantêm a flama do ideal espírita conforme Allan Kardec no-lo legou.*

3) Caso nos seja possível revelar, você dispõe de informações sobre alguma reencarnação anterior de Vianna?

Divaldo Franco: *Segundo suas próprias palavras, ele esteve presente na Revolução Francesa de 1789, como orador inflamado, laborando em favor dos direitos do povo oprimido pelos poderosos da época.*

4) E o Vianna espírito, qual tem sido seu trabalho no plano espiritual?

Divaldo Franco: *Além de inspirar as criaturas encarnadas, particularmente aquelas que se vinculam ao espiritismo, participa de uma equipe de espíritos orientadores que preparam expositores da doutrina para o futuro na Terra, além de dedicar-se ao socorro a entidades infelizes em regiões de dor e de sombra.*

5) Fale-nos um pouco do trabalho de Vianna como maçom.

Divaldo Franco: *Os espíritos nobres têm muito pudor, quando entretecem considerações em tomo de si mesmos, das suas atividades. Desse modo, as informações que possuo, em tomo do assunto, são poucas.*

Convidado a proferir uma conferência na cidade de Franca, na loja maçônica que celebrava o seu centenário, ele apareceu-me e encarrregou-se da tarefa, inspirando-me, palavra por palavra, em um tema que denominou como a iniciação dos essênios, que foi posteriormente publicada. Segundo me disse o grão-mestre, sr. Américo Palermo, era a primeira vez na história da maçonaria que uma solenidade daquela tinha lugar para ouvir um orador não pertencente à ordem...

6) E verdade que algumas vezes em que Vianna lhe aparece apresenta-se tocando violino?

Divaldo Franco: *Realmente, tenho-o visto e ouvido, tocando violino. A primeira vez aconteceu na sede da Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, no ano de 1956, antes de uma conferência sobre evolução. Ele apareceu e tocou maviosamente uma bela música intitulada Reverie.*

7) Vianna chegou a lhe contar como foram os seus primeiros instantes no plano espiritual após a desencarnação?

Divaldo Franco: *Ele me informou que despertou suavemente, atendido pelo dr. Bezerra de Menezes, que lhe deu a notícia, menos de trinta horas após. Como já vinha enfermo, sentindo-se debilitado, não teve dúvida em reconhecer a libertação, exultando com a mesma após um breve período de profundas reflexões e de análise a respeito da existência terrena.*

8) Como Divaldo Franco definiria seu amigo Vianna de Carvalho?

Divaldo Franco: *Eu o tenho como verdadeiro benfeitor espiritual, paciente e sábio, com quem venho aprendendo comportamento e lições preciosas, que me*

constituem bússola, apontando-me o rumo de segurança para a jornada.



O autor e Divaldo Franco em foto recente.

CAPÍTULO XIV PÁGINAS DE VIANNA DE CARVALHO

Este capítulo é um suplemento literário, através do qual o leitor poderá conhecer um pouco do talento de escritor do nosso biografado.

Na seqüência, além de peças genuinamente literárias, publicadas em revistas de Fortaleza e no livro *Facetas*, constam algumas de suas polêmicas travadas no Ceará e uma alocução espírita, que nos permitirá ter uma idéia do estilo de oratória do Tribuno de Icó.

1. Polêmicas

1.1- Jesus Cristo e o Papa

Sob o título pomposo, mas não justificado de “Pulverizando”,²⁷ surgiu novamente pelo *Cruzeiro do Norte* o escritor que se oculta com o pseudônimo de Lux, investindo mais uma vez contra mim e contra o espiritismo.

Lux abre o seu longo artigo dizendo que voltei ao campo da discussão armado de algumas invectivas próprias aos sectários das idéias subversivas e contrárias à igreja de Jesus Cristo.

Não cita, porém, essas invectivas o que faz duvidar de sua existência e me obriga a chamar a atenção do público para o meu modesto e desprezioso trabalho inserto no *A República* de 20 do mês passado.

Admitindo mesmo que eu houvesse, no calor da refrega, expendido algum juízo menos aveludado, toda a gente poderia censurar-me, menos o citado colaborador do *Cruzeiro*.

Pois, ao órgão católico cabe a prioridade na adoção dos “velhos processos da rotina ameaçadora e vilipendiosa” visto como, por intermédio de João da Roça e em nome da religião que defende, atirou sobre mim quanto lhe sugeriu a sua odiosidade exacerbada ante o êxito insofismável da propaganda espírita no meio cearense.

A censura de Lux devia começar pelo *Cruzeiro do Norte*, representante do catolicismo e, como tal, obrigado a manter uma linha serena de cordura, magnanimidade, tolerância, paciência... que são princípios básicos dos evangelhos de Jesus Cristo.

Se não o fez, desmentiu categoricamente o pensamento do excelso Mestre da Palestina. Dá-nos o direito de contestar que o catolicismo represente de fato a viva encarnação das lições messiânicas.

A nossa época quer exemplos, não palavras. De nada serve propalar aos quatro ventos que a igreja romana se assenta em rochedo inabalável e desafia os séculos por se firmar no Novo Testamento. O essencial seria o cumprimento em ato dos ensinamentos de Jesus. Isto sim, dar-lhe-ia forças para vencer todas as resistências. Mas é precisamente o que ela está muito longe de realizar.

²⁷ 28 Nome da coluna de Lux no *Cruzeiro do Norte*, destinada a combater

Este escopo pertence ao espiritismo, interpretação científica e racional dos evangelhos entendidos e explicados segundo o espírito, mas não segundo a letra que mata na frase de Paulo, o Apóstolo dos Gentios.

Eu poderia aduzir aqui a série interminável de argumentos, provando a discordância flagrante entre Jesus e os ensinamentos humanos da igreja sustentada pelo ouro do Vaticano.

Não o faço, por enquanto, a fim de mostrar a Lux a benevolência característica de uma ‘seita* que ele considera um veneno letal para as nossas consciências.

Dou a palavra ao grande escritor Delilez, a quem pertence a organização do seguinte quadro comparativo:

JESUS CRISTO E O PAPA

Jesus Cristo, o homem de dor, traz uma coroa de espinhos a gotejar sangue.

O papa goza todas as delícias e traz uma tríplice coroa real, estrelada de pedrarias.

Jesus Cristo nasceu pobre e pobre viveu e morreu. Não tinha onde repousar a cabeça.

O papa possui terras, casas, palácios. É riquíssimo. Habita um palácio que contém onze mil câmaras, o mais vasto do mundo.

Só do Céu se ocupava Jesus.

O papa se ocupa somente de política e tem embaixadores junto de todas as potências.

Jesus veio servir e dar a vida pela redenção da humanidade.

Os papas se fazem servir e têm ocasionado a morte de milhões de homens que não pensavam como eles.

Jesus queria que seus discípulos fossem servos de todos.

Dos seus o papa faz príncipes.

Jesus andava a pé por toda a Galiléia, pregando.

O papa não se move de um lugar senão carregado por quatro homens.

Jesus lavava os pés de seus discípulos.

O papa dá o seu a beijar, salvo uma vez por ano em que ele finge imitar o Mestre.

Jesus era manso e humilde de coração.

O papa tem sido sempre intolerante e dominador.

Jesus alimentava as multidões.

O papa se circunda de riquezas e de cofres atulhados de adereços e pedrarias, enquanto o povo da Itália morre de fome...

(*A República* - 3 de janeiro de 1911.)

1.2 — Exemplos e não palavras

Em sua última arremetida às sublimes e consoladoras verdades espíritas, Lux vem repisando os mesmos temas anteriores, moendo ao realejo de sua dialética medieval as árias sádicas, mil vezes entoadas, sem sucesso, pelos defensores do catolicismo.

E sempre o fastidioso estribilho declamando em fácil retórica que o Espiritismo é falso por contrário à fé, falso porque nega as penas eternas, a infalibilidade do papa, os dogmas inventados nos diversos concílios e cujo resultado mais direto foi a mutilação dos evangelhos.

Ora, todos esses chavões estafados e bolorentos servem, quando muito, para sustar a inquirição sobre assuntos religiosos no ânimo dos sectários impenitentes de certos credos antagônicos com o desenvolvimento das ciências.

Para os espíritos lúcidos e livres de superstições, abrem margem à tentativa de estudo. Eles querem verificar a consistência das acusações emitidas rancorosamente sobre uma doutrina que, como o Espiritismo, só aspira tomar os homens perfeitos pela prática quotidiana da caridade, do amor ao próximo, da justiça e da benevolência desdobrada em suas mais luminosas manifestações.

Querem apreciar o alcance de suas teorias apoiadas na observação de fatos irreduzíveis no ensinamento científico de nossa época e nas injunções de uma lógica cerrada que mostra ao entendimento as límpidas perspectivas aguardando a nossa alma após o fragor da vida sobre o planeta.

Destarte, a oposição sistemática de Lux vem francamente ativar a propaganda espírita no meio cearense.

Quanto mais S. Sa. bradar que a filosofia kardecista é um veneno letal, um perigo ameaçador à tranqüilidade do lar... mais desperta a curiosidade dos indiferentes, propele os homens de boa vontade a uma verificação pessoal dessas asserções edificadas com a argamassa da intolerância para servir os interesses de uma seita cujo alvo supremo é a dominação exclusiva das consciências.

Assim, por exemplo, S.S.^a diz que o Espiritismo é aceito apenas por uma meia dúzia de sectários, visando dessa maneira diminuir-lhe a importância.

Quem não for um imbecil, antes de crer em tal afirmativa, compulsará as estatísticas, verificando o elevado crescimento da cifra dos espíritas espalhados por todas as nacionalidades.

S. Sa. pretende que o espiritismo só é bafejado por almas desequilibradas, incertas, vacilantes.

O estudioso, apreciando de perto a história da doutrina, observa que dela se vêm ocupando as mais poderosas intelectualidades do Velho como do Novo Mundo, os sábios mais eminentes do nosso tempo, os pensadores de máxima nomeada nos anais das investigações científicas da atualidade.

Entre outros podemos, de passagem, citar os professores Morgan, W. Gregory, R. Chambers, I. Robertson, Oliver Lodge, W. Barret, Chalis, Wallace, F. Myers, Fichte, Hellenbach, Zölner, Karl du Prel, Esland, Tameboem, Aksakoff, Bodisco, Schiaparelh, Gibier, Cel. de Rochas, Boutlerow, Minot Savage, Richet, Flammarion, Donald Mac-Nab, C. Varley, Campbell, dr. Finzi, Gerosa, Underwood, S. Moses, G. Massey, C. Wittig, Livermore, M. Keulemans, W. Brown, Marryat, J. Farmer, Dawson Rogers etc. etc.

S. Sa. acrescenta insidiosamente que o Espiritismo apaga a emulação para o bem, para o trabalho honrado e a virtude.

Aos olhos dos observadores conscienciosos tais conceitos são desmentidos a cada momento pela lógica esmagadora dos fatos, porque os espíritas desempenham funções sociais bem definidas, cooperando como magistrados, negociantes, militares, industriais... na obra ingente do progresso coletivo. Não vendem missas, sacramentos, registros, bentinhos, amuletos de qualquer natureza; não engodam por esta forma a ingenuidade popular, a fim de melhor locupletar-se de fartas quantias destinadas a grandezas mundanas que Jesus nunca cessou de profligar veementemente nas suas alegorias e parábolas, tocadas de cunho excelso de sua incomparável genialidade.

(4 República - 14 de janeiro de 1911.)

1.3- Confissão e missa

Deixo de lado a lengalenga ultrafastidiosa com que Lux costuma recheiar as suas tiradas mal-aventuradas, funambulescamente exibidas em apoio dos dogmas católicos. Não estou travando discussão com o signatário do flácido e pretensioso “Pulverizando”, cujos argumentos quase sempre rastejam pela vacuidade inerente ao teologismo retumbante mas desprovido de razões à altura da ciência moderna. De tal me inibe a sua rubra intolerância a verter fel e maldades em explosões de religioso histerismo e sobretudo a sua condição de escritor acobertado pelo anonimato, que lhe permite ferir na sombra sem se expor aos golpes de um adversário provocado pelas verri- nas do *Cruzeiro do Norte*. No montão de inverdades atiradas sobre o Espiritismo escolho um ou outro ponto apropriado ao esclarecimento das inteligências obumbradas ao peso de imposições tiranas do romanismo que considero nefasto à marcha do progresso humano. Analiso-os à luz da lógica e dos fatos, com o desassombro de quem não teme a odiosidade dos turiferários de seitas retrógradadas, que se abroquelam em erros seculares a fim de subjugarem sacrilegamente a consciência alheia.

Pergunta Lux por que julguei-me no direito de anunciar conferências anticlericais. Respondo: com o mesmo direito de que usou o órgão católico, permitindo a João da Roça insul- 184

tar-me pelas suas colunas, quando em minhas palestras espíritas nenhuma alusão fora ainda feita às crenças de S. Sa.; com o mesmo direito de que usam os frades do Coração de Jesus atacando vilipendiosamente do púlpito, onde devia reinar a tolerância e a mansidão de Jesus, às idéias de Allan Kardec, aceitas por inumeráveis criaturas virtuosas e por isto dignas de todo acatamento. Ou Lux supõe grosseiramente que é lícito aos representantes da igreja católica cobrirem de maldições, injúrias, impropérios a quantos se afastam do seu obscuríssimo processo de entender a religiosidade, enquanto para os outros é crime a exposição e defesa de suas opiniões?

Onde está a liberdade de pensamento e de culto assegurada pela Constituição da República? Acreditará Lux que ainda nos achamos nos ominosos tempos do papa Inocêncio III, quando as fogueiras da “Santa Inquisição” devoravam por centenas de milhares as vítimas da negregada intolerância de que S. Sa. parece ser um tão fervoroso adepto?

Afirma Lux que sou acérrimo inimigo da religião de Jesus Cristo. Vou provar com os evangelhos que se há algum credo em absoluta oposição ao pensamento de Jesus é o catolicismo.

Tomemos alguns exemplos.

Desafio a todos os teólogos do mundo que me apontem no Novo Testamento alguma passagem na qual se ache claramente expresso que Jesus houvesse confessado a quem quer que seja.

A confissão só se tomou obrigatória em 1215 num dos concílios de Latrão.

Anteriormente fora condenada por são Crisóstomo, são Hilário, são Agostinho e são Jerônimo. Não sendo posta em prática pelo Divino Mestre, aparecendo como criação humana mil duzentos e quinze anos depois de sua volta à bem-aventurança celestial, está longe de oferecer o cunho de sua doutrina. A igreja, castigando ou

perdoando aos confessores, faz previamente um julgamento às faltas cometidas. Logo,

contradiz as seguintes palavras de Jesus: – Não queirais julgar, para que não sejais julgados. Pois com o juízo com que julgardes sereis julgados e com a medida com que medirdes vos medirão também a vós.

Em que ponto do Evangelho está declarado ter Jesus dito alguma missa?

Esta instituição foi organizada no terceiro concílio de Latrão e só no de Constança, em **1415**, a igreja romana resolveu monopolizar a comunhão do cálice para o seu clero. A igreja, realizando missas a preço estipulado, não imita Jesus, que jamais cobrou dinheiro pelas suas curas prodigiosas nem pelos inúmeros benefícios prodigalizados às turbas da Palestina. Além disto, se o fizesse, mesmo sob o pretexto de congregar apenas os fiéis para a oração, ainda assim desobedeceria ao preceito contido nos termos da passagem evangélica: – Quando quiseres orar, entra em teu aposento e fechada a porta, ora a teu Pai em secreto; e teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga.

Jesus disse a seus apóstolos: – Ide e pregai; não possuais ouro nem prata, nem dinheiro em vossa cinta, nem alforje, nem sapato, nem bordão.

Ao contrário disto os representantes do romanismo cobrem-se de adornos deslumbrantes, fazem festas pomposas onde a vaidade, o luxo e a ostentação se associam por forma a patentear o seu completo antagonismo com a simplicidade de Jesus.

Não sei se Lux achará “mesquinho e desarticulado” este modo de raciocinar.

A opinião de S. Sa. a tal respeito me é absolutamente indiferente. Escrevo para os homens criteriosos e ponderados que se não acham sob o guante implacável de um sectarismo digno somente das mais remotas épocas de barbárie e de horríveis negros intelectuais...

Para não ser prolixo, por hoje faço ponto com a profunda sentença de C. de Renesse: – Cristo nunca impôs dogmas. Não inventou nem instituiu nenhum sacramento. Os dogmas e sacramentos só foram imaginados muito tempo depois de sua morte.

(A República — 17 de janeiro de 1911.)

1.4 - Infallibilidade papal

Continuando a mostrar, pelo estudo dos evangelhos, o profundo antagonismo que se patenteia entre a doutrina de Jesus e a seita católica, desço à análise do dogma monstruoso da infalibilidade papal. Esta aberração decretada no célebre concílio de **1870**, durante o pontificado de Pio IX, é o mais formidável atentado que se poderia perpetrar à integridade e pureza dos ensinamentos messiânicos. Fruto exclusivo do orgulho humano – só encontra justificativa na desordenada ambição que sempre moveu os pontífices de Roma a ampliarem o seu poderio como reis da Terra, quando Jesus só nos falou e prometeu o reino celestial. A pretensão de infalibilidade só poderia ser cabível em um ser cujos atributos atingissem às culminâncias da sabedoria e da virtude quais se enfeixam magnificamente na essência do Absoluto.

Para julgar indefectivelmente é preciso conhecer as relações de todas as coisas, a seqüência de todos os acontecimentos, a trama infinita das modalidades universais.

E pode o homem atingir à posse desses predicados simplesmente por se encontrar no ápice de uma hierarquia sacerdotal? Absurdo.

São por demais sabidos os tortuosos caminhos que conduziram ao trono do Vaticano bispos e cardeais amolecidos na ociosidade, no luxo que lhes facultava o desfrute de riquezas nababescas.

Baronio nos conta que “as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam os seus amantes serem papas”.

Genebrando sustenta por sua vez que "durante cento e cinqüenta anos os papas, em vez de apóstolos foram apóstatas.”

Estas citações não podem ser acoimadas de inverosimi- lhança, pois foram extraídas de um escritor católico – o bispo croata Strossmayer, que heroicamente se opôs às deliberações da assembléia organizada para implantar mais um dogma – o da infalibilidade – na estrutura do catolicismo.

E ainda o mesmo Strossmayer quem formula, no concílio apontado linhas acima, a terrível pergunta: – Sereis capazes de igualar a Deus todos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos bispos de Roma?

A criação do papado implica a supremacia de um chefe de súditos enfileirados em séries obedientes ao seu mando nem sempre pautado pela doçura e justiça conforme a exemplificação de Jesus.

Manuseando os evangelhos encontro este trecho edificante que o condena irremissivelmente:

Porém Jesus lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles e os que têm sobre eles autoridade chamam-se benfeitores.

Não há de ser, porém, assim entre vós outros, mas o que entre vós é o maior faça-se como o mais pequeno e o que governa seja como o que serve. (Lucas, cap. XXII, vers. 23 e 25).

Daí concludo racionalmente que a instituição do papado não se harmoniza com as disposições preceituadas por Cristo aos seus apóstolos.

O Espiritismo, rejeitando-a, está com o Divino Mestre, cinge-se às suas inspirações de humildade, respeita o seu pensamento ungido em lições de soberano amor, de justiça e de paz encaminhando os homens à conquista do Bem, que é o termo final de seus luminosos destinos.

[*A República* – 25 de janeiro de 1911.]

1.5 - A confissão auricular

Em artigo anterior toquei de leve no problema da confissão auricular.

Provocado por Lux a estabelecer um confronto entre os textos dos livros sagrados e os arranjos acomodaticios dos concílios romanos, que engendraram gradativamente a forma atual do catolicismo, necessito apontar os libelos condenató- rios desta prática exótica da igreja, ainda em vigor ao prelúdio alvissareiro do século XX.

Não vou rebuscar opiniões profanas, suspeitas de parcialidade, nem dizeres hauridos na documentação opulenta da ciência positiva, que já eliminou de suas cogitações esses tristes vestígios do fetichismo primitivo.

Abeberar-me-ei das fontes inconcussas que manam da Bíblia e do Novo Testamento por forma a me prevalecer dos mesmos elementos invocados na teologia, com a diferença apenas de que não violento nem amaneiro as idéias ali cristalizadas a fim de adaptá-las à força ao interesse das minhas convicções pessoais.

Nos trechos que passarei a trasladar para este comentário sintético, a clareza e precisão dos termos são de uma limpidez tão flagrante, a ponto de dirimir fundamentalmente qualquer dúvida sobre o seu verdadeiro sentido. Ou se os aceita na plenitude de uma significação insofismável ou põe-se à margem a autoridade dos conceitos bíblicos tão amiúde trazidos a lume pára firmar doutrinas que a igreja inculca como indefectíveis, por se esteiarem quase exclusivamente, nos arroubos

das inspirações proféticas.

Se a revelação divina está consubstanciada nesses dois monumentos que fazem a glória do povo de Israel (e assim pensa o catolicismo) qualquer afastamento de seus ensinamentos é um sacrilégio.

Qualquer instituição baseada em outra ordem de considerações alheias ao seu alcance pode quando muito apresentar-se como resultado falível da humana deliberação, mas nunca pretender impor-se qual se fora emanada dos desígnios providenciais do Ser Supremo.

Ora, é precisamente o caso da confissão auricular. São Paulo, em uma de suas epístolas aos romanos, diz: – E assim cada um de nós dará conta a Deus de si mesmo. Antes já pronunciara: – Porque no mesmo em que julgas outro a ti mesmo te condenas; porque fazes essas mesmas coisas que julgas.

Nos Salmos lê-se: – Confessarei a Jeová as minhas transgressões.

Daniel exclama: – Ao Senhor nosso Deus pertencem as comiserações e os perdões... e confessara o meu pecado diante do Senhor meu Deus.

Estará porventura a confissão auricular em obediência aos claríssimos preceitos aí enumerados? Absolutamente, não. Logo, a igreja admitindo-a, aparta-se dos dispositivos consignados nos livros santos. A nossa tese fica mais uma vez confirmada.

Qual venha a ser a origem desta instituição? É fácil resolver a pergunta e consultando a *História Eclesiástica* do reverendo padre Rivaux. No ano de **1215**, o **12º** concílio ecumênico e **4º** de Latrão

(...) decretou no **21º** dos seus setenta cânones, que todo fiel de ambos os sexos, chegado à idade de discricção, confessasse ao menos uma vez cada ano todos os seus pecados ao seu próprio sacerdote, isto é, ao seu pároco, e comungasse três vezes ao ano, na Páscoa, no Pentecostes e no Natal.

Draper se exprime como segue em seus *Conflitos da Ciência e da Religião*.

Por ato do **4º** concílio de Latrão, que se realizou em **1215**, o poder inquisitorial foi espantosamente fortificado pela confissão auricular, que foi declarada obrigatória. Isto dava aos inquisidores a onisciência e ubiqüidade em todos os assuntos domésticos. Desde então não houve um homem que dentro de sua própria casa estivesse em segurança.

Vê, pois, Lux que não me insurjo contra a doutrina de Jesus: quero-a e?Ti sua essência primitiva, na pureza com que foi pregada e transmitida a seus apóstolos. A obra dos concílios, por humana, é inquinada de falhas, absurdos, contradições. Deve ser submetida ao crivo de uma análise percuciente e se não resistir a este joeirar do entendimento será rotulada, sem remissão possível, entre as velharias do passado... nada mais. A confissão auricular incorre nessa falta gravíssima, é um atentado ao bom senso, a moral e aos evangelhos. Nunca foi praticada por Jesus. Se a rejeitamos estaremos ou não de acordo com o Divino Mestre?

(*A República* — **31** de janeiro de **1911**.)

1.6 - Encomendação de defuntos

Incitado por Lux a quem cabe a inteira responsabilidade das análises que venho procedendo no catolicismo, ocupar-me-ei hoje da encomendação dos defuntos, cerimônia lucrativa para a igreja mas inteiramente contrária ao espírito dos evangelhos. Por mais que tenha manuseado meticulosamente a obra-prima da moral universal onde a vida de Jesus é narrada pelos apóstolos incumbidos dessa missão gloriosa, não encontro trecho algum para justificar a encomendação dos defuntos.

Jesus jamais realizou semelhante prática nem autorizou-a em qualquer de suas parábolas ou alegorias cujas interpretações desencontradas e absurdas deram origem a vários credos religiosos emanando dos mesmos textos, entendidos diversamente conforme as épocas do desenvolvimento seriário da mentalidade humana.

Tal prática da igreja católica, em face mesmo dos seus ensinamentos fundamentais, é um contra-senso verdadeiramente inqualificável.

Para a teologia dominante, a existência do inferno constitui axioma: a alma do réprobo, após a morte corpórea, afunda-se irremissivelmente na geena das torturas eternas. Aí há

caldeirões fúmegantes, lagos de fogo, uma legião incontável de espíritos perversos destinados a infligir castigos sem fim aos que não jejuarem ao menos pela Páscoa, não se confessarem sequer uma vez por ano, não obedecerem, em suma, aos preceitos pueris de uma seita que se arroga o direito exclusivo da salvação das almas...

Imaginemos agora que um homem dissoluto, invejoso, cruel, minado de ambições, coberto de pecados... acabe de morrer.

Era um revoltado contra as imposições do catolicismo. Logo, a sua sentença é irrevogável: esta alma irá diretamente para o seio abrasado, para os domínios deste rei de chifres, que é Satanás.

No entanto, vai o cadáver ao fúnebre ofício. Um sacerdote, mais ou menos paramentado, reza-lhe o latim da pragmática, atira-lhe com o hissope algumas gotas de água fria e recebe depois (o que é essencial) os honorários da tabela estabelecida pela Santa Sé.

Ora, se a condenação às penas eternas, conforme o dogma católico, é absolutamente inapelável, a recitação do *de profundis* em nada aproveita à alma por ela atingida. Nem milhares de missas enfileiradas, numa intérmina seqüência, poderiam jamais subtraí-la, um só instante, aos infernais suplícios.

A encomendação, mesmo em latim, assume destarte o aspecto de um duplo engodo; para o infeliz que se debate entre as garras de sôfregos demônios e para a família que, havendo feito uma despesa a mais, julga o parente guindado às delícias da bem-aventurança.

Na hipótese do homem virtuoso, merecendo o céu, o simples fato de uma ladainha entoada, clara ou fanhosamente, por forma alguma pode alterar o êxtase soberano que se deve sentir entre serafins radiosos.

Resta apenas o caso do purgatório.

A igreja sustenta que as suas preces pagas podem transferir ao reino da glória as almas colocadas nessa bem dolorosa situação transitória.

Figuremos o exemplo de duas criaturas desigualmente favorecidas pela fortuna. Uma desfruta o esplendor das riquezas terrenas, a outra sorve, trago a trago, o fel das desventuras propinadas pela extrema pobreza. Mas ambas, depois da morte, se encontram nas paragens dúbias do purgatório. A família do rico despende ouro a mãos cheias com missas, responsos, indulgências a granel... e obtém assim a salvação do ente amado. A do pobre, sem recursos materiais, nada pode fazer em tal sentido; perde a esperança de melhorar a sorte do que se foi para o além, desamparado na morte como já o fora em vida.

E a misericórdia de Deus onde se esconde para permitir tão revoltante mercadejar com a posse de seu augusto reino?

Esta interrogação desvenda o absurdo inexprimível de semelhante doutrina atentatória aos atributos por excelência da Perfeição Absoluta.

Ç4 República — 9 de fevereiro de 1911.)

2. Peças literárias

2.1 - Na serra

Alvorece.

Para o poente, longe, os montes embebem as sossegadas pontas firmes no azuleamento largo do céu; no oriente, o alargar silencioso da luz que sobe por trás da montanha, tangencialmente, veste as coisas de uma toalha d'ouro.

Lá, indecisões lívidas de crepúsculo espiritualizando a paisagem; cá, vômitos de aurora ensopando tudo... tudo...

Pouco a pouco a vila se ilumina.

E uma luz loira, alegre e morna, esgueirando-se pelas janelitas que se rasgam, correndo as ruas que se movimentam, estilhaçando-se nas vidraças, uma luz boa que refocila-nos à alma.

Tilinta o sino da igreja, de uma só torre poliédrica, alva como as almas das santas.

Passam raparigas que vão | missa de vestidos simples apertando a rijeza sadia da carne pubescente, riso franco e ingênuo no lábio fresco de rosa e suave olhar jovial...

Há por toda a parte uma alegria forte de hino, triunfante, diluvial.

Em tanto, filha, sinto-me triste, porque não posso ver a alegria adorável do teu semblante puro, que me é muito mais querida do que todos os hinos, do que todas as alegrias da natureza...

Seis da tarde.

Da lactescente alvura do céu, vestido de névoa, escorrem os filetes sonoros da chuva, pousando nos lavados telhados nédios...

O frio é penetrante e mau.

Ouço o estrondo das torrentes, descendo numa fúria de loucas para o fundo escuro dos barrancos.

Em cima, na lomba indecisa da serra, as foscas tintas da noite que se desenrola, sombreiam, fundem os contornos das casinhas que pintalgam o doce verde-escuro das matas.

Nenhum transeunte, nenhuma janela aberta!!!

As tortuosas ruas da vila se imobilizam numa pesada calma de granito dormindo o sono de muitas idades...

Olhando para este cenário triste, magoadamente triste, meu aflito coração vazio sente desejos de ir indo, assim, parando serenamente, pausadamente, numa sombra de saudade infinita, que não se compreende, que não se define...

(Revista *Evolução* - 25 de agosto de 1893.)

2.2 — Marcha fúnebre (dó bemol)

... Ao entardecer o meu último sonho murcho quis compor a ária dolente como um *miserere*, no doloroso tom da cantilena que ouvira em criança, muitas vezes, ciciada na cape-lita aldeã, junto ao féretro de algum campónio que ia repousar além, entre flores silvestres e ervas crescidas.

Em uma melopéia embebida de sons abafados, notas de agonia mortuária, longos gemidos rolando como sonoras mágoas de órgão no apavorante silêncio de um mosteiro medieval.

Cantos que lembrassem preces balbuciantes em roxos lábios de moribundo e súplicas de condenados no úmido ambiente dos cárceres.

Sombrias modulações e ritmos sombrios como o estourar de vagas bravias em torvos rochedos, pelas noites de tempestade, arrepios de escalas imitando o lúgubre

grasnar de corvos em charnecas açoitadas de frios hibernais...

... E, como aportasse entre as mãos o violino, ouvi estranho soar piedoso dentro do peito.

Meu coração entoava a marcha fúnebre de seu último sonho murcho para sempre... murcho...

(Revista *Iracema* — agosto de 1895.)

2.3 — A lição de italiano

Fora à serra unicamente para vê-la. Quantos meses de um lento e fundo suplício acabavam de rolar! Quantas noites de infinitas saudades em vigílias dolorosas eu passara depois que ela partira!

Agora, estava ali no lugarejo onde ela estava também e no entanto ainda não pudera saciar esse desejo voraz de vê-la, que me torturava barbaramente.



Vianna aos 30 anos, quando cultivava um bigode 'gavota', moda à época.

Quinta-feira, 21, voltava de um passeio pela estrada.

Ia anoitecer.

Os crepúsculos na serra têm uma doçura e uma tristeza mística, que apertam a alma dolorosamente. E como eu olhasse para os longes verdes carregados em tons de veludo, tocados das últimas refrações, olhasse o céu desbotado, sujo de nuvens esfarrapadas aqui e além, fui sentindo necessidades de pranto, um abandono incompreendido em que toda a minh'alma voltava-se para ela chamando-a, chorando-a numa agonia suprema.

Apertei os passos para o lugarejo.

Ao passar pelo colégio onde estupidamente a tinham enclausurado, ouço vozes. Escuto. E uma aula. Atrevido, olho pela frincha da janela cerrada: pelo corpo correu-me um resfriamento. Há alguns passos apenas eu via-a divinamente bela. Falava o italiano, esta língua suavíssima, que me encanta hoje porque seus lábios sabem proferi-la. Um xale escuro envolvia-lhe a garganta em dobras que lembravam as mantilhas sevilhanas, destacando a perfeição altiva da cabeça em graças de rainha. Os olhos grandes e doces, embebidos de luz, fitavam o professor em vez de me fitarem. A boca vermelha e fresca recitava formosas palavras, que me sugeriam versos de Stec-cheti e d'Ariosto.

Como ela tinha mudado! Estava mais alta, mais forte, mais séria!

Eu demorava-a com o olhar. Tinha ânsias de falar-lhe muito... muito...

E nessa quinta-feira, 21, em que vi-a tão perto de mim sem ela ter me visto, não pude adormecer à noite quando recolhi-me à lóbrega morada, úmida de chuva, nua de móveis, triste, tristíssima, onde me esperava um leito frio como uma chapa de ferro exposta ao gelo.

(Revista *Iracema* — agosto de 1895.] 197

2.4 - Súplica

Olha-me!

Há refulgências penetrantes, nívea maciez de luar, delíquios de opala, vesperais blandícias, forças virgens de imã nessa pupila que esplende embebida num éter de fascinação.

A alma dos lírios, cândida, esvoaça no tranqüilo fulgor que dela se irradia em vibrações magnéticas.

Véus de doçura excelsa, confissões piedosas, ondeantes neblinas inefáveis coam através o fluido de teus olhos.

Fala-me!

Na tua voz de módulos canoros se agita a escala inteira dos rumores brandos, o ciciar do vento em palmeiral cerrado, a plangência da onda na arenosa praia, a melodia branca dos regatos que fogem, pressurosamente, entre seixos polidos.

...

Ama-me!

O teu amor é a luz dos estrelados céus, o flavo entreabrir das madrugadas frescas, a música gentil dos rouxinóis cantando.

E o sonho, a prece, o entusiasmo e o êxtase...

(Facetas.)

2.5 - Ruínas

Na extensa planície, sob o céu pardacento, feria a vista um montão de pedras que a hera tenra, muito verde, enfeitava com os tons de uma aquarela vívida.

Em roda, aves lentas, que fizeram os ninhos na fenda sinuosa das rochas, passavam em vôos baixos, vendo a noite chegar.

Perto, nenhuma habitação.

Apenas, esfumada na distância, perdida nas vaporizações do crepúsculo, uma casinhola aparecia como um laivo branqueando a sombra indecisa do horizonte.

Voltei-me para o guia mudo a alguns passos:

— Que vem a ser isto? e apontei-lhe o montão de pedras conglobadas ruinosamente e de onde se exalava não sei que eflúvio de saudosas idades.

Uma construção do tempo dos holandeses.

De novo silenciou, olhando os longes que se atufavam gradativamente no naufrágio da luz. Ia anoitecendo.

A frouxa claridade esparzia, ao esmorecer, pela rasa planície, uma meia tinta vaga, misteriosa, pacificante.

As coisas adormeciam e o céu pardo enlutara-se.

A sugestão daquelas ruínas infiltrou no meu ser a íntima tristeza de pensar desconsoladamente no Humano coração muita vez derruído sob o látego acerbo de tantas amarguras...

(.Facetas.)

3. Alocução espirita

3.1 — Homenagem ao natal de Iesus

Não se apagara ainda a dolente ressonância das liras proféticas, mesclando os acentos, repassados de sagrado misticismo, aos queixumes da torrente de Cedron e aos ais desferidos pelos robles que se aprumavam nos cimos do Líbano alteroso.

Os salmos de Davi, os cantares do sábio rei de Israel e as lamentações de Jeremias pareciam esvoaçar como a alma da celeste inspiração adejando invisível, por sobre as franjas azuis

balouçadas em Tiberíades ao tanger das arfagens ou errando solitária na espessura dos hortos silenciosos.

Essas vozes de outras eras afogadas em reminiscências pungitivas, esse encanto ingênuo das lendas que abrandaram os reveses de uma raça, secularmente trabalhada pela desventura, clareavam a consciência coletiva da Judéia com os dilúcu- los de uma esperança prestes a se corporificar em consoladoras realidades.

Um sopro de íntima crença nas promessas enunciadas pelos visionários do futuro agitava a aspiração nacional, mesmo sob os negrimes opressores do despotismo, jorrando sem cessar da Roma pagã, reclinada como uma odalisca em seu leito de baixezas e iniquidades.

Senhores, enquanto Tibério César entorpecia as áscuas do remorso com as delícias de Capri, Herodes – seu acólito nas tiranias – desfechava além os raios de uma cólera indômita, alvejando as dolorosas solicitações de súditos imbeles.

O sucessor de Augusto abandonava a sorte do Império à mercê de um Senado, rastejando a seus pés no mesmo charco de sangue e de crimes em que a nobreza se rojava vilipendiada e investia ao tetrarca da Galiléia com poderes discricionários para saciar as aberrações de seus nefandos instintos.

Em Roma campeava a orgia infrene, solapando os frágeis esteios de uma opulência material que mais tarde as ruivas legiões da Germânia, desencadeadas como avalanches vivas; viriam precipitar no sorvedouro de um fragoroso aniquilamento.

Aquela glória da República evaporava-se nos triclinios atufados de purpúreos coxins, nas termas e nos circos apinhados de multidões atraídas pela camagem de espetáculos em que as feras talvez fossem mais humanas do que os próprios homens.

O *panem et circenses* definia, numa fórmula concisa, o nível a que atingia a estrutura social na pátria de Catão.

Mas... pousemos também um olhar retrospectivo nessa faixa asiática apertada entre a Fenícia e o Mediterrâneo, o lago Asfaltite e os candentes areais do deserto. É a Palestina dos hebreus, cujos fastos retinam ao clangor das batalhas e se coroam de lendas impregnadas com os matizes de um orientalismo bizarramente imaginoso.

Cenário de prodígios que se encadearam desde a revelação do decálogo patenteado a Moisés, nas escarpas fumegan- tes do Sinai, até as visões de Ezequiel e desde o surgir inescrutável das palavras fatais no festim de Baltazar até o anúncio de Malaquias, desdobrando novas perspectivas aos filhos de Jacó.

Naquele assombroso instante da história israelita, nim- bos de ansiedade se conglobavam ameaçadoramente em seus conturbados horizontes.

Duas leis pesavam como castigo, comprimindo os infortúnios da plebe, submersa em caligens de obscurantismo gerado pela insensatez de cultos bárbaros, que se voltavam exclusivamente aos ouropéis das exterioridades.

A situação política era contristadora: cumular o erário imperial para servir aos desregramentos vertiginosos dos dominadores, eis o molde em que se vazava todo aquele mecanismo administrativo.

Reagir contra o absolutismo esmagador seria cavar ruínas mais retumbantes que o desabar das muralhas de Jericó ao som dos hinos sacros entoados outrora para conquistar Canaã.

Os legionários da península se vangloriavam, recordando nos acampamentos o suplício de Vercingetorix e os lauréis entrelaçados na frente do vencedor dos gauleses.

Ao mais ligeiro assomo de revolta, arrojaram-se sobre Jerusalém, em massas inexpugnáveis, despedindo a morte.

Era mister, pois, apelar para uma intervenção que, emanando do céu, em prol de tantos oprimidos, viesse partir o jugo de um cativo hediondo.

E, com efeito, aquele povo – estranho no solo de seus predecessores – curvado ao látego de inexoráveis provanças, sustinha-se apenas na fé, que dulçurosamente lhe falava de um salvador.

Os surtos de sua imaginação exacerbada pela sede de vingativas represálias figuravam-no como ínclito guerreiro, conduzindo ao triunfo libertadoras hostes invencíveis.

O enviado de Deus deveria ser um rei, ostentando ruidosas pompas a sua passagem por entre as louçanias de uma glória compatível com a grandeza de sua missão excepcional.

Mas eis que, uma noite, nas circunvizinhanças da modesta Belém, os pastores, que cismavam contemplando o escrínio fulgido engastado no côncavo azul do infinito, ouviram pelas alturas sons se desatando em ondas de ignoradas harmonias.

Fascinadora claridade, cingindo o bojo tímido das nuvens, vinha pousar sobre a terra adormecida e embalada no regaço das amplidões siderais.

Hosanas misteriosas vibravam alacremenente seus cânticos suavíssimos.

Cumpriam-se as profecias: Jesus estava entre os homens.

No entanto, senhores, a estrela que apontara rumo aos reis do Oriente não se quedara imóvel, assinalando como término de sua jornada os torreões de um palácio.

A sua luz tranqüila coavá-se pelas frinchas dessa choupana alpestre em que o predestinado Rabi descerra as pálpebras infantis para descortinar muito em breve o conturbado oceano das misérias terrenas.

Ali fora cinzelada a primeira estrofe dessa tocante humildade que o excelso reformador tão singularmente consubstanciava no transcorrer de sua peregrinação, fecunda em modelos dignos das reverências cultuais de todas as idades.

Senhores, o berço de Jesus, intencionalmente desataviado de galas, que exprimem os frêmitos do orgulho, representa a olímpica cristalização da serena bondade, florescendo no pântano escuro das paixões humanas.

Aquela criança frágil, cujos primeiros vagidos foram recolhidos pelas auras embalsamadas ao roçarem o vale de Josafá, vinha transfundir auroras no vórtice de uma civilização que agonicamente bracejava sob os tentáculos do paganismo esterilizador.

De seus lábios santificados iam fluir ensinamentos tecidos com as refulgências dos gênios para a edificação das gerações do porvir.

O amor, a doçura, a tolerância e a caridade douravam a blandícia de seus princípios e atos com uns arrebóis imortais...

E que ele consagrara a existência em consolar os aflitos, curando os enfermos, sustentando os fracos e, por fim, consentindo em seu próprio holocausto, para sancionar o brilho incomparável de sua missão na Terra.

Suave e puríssimo Jesus: à sombra de tua magnânima égide acolhem-se os espiritas.

Viageiros fatigados em caminhos de exílio, buscam vislumbrar no poente o íris da bonança, irradiando esplendores nos penetrais da imortalidade.

A tua doutrina é para nós um símbolo sem par, desdobrado luminosamente sobre o cairel das provações necessárias ao aperfeiçoamento de nossa essência espiritual.

Bafeja-nos a confiança que depositamos em tuas sublimes promessas.

Mas... as nossas fraquezas e rebeldias ainda nos enlaçam

Sê, pois, Jesus, o nosso amparo e guia nesta ascensão que nos conduzirá de progresso em progresso, de culminância em culminância, até ao seio dessa Bondade Infinita, dessa Absoluta Fonte de todo o Bem e de todas as perfeições, que é Deus.

(Alocução proferida na sessão da FEB, em homenagem ao Natal de Jesus, em **1908**, e na Loja Maçónica Igualdade, em dezembro de **1910**, em Fortaleza, Ceará.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

Anuário Espírita **1970**. Ed. Instituto de Difusão Espírita, Araras, São Paulo, **1970**.

AZEVEDO, Otacflíio de. *Fortaleza descalça*. Ed. Universidade Federal do Ceará (Casa de José de Alencar), Fortaleza, Ceará, **1992**.

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Vol. **1**, Ed. Instituto do Ceará, Fortaleza, Ceará, **1948**.

CARVALHO, Vianna de. *Facetas*. Rio de Janeiro, DF, **2.ed.**, **1910**.

CARVALHO, Vianna de. *Palavras de Vianna de Carvalho*. Organização de Luciano Klein Filho e Francisco Cajazeiras, Ed. Federação Espírita do Estado do Ceará, Fortaleza, Ceará, **1995**.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Enfoques espíritas*. Ditado pelo espírito Vianna de Carvalho, Ed. Capemi, Rio de Janeiro, RJ, **1980**.

GAMA, Ramiro. *Seareiros da primeira hora*. Vol. **1**, Ed. Eco, Rio de Janeiro.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Ed. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, **1984**.

GODOY, Paulo Alves. *Grandes vultos do espiritismo*. Ed. Federação Espírita do Estado de São Paulo, São Paulo, SE **1981**.

GODOY, Paulo Alves et LU CENA, Antônio de Souza. *Personagens do espiritismo*. Ed. Federação Espírita do Estado de São Paulo, São Paulo, SR **1982**.

LIMA, Miguel Forfirio de. *Icô em fatos e memórias*. Icô, Ceará, **1995**.

MACHADO, Leopoldo. *A caravana da fraternidade*. São Paulo, Ed. Grs da Revista dos Tribunais, **1954**.

MACHADO, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alu Machado de Assis*. Ed. Lachâtre, Niterói, Rio de Janeiro, **2.ed.**, **19i**

MELLO FILHO, Luiz de. *Maçonaria no Ceará, lojas e obreiros*. Fortala Ceará, **1973**.

MONIZ, Pedro. *Versos de ontem*. Ed. Typografia Studart, Fortaleza, Ceará **1896**.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho et GARCIA, Wilson. *Cairbar Schutei, o bandeirante do espiritismo*. Ed. Casa Editora O Clarim, Matão, SP, **1986**.

NEVES, Margarida de Souza. *A ordem é o progresso; O Brasil de 1870a 1910*. Ed. Atual, São Paulo, SI* **7.ed.**, **1996**.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Ed. Gráfica Editorial Cearense, Fortaleza, Ceará, **1975**.

PALHANO JR, Lamartine (Coordenador). *Dossiê Jeronymo Ribeiro*. Ed. Fundação Espírito-Santense de Pesquisa Espírita, Vitória, Espírito Santo, **1993**.

QUINTAO, Manoel. *Cinzas do meu cinzeiro*. Ed. Federação Espírita do Paraná, Curitiba, Paraná, **1952**.

RAMOS, Clóvis. *A imprensa espírita no Brasil, 1869—1978*. Ed. Instituto Maria, Juiz de Fora, Minas Gerais, **1979**.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Ed. Martins, São Paulo SJJ **7.ed.** **1970**.

STUDART, Guilherme. *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. Vol. **2**, Ed. Typo-Lithografia a Vapor, Fortaleza, Ceará, **1913**.

STUDART, Guilherme — *Dicionário bio-bibliográfico cearense*. Vbl. **3**, Ed. Typografia Minerva, Fortaleza, Ceará, **1915**.

STUDART, Guilherme. *Para a história do jornalismo cearense, 1824—1924*. Typografia Moderna, Fortaleza, Ceará, **1924**.

VÁRIOS AUTORES. *Um inquérito original: tem cabimento a música nos atos ^{espíritos?}* Ed. Lar de Jesus, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, 1944.

WANTUIL, Zêus. *Grandes espíritas do Brasil. Ed. Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ, 1969.*

jornais

A Luz. Maceió, AL.

A República. Fortaleza, CE.

A Tribuna. Fortaleza, CE.

Correio do Ceará. Fortaleza, CE.

Cruzeiro do Norte. Fortaleza, CE.

Diário do Ceará. Fortaleza, CE.

Manhã de Sol. Fortaleza, CE.

Mato Grosso Espírita. Cuiabá, MT.

O Bandeirante. Fortaleza, CE.

O Clarim. Matão, SP.

O Nordeste. Fortaleza, CE.

Pernambuco Espírita. Recife, PE.

Unitário. Fortaleza, CE.

Revistas

A Centelha. São Paulo, SP.

Ceará Ilustrado. Fortaleza, CE.

Evolução. Fortaleza, CE.

Iracema. Fortaleza, CE.

O Espírita. Brasília, DF.

Reformador. Rio de Janeiro, RJ.

Revista da Academia Cearense de Letras. Fortaleza, CE.

Revista Espírita do Brasil. Rio de Janeiro, RJ.

Revista Internacional de Espiritismo. Matão, SP.

Revista Verdade e Luz. São Paulo, SP.

Entrevistas

Divaldo Pereira Franco, Fortaleza, CE, agosto de 1998.

Leonardo de Carvalho, Fortaleza, CE, **18** de novembro de **1995**.

Maria Augusta Guimarães dos Reis, Fortaleza, CE, **28** de fevereiro de **1999**. Renato de Carvalho, Fortaleza, CE, **25** de novembro de **1995**.

Outros Documentos

Album de Visitas do Estado do Ceará, **1908**.

Ata de Fundação do Centro Espírita Cearense.

Ata de Fundação da Loja Maçônica Vianna de Carvalho.

Boletins Militares.

Cartas de Vianna de Carvalho, **1914**.

Fé de Ofício de Vianna de Carvalho.

Livro de Registros da Loja liberdade, **1904**.

Palestra proferida por Divaldo Pereira Franco (fita cassete), em **10** de dezembro de **1974**, no Clube Militar do Rio de Janeiro.

Instituições Pesquisadas

Academia Cearense de Letras.

Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ.

Arquivo Público — Fortaleza, CE.

Associação Cearense de Imprensa.

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Biblioteca Pública Menezes Pimentel, Fortaleza, CE.

Colégio Militar de Fortaleza.

Cúria Diocesana de Iguatu, Iguatu, CE.

Grande Loja Maçônica do Estado do Ceará.

Grande Oriente Estadual do Ceará, GOB.

Instituto do Ceará.

23° Batalhão de Caçadores, Fortaleza, CE.

28° Batalhão de Caçadores, Aracaju, SE.